



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOSÉ MANUEL CONCEIÇÃO CALADO PACHECO

A urgência de partilhar o pão, hoje.

**Uma reflexão a partir da unidade letiva 3:
“A Partilha do pão” do 6.º ano do Programa de EMRC**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Mestre Juan Francisco Ambrósio
Doutor José Manuel Pereira de Almeida**

**Lisboa
2020**

ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	4
INTRODUÇÃO GERAL	5
I CAPÍTULO –A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	8
1. Uma opção	8
2. O contexto da prática de ensino supervisionada	18
2.1. Caracterização da Escola Salesiana de Manique	18
2.2. Caracterização da turma 6.º E	21
3. A unidade letiva 3 do 6.ºano	26
3.1. Análise crítica da UL – inserção no ano e ciclo e relevância para os alunos	30
3.2. Motivação para a escolha	33
4. A lecionação da Unidade Letiva 3-	35
4.1. Planificações e relatórios de aula	38
5. Reflexão sobre a lecionação da unidade letiva 3	59
6. Desafios e interpelações	61
II CAPÍTULO - O DOM E A PARTILHA	
ENQUADRAMENTO ANTROPOLÓGICO, BÍBLICO, TEOLÓGICO E DA D.S.I.....	68
1.Perspetiva Antropológica –A dimensão simbólica do alimento	68
2. Perspetiva Bíblica- A Multiplicação dos pães e dos peixes (Jo, 6, 1-15)	72
3. Perspetiva Teológica do tema: a Eucaristia – banquete de partilha e fraternidade.	79
4. Perspetiva da D. S. I.	87
4.1. O bem comum	87
4.2. A dinâmica do dom.....	89
4.2.1. A dinâmica do dom in Caritas Veritate.....	91
4.2.2. A dinâmica do dom in “A alegria do Evangelho”	93
5. Desafios e interpelações	98

III CAPITULO - PROPOSTA DE UMA ATIVIDADE.....	98
1.Preparação	104
2.Programa da atividade : Partilha do pão.....	106
21. Enquadramento da Atividade	108
2.2. Mesa redonda	109
3.Desafios e interpelações	114
CONCLUSÃO.....	98
BIBLIOGRAFIA	116

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

GS	Gaudium et Spes
UL 1	Unidade letiva 1
UL 3	Unidade letiva 3
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
EMRC	Educação Moral Religiosa Católica
ESM	Escola Salesiana de Manique
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).
FES	Família Escola e Sociedade
NEE	Necessidades Educativas Especiais
ONU	Organização das Nações Unidas
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PMA	Programa Mundial de Alimentos
SOFI	Insegurança Alimentar no Mundo

RESUMO:

A partir das questões levantadas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada (PES) que motivaram o presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada – sobre a indiferença da sociedade hodierna perante a fome e a necessidade de sensibilizar os alunos para tal, procurou-se refletir de que forma a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode contribuir para promover atitudes de partilha e fraternidade.

Feita a pesquisa documental sobre a dinâmica do dom que implica a partilha e a sua relevância para a dignidade da vida humana, foi-se construindo uma proposta baseada numa pedagogia cooperativa que ajude os alunos a refletir sobre as questões lançadas pela fome e a indiferença e, por consequência, a necessidade de partilhar e de construir fraternidade.

PALAVRAS-CHAVE:

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica, partilha; dom, Doutrina Social da Igreja; fome; pedagogia cooperativa.

ABSTRACT:

The set of questions triggered throughout our supervised teaching practice which were the foundation for the current pedagogical-theological inquiry, acted as a starting point for attempting to understand how the course in Catholic Moral and Religious Education can play a role in helping this attitude.

After all the background research about common good and its relevance for the dignity of the human life had been carried out, we developed a pedagogical proposal based on service learning that may help students to engage in poverty issues in general and in famine issues in particular, on the one hand, to raise their awareness about both these topics, on the other hand.

KEY WORDS: to share; gift; the Church's social doctrine; solidarity; cooperative pedagogic.

INTRODUÇÃO GERAL

Vamos começar o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada no qual vou fazer uma reflexão a partir da unidade letiva 3: “A Partilha do pão” do 6.º ano do Programa de EMRC. O lema que escolhi é: “A urgência de partilhar o pão, hoje”.

Creio que esta será uma viagem surpreendente e inesperada a cada momento, como o é a própria vida e fá-lo-ei tendo em conta que estamos situados numa sociedade em que é urgente e necessário construir a verdadeira fraternidade e educar com espírito cooperativo.

A lecionação da Unidade Letiva acima referida é um excelente subsídio para a construção de uma personalidade sólida, assente em verdadeiros valores que edificamos junto dos destinatários da mensagem que são os mais jovens de hoje, para que possam ir descobrindo os desafios mais importantes para a felicidade de cada pessoa humana e da sociedade em geral.

Proponho-vos, por isso, percorrermos este caminho para que se possa exprimir tudo isso com este nosso Relatório, seguindo este itinerário: no primeiro capítulo, partirei da experiência pessoal de lecionação e, sobretudo, no trabalho rico e profundo do ano de estágio na Escola Salesiana de Manique - cujo perfil e caracterização é descrito a partir da turma E do 6.º ano – para apresentar as razões da escolha da unidade 3: “A partilha do pão”. No segundo capítulo, após a busca do sentido da refeição numa perspetiva antropológica, farei o enquadramento bíblico e teológico até chegarmos ao ponto culminar e ápice da reflexão que é a abordagem do tema à luz da Doutrina Social da Igreja. No terceiro capítulo, com vista à concretização da lecionação da mesma unidade letiva 3, é apresentada uma proposta de atividade que não foi realizada na turma E do sexto ano da Escola Salesiana de Manique, devido aos condicionalismos próprios do contexto em que foi lecionada e das múltiplas atividades em que já estavam envolvidos os alunos destinatários da mensagem, a nível do Colégio.

Este tema, de grande atualidade, lança-nos vários desafios, ao ser abordado junto dos alunos das Escolas de hoje, na faixa etária concreta dos discentes do 6.º ano.

No âmbito do tema, vou lançando uma pergunta de fundo que, sempre na linha de desafios e interpelações para a vida dos alunos, pretende ser um alerta em relação à partilha e à solidariedade, questionando mesmo, nos vários âmbitos do trabalho, como poderemos pôr em prática esta urgência de partilhar hoje o pão e de fazer da vida uma partilha permanente construindo fraternidade. Tentarei, ao mesmo tempo, ir ensaiando uma possível resposta.

Terei em conta, no presente Relatório, uma especial atenção para com o objetivo pedagógico, mas também para com as perspetivas antropológica, teológica e bíblica, por um lado; e da Doutrina Social da Igreja, por outro. Ao observar, com olhar atento, a indiferença da sociedade hodierna perante a fome e a necessidade de sensibilizar os alunos para a partilha e fraternidade, tornou-se pertinente refletir como é que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode incentivar os alunos à prática concreta dessas atitudes.

Tendo como ponto de referência a pesquisa sobre a dinâmica do dom nos documentos da Doutrina Social da Igreja e a sua importância no âmbito da dignidade da vida humana, procurou-se propor uma pedagogia de tipo cooperativo que ajude os alunos a tomar consciência da necessidade de saber viver com os outros e para os outros. Nunca podemos imaginar como é que o que se propõe pode, um dia mais tarde, levar jovens em crescimento a repensar critérios e estratégias de ser e de agir, na construção do futuro.

Início este caminho procurando sempre estar aberto a todos os horizontes possíveis de pesquisa e ao potencial humano de pessoas que conosco caminham neste percurso e que nos desafiam a uma aventura bastante entusiasta e aliciante.

Pomo-nos a caminho e este faz-se caminhando, é só se pode fazer caminhando, como diz o escritor espanhol: “Caminhante não há caminho, o caminho faz-se ao caminhar”.¹

I- PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

¹ Cf. MACHADO, A., *Proverbios y Cantares, XXIX, in Campos de Castilla, 1912*, disponível em <https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2013/09/17/caminhante-antonio-machado>, consultado em 15 de dezembro de 2018.

1. Uma opção

Proponho-me, partir da minha experiência que é mais ampla e abrangente, como docente, que os contornos da nossa disciplina para chegar ao momento atual e para que se entenda melhor todo o meu percurso de vida.

Tinha apenas dezoito anos e já sentia o germinar de uma semente. Decorria o ano de 1983, estava a terminar o 12.º ano. Naquele momento, o meu currículo era constituído por três disciplinas: Literatura Portuguesa, Francês e Inglês. Por ter que repetir os exames de Literatura Portuguesa e Francês, durante o ano seguinte, surgiu a necessidade de substituição de uma professora de Português/Francês no 2.º Ciclo e, assim, comecei a lecionar em Lagos - área da minha residência. Aproveitei a oportunidade pois o meu sonho era ensinar línguas. No entanto, saliento que sempre me entusiasmou a ideia de continuar a aprender ensinando, que foi o que aconteceu naqueles anos, como vamos ver de seguida:

“Educar implica ensinar e aprender a subir pelos próprios pés. As crianças e os jovens cristãos conhecem isso mesmo, por experiência própria, diariamente aprendida na Família, na Escola e na Igreja, e os que querem subir os degraus da vida e escalar as montanhas do futuro sabem quanto isso custa e quanto isso vale”².

Subir pelos próprios pés aqui aplica-se ao que aprende, mas também ao que se ensina, ao educador que é um mestre na escola da vida e para a vida. Eu experimentava isso mesmo. Se, por um lado, constatava a alegria e o entusiasmo em começar a ensinar - um sonho meu de infância- por outro, sentia a minha aparente fragilidade e inconsistência, quer a nível científico, quer a nível pedagógico. Este foi um grande estímulo, ao meu empenho.

“A educação é tempo onde aprendemos a subir montanhas e lugar de onde partimos a escalar alturas. Educar não significa diminuir a altura nem evitar as dificuldades de escalar o alto das montanhas para de lá desvendar horizontes maiores. [...] O sabor das vitórias alcançadas vem

² SANTOS, A. F. dos, *Nota Pastoral sobre Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)*, Aveiro, 24 de junho de 2012, disponível em <http://www.educris.com/v2/29-destaques/2164-nota-pastoral-sobre-educacao-moral-e-religiosa-catolica-emrc>, consultado em 24 de abril de 2019.

sempre depois das dificuldades vencidas e dos obstáculos ultrapassados. A vida não cresce sem esforço. Os valores não se cultivam sem trabalho. O mérito não se conquista sem persistência”³.

Tendo começado, no ano seguinte, a frequência do Curso de Línguas e Literaturas Modernas - variante de Português e Francês, em Faro - Centro de Apoio da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, continuei a lecionar sempre na mesma área do que estudava. Durante uns anos, lecionei só a disciplina de Português, outros a de Francês ou as duas no mesmo ano letivo, dependendo sempre das necessidades das Escolas. Sentia motivação e estímulo, num misto de receio e alegria, o que era normal para quem estava a começar.

Ao ensinar ia aprendendo porque ensinando se aprende e se vai fazendo um caminho feito de estímulos e de desânimos, de avanços e aparentes retrocessos, que são sempre “males necessários” que se tornam um bem para quem se dispõe a pôr-se ao serviço da ingente tarefa que é a Educação porque estamos a tratar com pessoas em crescimento numa determinada sociedade.

Terminado o Curso, com cinco anos de ensino, ingressei no Seminário Redentorista de Vila Nova de Gaia e iniciei o Curso de Teologia na Universidade Católica Portuguesa (UCP) - Faculdade de Teologia do Porto terminando depois na Faculdade de Teologia de Lisboa.

Após a Ordenação Sacerdotal, em 1994 e a passagem pelo serviço de Capelão militar em Santa Margarida, região de Abrantes, voltei ao Seminário de Vila Nova de Gaia como membro da Equipa formativa e animava a sensibilização missionária nas Escolas onde era solicitado ou a pedido dos professores de EMRC. Este foi o meu primeiro contato com a nossa disciplina. Percorri muitas Escolas deste país, tendo-me apercebido, por um lado, do reconhecimento da disciplina e, ao mesmo tempo, da necessidade da sua presença ser mais interventiva. Conheci alguns Estabelecimentos de Ensino que possuíam uma alta percentagem de frequência da disciplina, até quase total em algumas Escolas e em que o professor era

³ *Ibidem.*

considerado e reconhecido, havendo outros com três ou quatro professores porque todas as turmas tinham frequência na disciplina, o que já não acontece hoje no Sul. Noutras Escolas, apesar de percentagens baixas, reconhecia-se a missão imprescindível do docente de EMRC.

Em 2002-2003, em Roma, frequentei um Curso de Formadores de jovens na Pontifícia Universidade Gregoriana tendo sido, depois, através dos meus superiores da Congregação, colocado no Algarve, a minha Diocese de origem devido à necessidade de apoiar a família.

Naquele momento, abriram-se novas perspectivas de missão pastoral e iniciou-se o meu contato direto com a disciplina de EMRC pois não tendo jovens nas paróquias, o espaço onde se encontram é a Escola, isto levou-me a perceber que, lecionando iria levar a luz dos valores humanos e cristãos à Escola. Neste sentido, foi-me proposta a lecionação de EMRC que corresponde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.⁴

Ausente do Ensino desde 1988, eis-me agora regressado em 2003. Tendo em conta o que já referi e me impeliu a lecionar EMRC, o contexto do Algarve implica que a presença do professor desta disciplina na Escola seja mais uma forma eficaz de evangelizar o mundo da Juventude, numa Diocese com uma baixa prática de frequência juvenil na Igreja. Um colega da comunidade onde ingressei, lecionou durante vinte anos a disciplina e quis passar-me este testemunho, deixar-me essa missão. E assim, voltei ao Ensino dezasseis anos depois para lecionar, desta vez, EMRC. Nunca tinha imaginado que, um dia, tal viesse a acontecer.

Ao entrar nas Escolas da cidade de Lagos, deparei-me logo com uma realidade totalmente diversa da que conhecia seja em relação à percentagem de frequência seja quanto ao reconhecimento da sua importância e, conseqüentemente, da missão insubstituível do professor de EMRC. Embora alguns colegas reconheçam o valor da disciplina, o ambiente em geral - a

⁴ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Moscavide, 2014, III. Daqui para a frente citado como Programa de EMRC 2014.

começar pelo contexto familiar, pelos próprios alunos e também nas paróquias - não era, nem é ainda hoje, nada favorável a EMRC, uma vez que a disciplina, muitas vezes, é vista como uma alternativa à catequese. Contudo, a perspectiva da disciplina é totalmente outra, inserida no currículo e no mundo dos outros saberes. Senão vejamos:

“Na realidade, o contexto específico em que se situa a Educação Moral e Religiosa Católica distingue-a da catequese, exigindo métodos e caminhos diversos, pois, situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”⁵

Constatai, por outro lado, na região do Algarve, que esta disciplina não passa de uma espécie de “apêndice” que, muitas vezes, até incómoda na elaboração dos horários escolares e o docente da disciplina nem sempre é reconhecido na sua missão de transmissor de valores, entre os quais a verdade. Contudo, trata-se de um espaço letivo que gera diferença e contribui para o crescimento integral da pessoa incluindo a perspectiva da fé.: “Lembrar esta ligação da fé com a verdade é hoje mais necessário que nunca, precisamente por causa da crise de verdade em que vivemos”.⁶

É, pois, bastante atual e pertinente que sendo de oferta obrigatória é de frequência facultativa: “A disciplina de EMRC é uma componente do currículo nacional integrando todas as matrizes curriculares, de oferta obrigatória por parte dos estabelecimentos de ensino e de frequência facultativa”.⁷

Contudo, algumas Escolas tratam-na com indiferença e outras nem a incluem no seu elenco curricular. Foi isto que fui detetando, após onze anos de lecionação de EMRC no Algarve e ter já percorrido oito ou nove escolas da minha região, conhecendo razoavelmente a

⁵ *Ibidem*, IV.

⁶ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Paulinas, Prior Velho, 2013, n.º 25.

⁷ Decreto-Lei n.º 70/2013 art.º 4º§1, in *Diário da República* n.º 99/2013, Série I de 2013-05-23, 3032.

realidade local e as necessidades da Diocese. Por isso, como valorização pessoal, decidi entrar nesta aventura de frequência do Mestrado em Ciências Religiosas, com Estágio em EMRC.

Neste momento, sinto que já fui adquirindo uma perspectiva diferente e, de certa forma, mudando o modo de encarar a disciplina no contexto da Escola atual. O desafio parece ir sendo cada vez maior pois, com a diminuição do número de alunos em geral pela baixa natalidade e conseqüentemente de EMRC em particular, acresce-se, nestes últimos anos, a falta de docentes na Diocese e, em particular, nesta parcela da Diocese, que é a minha Vigararia.

A necessidade de acumulação de horários e de Escolas por parte de um docente é a realidade isto leva à necessidade, cada vez maior, de investir na harmonização da lecionação de um professor em várias Escolas para que nenhuma fique privada da disciplina. Este é já um dado real em cinco Escolas da nossa Vigararia, todas na área de Portimão, com tendência a uma crescente diminuição de horas, como tem acontecido, ultimamente, ano após ano.

Valorizo os dois anos de frequência do Mestrado que inclui o estágio numa Escola, ano riquíssimo de partilha com colegas que vivem a mesma experiência, como uma oportunidade única e irrepetível e, por isso, imprescindível no meu caminho formativo de docente, mas também de Sacerdote, de cristão e de pessoa humana.

Ao longo destes últimos anos de lecionação, concretamente em EMRC, fui fazendo uma descoberta progressiva do mundo da Educação, adquirindo uma sensibilidade para a realidade da Escola atual e compreendendo as suas dificuldades, a imprescindível relação com a comunidade local e, muito particularmente, com a família sem a qual não é possível alguém levar para a frente qualquer tarefa educativa.

“Todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o

homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte”.⁸

Este é um ponto que me tem tocado particularmente, pois quase todos os anos, e olhando à realidade multicultural do Algarve, chego a ter, em algumas escolas, numa só turma, alunos de igrejas cristãs não católicas, sobretudo ortodoxos, anglicanos e evangélicos e até de outras religiões politeístas. A realidade é esta e a maioria dos alunos não é batizada em qualquer igreja uma situação diferente de outras zonas do país. Na verdade, aquilo que, noutras zonas do país, pode levar os alunos a frequentar a disciplina, no Algarve este “C” de Católica ainda é a obstáculo à opção pela mesma, pela tradição de um passado em que a matriz católica era a dominante na sociedade e o professor de EMRC era um catequista da Paróquia e sem formação específica. Porém, a índole atual da disciplina é muito mais abrangente porque está assente na formação integral da pessoa, sendo a religião apenas uma das componentes.

Além desta visão ampla, há a posição daqueles que afirmam que a palavra “Católica”, entendida no seu significado mais amplo, significa “universal” tornando-se, assim, uma disciplina mais ampla, englobante. Neste caso, as pessoas em causa, continuam a defender a presença do C desde que devidamente explicado e argumentado.

Quantas vezes experimento isto quando, numa visita de estudo, me confronto com alunos que não são católicos e se põe a questão, por exemplo, da visita a Fátima, a um templo Hindu ou a uma Mesquita ou Sinagoga. Este é um exemplo claro da prevalência da função cultural e informativa da disciplina. Visitar esses lugares contribui para a informação de cultura geral dos alunos e para a sua formação integral. Em geral, os pais não se opõem e os alunos integram-se com a turma.

A este ponto, parece-me oportuno referir a imprescindível e fundamental posição e a missão das famílias dos alunos. A esta diversidade corresponde a situação das famílias que solicitam o apoio de EMRC - coerente com o princípio da subsidiariedade que coloca a Escola

⁸ CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, Declaração do Concílio Vaticano II, A.O., Braga, 1967, nº 1.

ao serviço da Educação pretendida pelos pais.⁹ Os pais querem o melhor para os filhos, daí sobrepõem, por vezes, na escolha, a vertente humana e social à índole religiosa da disciplina.

“Se umas desejam que a componente religiosa integre a formação dos filhos, outras há que se interessam somente pela sua formação e formação moral e cultural.”¹⁰

Muitas vezes, os pais também deixam os filhos à mercê da sua escolha e estes, geralmente, não têm em conta os aspetos religiosos e não são sensíveis à disciplina, às aulas e à sua dinâmica, mas mais como às visitas de estudo ou atividades que se organizam.

Ao longo da minha experiência, fui descobrindo que a educação visa o crescimento do educando como pessoa humana em construção, numa linha de crescimento integral, adaptado ao mundo e à sociedade em que vivemos e respondendo aos desafios dos tempos hodiernos.

Num contexto pagamentário como o de hoje, a designação de Gilles Lipovetsky como hipermoderno (marcado pela deceção), a renovação do sentido, a capacidade de conferir unidade ao que está estilhaçado, ganhou maior acuidade.¹¹

A nível da relação educativa, fui construindo uma visão diferente da disciplina porque a vou progressivamente encarando como um espaço onde, mais do que noutras disciplinas, o equilíbrio entre a exigência e a tolerância e o bom senso devem imperar, para permitir sempre um cada vez maior e perfeito discernimento entre a confiança e o respeito pela autoridade, sendo esta vista como coerência e autenticidade à maneira da visão que o Evangelho nos propõe. Jesus falava como quem tem autoridade (Lc 4,32). É essa autoridade, neste sentido entendido, como algo que convence e motiva.

Por outro lado, deve o professor de EMRC ter sempre em conta a coerência entre o que se diz e o que se faz, o que se anuncia e o que se testemunha, o que se defende na teoria e o que

⁹ Cf. BORGES, J. P. T., *A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como contributo para uma escola inclusiva*, Braga, 2001, disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18316/1/Relat%C3%B3rio%20MCR%20-%20EMRC.pdf>, consultado em 13 de novembro de 2019.

¹⁰ PEREIRA, M. A. de Sousa, *O Jesus da aula e o Cristo da Catequese A complementaridade e a distinção entre a EMRC e a Catequese. O específico e as finalidades da disciplina*. Lisboa, 2018, disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/25760/1/RELAT%C3%93RIO%20FINAL%20DA%20PES_MARCO%20PEREIRA.pdf, consultado em 13 de novembro de 2019.

¹¹ Cf. LIPOVETSY, G., *A sociedade da deceção*, Edições 70, Lisboa, 2012, 112.

se vive no dia-a-dia. Desta forma, o docente assume a missão de testemunha, professor e educador. Testemunha da fé que professa e que inspira a sua vida de docente; professor que ensina e educador que guia e conduz.

O código de direito canônico define e sintetiza o professor de ensino religioso numa qualidade: a excelência (seja excelente) pela reta doutrina, pelo testemunho cristão e pela capacidade pedagógica.¹² O nosso mundo precisa mais de ações, gestos do que de palavras, já o dizia Paulo VI : "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas."¹³

Uma vez que as palavras movem, mas o exemplo arrasta, sublinha-se a importância de os mestres também serem testemunhas da fé, melhor dizendo, o nosso mundo precisa de mestres que são testemunhas enquanto transmissores de vida e de valores concretos.

Fui passando do receio de falhar à confiança, da convicção do que se sabe para a consciência do que não se sabe, na humildade de quem está consciente que tem sempre muito a aprender, em cada dia, com cada pessoa, com cada acontecimento e situação vivida, etc.

Aprendi, durante a Prática de Ensino Supervisionada que o ensino deve ser centrado no aluno e, ao longo do ano, fui muito motivado para tal, sendo, praticamente este um dos grandes e prioritários princípios que procurei ter em conta ao longo de todo o estágio. Urge valorizar o aluno mais "apagado", convidando-o a reconhecer as suas capacidades e a participar na aula; não molestar aquele aluno que quer evidenciar-se, mas procurar pô-lo no seu lugar. Sempre com a atitude pedagógica de quem corrige em espírito de fraternidade e numa postura humana e espiritual, os alunos poderão intuir uma maneira diferente de ser e uma postura adequada

¹² Cf. CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1993, Cânone 804, 2.

¹³ PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*, n.º 41, 8 de dezembro 1975, disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html, consultado a 23 de abril de 2019.

perante a vida e as suas dificuldades, insistindo sempre sobre a necessidade de estarmos sempre atentos e sermos sensíveis.

Os alunos poderão ser sensíveis a tudo isto se lhe transmitirmos esta mensagem com vista a um trabalho fecundo que constrói pessoas coerentes e integras e gera sábios,

O trabalho na Escola não vale apenas por si. O trabalho pedagógico desenha, com um misto de arte, saber e paciência, traços da alma em cada um dos alunos. É sempre trabalho fecundo. O trabalho educativo não é prisioneiro de cálculos, nem se encerra nas grades do tempo.

“Educar é, de certo modo, semear para a eternidade. Na escola, não se produzem coisas. Nem nascem aí os sábios. Formam-se pessoas, em aturado e cativante trabalho de atenção dada à alma que habita em cada um dos alunos.”¹⁴

Não semeamos para a eficiência da produção de frutos, mas pela importância da semente e pelo valor das pessoas que temos diante de nós.

A criatividade e disponibilidade para com os alunos, a organização e seriedade, a abertura, a frontalidade no diálogo e, perante os problemas, o interesse permanente em fazer evoluir e transcender a disciplina foram características assinaláveis nos professores que conheci e que, de certa forma, fizeram com que as minhas atitudes se refletissem seguindo o seu exemplo, sempre inspirados na abertura e no espírito de serviço.

Contudo, há sempre riscos e desafios, senão vejamos: a demasiada atenção para com determinados alunos pode levar à tendência a que estes queiram monopolizar as aulas e tornar-se o centro das atenções. Por isso, parece-me fundamental que os docentes mantenham uma posição de abertura que deve passar pelo acolhimento igual a todos os discentes. Vejamos, agora, três imperativos que fui descobrindo ao longo deste Relatório e da PES:

¹⁴ SANTOS, A.F. dos, *Educar é ver mais longe*, Nota Pastoral sobre a Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Aveiro, julho 2011, disponível em https://moldaraterra.blogspot.com/2011_07_03_archive.html, consultado em 23 de abril de 2019.

*Parece-me importante passar do idealismo ao realismo. Não desanimar pelo que não se consegue fazer, mas ficar satisfeito com os progressos alcançados. Embora seja necessário também um pouco de idealismo e utopia; é preciso tender para um realismo que leva a encarar as coisas e as pessoas como são e não como gostaríamos que fossem. O princípio da alteridade sugere-nos que o outro não seja eu, mas que seja ele mesmo com os seus próprios caminhos.

A definição ricoeuriana de ética, bem viver com e para outrem em instituições justas não pode ser dissociada de uma concepção de bem viver comprometida com a solidariedade ao mesmo tempo exercida e recebida.¹⁵

*Seria desejável passar da autossuficiência à consciência das nossas limitações. Como pessoas humanas, temos os nossos limites e nunca sabemos tudo nem conseguimos fazer tudo nem chegar a todos como desejaríamos porque temos que contar com as falhas humanas.

*É necessário também passar do receio de errar à confiança na compreensão dos outros e na certeza de que quem procura encontra, quem pesquisa sempre chegará à sua meta. Se não sabemos algo ou temos dúvidas, reconhecê-lo diante dos alunos é sintoma de maturidade, humildade e de sabedoria humana. Numa atitude realista, podemos pedir aos alunos para investigarmos juntos, assim eles se sentirão mais valorizados e exprimimos a nossa abertura, proximidade, manifestando que estamos todos a caminho, a aprender todos os dias e que, com eles e como eles, também estamos sempre a caminhar e a crescer. O professor não somente ensinar mas procura facilitar que o aluno aprenda, torna-se é um facilitador da aprendizagem.

Para tal, as atuais metas curriculares elaboradas parecem ter em conta as necessidades pedagógicas das pessoas que nos são confiadas, procurando favorecer a aprendizagem dos alunos, promovendo uma relação mais estreita das suas capacidades, interesses e potencial desenvolvimento com os conteúdos das diversas unidades letivas.¹⁶

¹⁵Cf. SILVA, A.M. da, “O cuidado de si e a alteridade: sobre a possibilidade de uma formação ético-estética”, in *Anais da 37.ª Reunião Científica da ANPEd.*, Florianópolis, Outubro de 2015, disponível em <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-3744.pdf>, consultado em 29 de abril de 2019.

¹⁶ Cf. *Programa de EMRC 2014*, 10.

Isto quer dizer que é preciso vencer a tentação de nos considerarmos “uma enciclopédia” e passar à atitude humilde de quem tem muito que aprender pois estaremos sempre a caminho.

Concluindo este ponto de reflexão, deduzimos que vale a pena todo o esforço, pois é sempre agradável observar o crescimento dos que nos são confiados e reparar na beleza que vamos dando a cada “flor que regamos” com as sementes do que transmitimos. Isto repara-o, particularmente, o professor de EMRC que vai lecionando, muitas vezes, todos os níveis do 1.º ao 12.º ano, por força das circunstâncias e da falta de mais docentes da disciplina.

Ainda mais consolador é quando encontramos os alunos, na vida prática, depois de passarem alguns anos e estes recordam sempre as aulas de EMRC e a presença amiga e próxima do professor que lhes abriu caminho e soube ser diferente pela sua proposta de vida e de valores, valores estes que o farão ter sempre a recordação desta nossa disciplina como “*escola de vida*” e, é por isso, ponto de referência. A tudo isto acresce a importância da dignidade e da necessidade da preparação do docente da disciplina.

2. O contexto – A Prática de Ensino supervisionada

2.1. Caracterização da Escola Salesiana de Manique

Realizei o meu estágio e fiz parte do núcleo da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Escola Salesiana de Manique, que educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o cristão,¹⁷ tendo à minha responsabilidade a turma E do sexto ano, sob a orientação do docente Frederico Batista.

No que diz respeito ao contexto social, registam-se padrões de comportamento e valores diversificados na turma, dando origem a diferenças de ordem sociocultural e familiar. Quanto ao nível cultural, era, de modo geral, variado, consoante o contexto sociofamiliar dos alunos.

¹⁷ Cf. ESCOLA SALESIANA DE MANIQUE, *Projeto Educativo*, 4, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/comUnidadesalesiana/hist%C3%B3ria/pastameteducativo/o-sistema-preventivo>, consultado em 22 de abril de 2019.

Quanto ao tipo de Escola em que nos inserimos, trata-se de uma Escola Salesiana, Escola particular pertencente à Comunidade Religiosa Católica Salesiana de Portugal, com regime misto. Neste Estabelecimento de Ensino, deparamo-nos, simultaneamente, com uma Escola que, por um lado, partilha o contrato de associação com o Ministério da Educação e, por outro, o chamado contrato simples (com regime de lecionação remunerada). Concretamente no ano letivo de 2015/2016, contou com 1998 alunos (divididos pelo 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e também pelo ensino secundário). No total, os alunos agruparam-se em 67 turmas.

A Escola usa o método de D. Bosco, chamado de “Sistema Preventivo”, que se sintetiza no trinómio: “Razão, Religião, Amabilidade”. O segundo termo, Religião, indicava a base do seu método pedagógico: a transcendência religiosa, a oração, a vida sacramental, a orientação espiritual. Tudo o resto assentava o sob a base da religião e resumia-se a uma vida feliz.

“Mas, na sua actuação, não eram aqueles os princípios mais importantes: o elemento fundamental da sua pedagogia era a Amabilidade – o empenho do educador como pessoa carinhosamente disponível e completamente dedicada aos educandos. É aqui, precisamente, que reside a pedra angular do método educativo de Dom Bosco.

Consequentemente, a alegria (no Oratório tinha de reinar a alegria, e o jogo parecia-lhe extremamente importante para conseguir este objectivo), a familiaridade (um ambiente natural e descontraído) e a assistência (estar presente, sempre presente no meio da juventude) são, para Dom Bosco, as expressões essenciais do seu sistema pedagógico. “Quem sabe que é amado ama, e quem é amado obtém tudo, especialmente dos jovens”.¹⁸

Destacam-se, portanto, o carinho e atenção ao outro, amabilidade e afabilidade, procurando criar empatia.

Este Estabelecimento de Ensino educa com base nos valores evangélicos, isto é, educa e forma evangelizando, e evangeliza educando, tornando este colégio um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens, conforme as orientações da Igreja e as orientações legislativas em vigor, num estilo específico.

¹⁸ESCOLA SALESIANA DE MANIQUE, *O Sistema Preventivo*, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/pastameteducativo/o-sistema-preventivo>, consultado em 13 de dezembro de 2019.

Naquele ano letivo em que nos situámos, a Escola Salesiana de Manique teve como pano de fundo e ponto de referência a celebração do bicentenário do nascimento de D. Bosco, guiando-se pelo Projeto Educativo, visto como instrumento onde se materializam as dimensões de uma escola que se pretende ativa e reflexiva, o que implica ter de incluir elementos significativos para corresponder à celebração e evocação deste evento. O projeto educativo, como meio de clarificação e gestão de opções, prioridades e perspetivas educativas e pastorais (no caso de um colégio religioso) é assumido num momento concreto, numa circunstância única e não estática, em permanente dinamismo, daí que este instrumento não seja definitivo. Está em constante “*aggiornamento*”¹⁹ como o está a própria vida.

É que um projeto não é apenas uma intenção, mas torna-se ação. Na verdade, não se trata apenas de uma ideia, mas de algo que se torna real e concreto. É uma proposta diferente que traz em si criatividade e inovação.

A celebração do bicentenário do nascimento de S. João Bosco, fundador dos Salesianos, eminente e reconhecido pedagogo da História, tanto a nível teórico como a nível prático, constitui um grande desafio para todos nós, educadores, e muito mais para quem trabalha num colégio desta índole. Certamente esta foi uma ocasião única e um desafio a conhecer da vida de D. Bosco, a sua pedagogia e sua espiritualidade.

Estes pressupostos estão na base da construção da nossa PES que, além de dinâmica, está sobretudo atenta à realidade envolvente e às necessidades que o mundo da educação hoje apresenta. Como escola atenta ao meio no qual se insere e na sensibilização para a solidariedade e respeito pela dignidade humana, assenta num estilo aberto e inclusivo; daqui se conclui dever a escola ser inclusiva porque busca promover o desenvolvimento das capacidades dos alunos atendendo às especificidades/características de cada um, ainda que ,apesar do caminho já realizado dentro deste âmbito, o fenómeno da exclusão continuar a persistir na sociedade e na escola para que se formem pessoas que se tornem humanas nas suas relações com os outros.

¹⁹Atualização, termo italiano.

Consciente da sua orientação a nível eclesial e na perspetiva Salesiana de outras Escolas afins do país, este espaço específico de educação assume, com o seu programa de projetos e atividades, uma missão importante na educação integral dos seus alunos. Em síntese, o êxito da educação juvenil está numa educação ao coração, deveria ser o modo de educar hoje e sempre mais uma escola aberta, popular e inclusiva.²⁰

2.2. Caracterização da turma 6.º E

Nesta ótica, o perfil-caracterização da escola/turma leva-nos a considerar a diversidade dentro das salas de aula. No caso desta turma, 6.º E, destacamos sobretudo a diversidade do fator social e o nível cultural e económico porque há alunos provenientes de variados meios sociais. Na verdade, a maioria dos alunos e alunas são filhos de pais com um nível académico superior ao 9.º ano, até formação superior. Especificando, o maior número de pais possui o ensino secundário e o maior número de mães o ensino superior. Não se encontram, nesta turma, alunos de outros países ou etnias.

A grande maioria dos encarregados de educação tinham idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos de idade, com profissões relacionadas com a sua formação; porém, quatro mães encontravam-se no desemprego.

No que respeita ao número de irmãos: 10 alunos são filhos únicos; 15 alunos tinham um irmão e 4 alunos têm dois irmãos. É um pouco este o panorama das famílias de hoje sendo que o indicativo de filho único nos pode apontar para um tipo de aluno mais habituado a ser o centro das atenções, por um lado, e mais carente, por outro; tantas vezes, mais egocêntrico.

Verificamos a presença de alunos mais tímidos e retraídos e outros mais extrovertidos e participativos. É neste universo heterogéneo sociocultural que se caracteriza a turma, onde

²⁰ Cf. ESCOLA SALESIANA DE MANIQUE, *Projeto Educativo da Escola 2010-2014*, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/comUnidadesalesiana/hist%C3%B3ria/pastameteducativo/o-sistema-preventivo>, consultado em 28 de abril de 2019.

alguns alunos revelam ter conhecimento de cultura geral e outros não possuem conhecimentos básicos suficientes para acompanhar o percurso da aula e o nível da turma.

Assim, vê-se que os fatores sociais, culturais e económicos podem ter um papel fundamental como elementos condicionantes da aprendizagem e de caracterização da turma. Não nos fixemos tanto nas diferenças, mas na diversidade apta a convergir para a comunhão.

Esta Escola valoriza a "personalização" das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos e a sua disponibilidade para estar com eles. A identidade Salesiana da ESM exige a convergência de intenções e de ação por parte dos membros do processo educativo, dando origem a uma Comunidade Educativo-Pastoral que é sujeito e ambiente de educação e na qual o jovem pode encontrar uma outra casa.

Este Projeto Educativo, de acordo com os princípios estabelecidos nos currículos nacionais, valoriza a integração dos diversos parceiros na Escola, dos recursos e a sua articulação com o meio envolvente. Importa, por isso mesmo, reforçar sempre as relações interpessoais de forma a valorizar também os talentos de cada um que são a prova do reconhecimento do valor único e irrepetível de cada pessoa humana.

“A ESM procura a centralidade do aluno, toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, procurando a proximidade educativa e a corresponsabilidade e participação em que todos os elementos são responsáveis pela atividade educativa favorecendo a solidariedade educativa, no respeito pelas tarefas próprias de cada um e do princípio de subsidiariedade, previligiando experiências positivas e desenvolvendo positivamente as forças interiores das pessoas”.²¹

Este sistema educativo por natureza preventivo faz as pessoas reconhecerem o seu próprio valor global dá às pessoas a consciência do seu próprio valor, restaurar a confiança em si próprios para que os alunos tomem consciência dos seus tantos talentos para que ninguém se sinta discriminado.

²¹ Cf. ESCOLA SALESIANA DE MANIQUE, *Projeto Educativo de Escola*, 6, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola>, consultado em 28 de abril de 2019.

Na turma E, do sexto ano, havia preocupação em promover este ambiente e estas relações interpessoais e procurou-se estabelecer um espírito de proximidade de forma que os alunos fossem tomando consciência cada vez mais do sentido de pertença, não só à turma, mas também a toda Escola e à sociedade em que estão inseridos. Aqueles parecem conscientes de estar numa Escola diferente e, ao assimilar os valores que nas aulas lhe tentamos transmitir, parecem sentir-se “em casa”, bem acolhidos com consciência do local onde estudam. Contudo, encontramos alguns alunos com capacidades e outros com necessidades educativas especiais.

Aliado às características da educação especial de hoje está o conceito de inclusão. Trabalhando na área da educação especial, acompanhamos de perto as barreiras e os obstáculos que, na prática, alguns alunos e as suas famílias são obrigados a enfrentar, na luta de dois aspetos essenciais: o princípio de autonomia e o da qualidade de vida.

Tendo em conta que a Escola possui associação de pais, parece-nos evidente que, dentro da mística do colégio, esta esteja atenta à necessidade de valorizar a multiculturalidade. Apesar desta turma não ser o exemplo deste fenómeno cultural, embora a multiculturalidade esteja bem presente também neste Estabelecimento de Ensino, considero que é necessário investir na formação de docentes e encarregados de educação nesta área.

O desafio do respeito pela diferença é enorme e o mesmo se pode dizer da sensibilidade para o contacto e comunicação com quem não pensa como nós e até não crê nem partilha da nossa perspetiva, ou não tem qualquer crença. Apesar de ser um Colégio Católico, está aberto a outras sensibilidades religiosas, o que na verdadeira aceção da palavra, quer dizer universal.

Todas estas realidades presentes nos alunos, a saber, as oportunidades limitadas e a questão da pobreza, envolvem o conceito de diferenciação dos alunos. A diferenciação tem lugar, pois os professores, consciente ou inconscientemente, têm expectativas diferentes para alguns alunos em relação a outros.²²

²² Cf. ARENDS, R, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, 7.ª edição, Madrid, 2008, 65.

Embora se trate de uma turma participativa, segundo as informações da Diretora de turma, o que comprovei ao longo do ano pela minha própria experiência, vários elementos da turma revelavam falta de hábitos de empenho, de estudo e de trabalho. Se, por um lado, se notava que os alunos aderiam às atividades, por outro, nem sempre e nem todos mostram a mesma receptividade. Há necessidade de motivá-los para o respeito pelo outro e pelo seu direito à participação na aula e nas atividades que nesse espaço de crescimento lhe são propostas. Contudo, reconheço que, à medida que conhecia os alunos, procurava fazê-lo sempre de forma mais organizada, valorizando as qualidades daqueles que são diferentes, mas possuem dons e capacidades que fazem falta para a harmonização do todo e a partir do pouco de cada um.

Nesta idade não é muito normal que os alunos tenham ideias claras sobre o seu futuro, mas parece-me digno de registo o facto de que 23 dos 29 alunos já têm ideia do desejo do que vão frequentar no ensino secundário, nomeadamente na área de ciências, surgindo, neste contexto de opções, o sonho em serem e desempenharem a atividade profissional na área da saúde, sobretudo medicina, biologia, engenharia, investigação, arquitetura, economia e até futebol. Talvez sejam meras ideias ou sonhos de momento, quem sabe baseados no modelo de alguém que admiram e desempenha a função que desejam ter.

O fator diversidade de alunos a nível cultural, racial ou étnica é relevante para os professores pois as desigualdades étnicas e raciais e as possíveis questões da intolerância refletem-se nas salas de aula. Por isto mesmo é necessário que os professores desenvolvam nos alunos a aceitação cultural o que, na prática, leva a que eles procurem introduzir no programa, decisões que ajudem a tornar as suas aulas culturalmente relevantes e multiculturais, em última análise, os docentes devem contribuir para uma educação multicultural.

Parece-me um dado relevante que a maioria dos alunos tenha hábitos de leitura o que, hoje em dia, já não é muito fácil porque se privilegia mais a Internet e o uso de computadores. Contudo, a área do desporto também faz parte dos interesses destes alunos.

O facto de ajudarem os pais em casa também parece significativo porque manifestam não apenas a boa relação com a família, mas também o sentido de responsabilidade, de partilha e de solidariedade para com os outros. O convívio com a família também é pertinente e eles afirmaram-no existir nas suas, numa sociedade em que o individualismo e egocentrismo também já chegou a tantas famílias. Notamos que estas precisam de viver uma nova era de amor sempre a convergir para a sua felicidade.

As condições de habitação são razoáveis para todos os alunos que, vivendo com os pais, possuem um grande sentido de família, como já vimos atrás. O quarto ou a sala são os lugares que escolhem para estudar. O facto de dormirem 8 a 9 horas por noite é sintomático porque pode revelar que têm família que os ajuda e move a obedecer às regras. Gastam pouco tempo para chegar de casa ao colégio, sendo a deslocação feita de autocarro ou no carro dos pais.

O uso do computador, da Internet e da televisão e o gosto pela música também fazem parte do universo dos alunos desta turma que está enriquecida com um número não muito equilibrado de elementos dos dois sexos: 12 raparigas e 17 rapazes.

Esta casa - Escola Salesiana - já lhes é familiar porque começaram aqui o 2.º ciclo. A História e a Matemática são as disciplinas em que têm mais dificuldades. O nível de conhecimento da língua portuguesa revela-se importante, no entanto nota-se que alguns alunos têm algumas dificuldades na língua materna.

O ambiente preventivo já referido requer a atenção dos educadores para ajudar os destinatários a estar alerta para situações que dificultam as crianças e jovens na sua realização como pessoas em crescimento, guiadas por valores que os levam à plenitude humana.

A pedagogia Salesiana vem muito ao encontro da pedagogia que utilizamos e pela qual se pauta a nossa formação docente em EMRC, a saber: centrar a educação no aluno que não é “objeto”, mas sobretudo o “sujeito” da sua própria educação. Assim, o ambiente educativo fomenta o espírito de abertura e proximidade entre alunos e educadores, procurando sensibilizar os primeiros para as questões humanas e sociais, tentando levar os jovens a ser animadores e

dinamizadores dos próprios jovens, uns dos outros, desta forma, evangelizando--os, esta Escola assume a sua especificidade e realiza a sua missão.

“O amor sincero, de atos e não de palavras, o amor de sacrifícios é o mais persuasivo. Quando os educandos percebem que o educador não tem nenhum outro interesse quando vem falar com eles, que não procura nada mais do que lhes fazer o bem, comovem-se, tornam-se reconhecidos, sentem que são amados e então o educador lhe ganha a confiança.”²³

Tudo isto pode ser sinal de abertura a uma experiência de fé e missão inculcando nos destinatários os valores humanos cristãos que realizam a pessoa e a levam a assumir um testemunho diferente num mundo que, tantas vezes, é adverso a esta dimensão.

Ao longo desta experiência, fui conhecendo a turma e aquilo que, para mim, era desconhecido, no início, foi tornado familiar à medida que compartilhámos as alegrias e as dificuldades, os progressos e os obstáculos do caminho que íamos fazendo.

Este é, sinteticamente, o perfil da turma E do 6.º ano que me foi confiada.

3. A unidade letiva 3 do 6.ºano –“ A partilha do pão “

Após termos tentado descobrir alguns dados sobre o contexto e mística da Escola e Pedagogia Salesianas nas quais vivi esta experiência com a turma que me foi confiada, vamos, agora, mergulhar na unidade letiva 3, aquela que escolhi para a abordagem fundamental deste trabalho, podendo afirmar que ela tem um grande interesse cultural e humano. Pareceu-me, por isso, oportuno e pertinente escolhê-la, pela sua vertente humana, prática e atual no contexto de uma sociedade hedonista e superficial em que vivemos. Fomentar a partilha é promover o altruísmo, vencendo a vertente de autossuficiência e egoísmo que, tantas vezes, parecem querer dominar no mundo de hoje e, por consequência, impedem os mais jovens de descobrir os verdadeiros valores onde se encontra a autorrealização humana.

²³ PELEGRINE, V. G, “O amor e a educação no sistema preventivo de D. Bosco,” in *Revista Eletrônica de Educação*, ano 1, nº2 (2008), (mas a revista não tem as páginas numeradas, pelo que é algo impreciso).

Após termos tido como pano de fundo a dignidade da Pessoa Humana e o seu valor fundamental, sugerido pela unidade letiva 1, os alunos foram chamados a ser sensíveis a este tema, partindo do que conheciam do mundo e da experiência concreta da partilha para descobrir algo mais, nestas aulas. Recordo que esta unidade letiva 3 foi lecionada logo a seguir à unidade letiva 1: “ A pessoa humana “ por ser, a nível temático, consequência da primeira unidade. Foi uma escolha minha, pessoal. Só, depois, foi lecionada a unidade letiva 2 “*Jesus – um homem para os outros*”. Partimos primeiro da experiência humana para chegar a Jesus.

A pessoa humana é um ser aberto à partilha, chamada a viver com e para os outros. Este é um dos objetivos que nos ocupa neste Relatório, tentando reforçar a necessidade da partilha como dom que deve ser apanágio de todo o comportamento humano e, como tal, deve ser transmitido aos alunos, como mensagem de futuro e de esperança. Assim, percebemos que os objetivos Programáticos/de aprendizagem também dão aos alunos uma mensagem clara do que se espera deles, favorecendo a aprendizagem e a autonomização progressiva dos alunos.²⁴

Vejamos o percurso realizado:

Após a reflexão sobre o tema da pessoa humana, os discentes foram convidados a descobrir o valor da abertura aos outros que vence todo o egoísmo e que tem a sua expressão máxima na partilha e na solidariedade, na fraternidade e na entrega gratuita e generosa aos outros para o seu bem e felicidade como pessoas humanas. Tudo isto leva os alunos a aprender e a posicionar-se, pessoalmente, agindo com responsabilidade e coerência.

Senão, vejamos a pertinência desta afirmação a partir dos temas abordados na leção da unidade.

Os conteúdos relacionados visam, em geral, levar os alunos a amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. Esta é a proposta da meta “O”, que leva aqueles a deixarem-se conduzir pelos valores que edificam a pessoa humana e, necessariamente, levam à entrega aos outros, ao serviço e à partilha e generosidade. No meio

²⁴ Cf. Programa de EMRC 2014, 9.

de um mundo hedonista e materialista, urge despertar valores espirituais que, passando pela descoberta do mundo simbólico, incluem a proposta bíblica e têm como alvo “promover o bem comum e o cuidado do outro”²⁵ (meta N).

Pelo facto de os jovens destas idades aspirarem a ver nos adultos o modelo que procuram só o encontram reconhecendo neles uma certa autoridade pela coerência de vida e de atitudes, de autonomia e harmonia social. Isto implica, da parte do professor, o uso dos seus conhecimentos, experiência e profissionalismo para ajudar os alunos a atingirem o seu melhor desempenho.

Após nos determos sobre a dimensão simbólica da refeição (objetivo 1), esta unidade, através dos seus objetivos, levou os alunos, a descobrir a realidade do nosso mundo e o reconhecimento da pobreza e carências pelas quais passam seres humanos, como nós, em tantas partes da terra e, quem sabe, ao nosso lado e, conseqüentemente, a identificar as instituições que ajudando-os, a nível internacional e nacional, contribuem para a sua realização humana porque promovem a pessoa e a aceitam como ela é para a ajudarem a viver como merece e é próprio da sua condição humana.

O reconhecimento do valor da solidariedade (objetivo 4) inspira-se também no exemplo d`Aquele que foi solidário com a humanidade e voluntariamente deu a vida por ela, exprimindo isso mesmo na última Ceia em que vem ao de cima todo o sentido da entrega e do serviço, da gratuidade e do amor até aos seus limites.

Segundo o objetivo 6, o que leva a tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de nós mesmos, isto é, que todos os seres humanos são chamados a tornar-se “pão partido” para os outros, sobretudo para os que mais precisam. Deste modo, o caminho pessoal de crescimento contribui para assumir a vivência comunitária. É o pessoal que leva ao social, mas para tal transmissão, o docente deve favorecer materiais flexíveis e ajustados aos interesses e necessidades educativas dos alunos.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 10.

A este ponto, vejamos, agora, os conteúdos da unidade, as técnicas utilizadas e como os alunos reagiram à sua leção bem como os modos de avaliação da unidade.

Os conteúdos partiram do geral e do humano para chegar ao mais concreto e profundo, ou seja, partiu-se da experiência humana da alimentação - base da nossa condição de pessoas humanas - ministrada em cada refeição, e daí fomos levados a descobrir, em seguida, que essa refeição é expressão de algo humano e é geradora de fraternidade e amizade e, por isso, estimula para a partilha não só do alimento, mas da própria vida. Daí a necessidade de percebermos o valor simbólico de alguns elementos que, embora nos tenham inspirado no âmbito da visão bíblica, ultrapassam claramente o universo bíblico e entram no cultural e humano. A este ponto, refira-se a importância da linguagem simbólica patente, de forma exemplificativa, no pão, vinho, azeite, água e no cordeiro.

Após terem entrado nesse universo, os alunos foram chamados a identificar situações de miséria e pobreza, fome e subnutrição assentes na distribuição injusta dos bens mais do que na falta de alimentos e de recursos que, muitas vezes, existem, mas são mal distribuídos e administrados. Só a partir dessa realidade e desafiados por ela, poderiam, depois, perceber o valor da solidariedade e da partilha, da vida feita de gestos concretos para que cada uma se torne pão partido para os outros, transmitindo os verdadeiros valores que nos edificam como pessoas.

Abordámos depois os caminhos de resposta assentes na solidariedade que nos levaram a identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome, e reforçando o valor da solidariedade e a tomada de consciência que da necessidade da partilha dos bens. Esta, porém, não se fica na partilha material de recursos, mas supõe a partilha de si, a partilha do ser de cada um, de nós mesmos, sempre na senda dos passos e do exemplo de Jesus de Nazaré. Entre outras, abordámos essencialmente estas Instituições que visam fazer face à fome: FAO – Organização da Agricultura e Alimentação e o Banco Alimentar Contra a Fome.

Aprofundámos, depois, algo sobre as Instituições que promovem o voluntariado, percebendo que o exemplo máximo de tudo isto foi dado por Jesus, na última Ceia e no gesto simbólico do lava-pés que apresentamos numa aula através de vídeo e pinturas visualizadas em PowerPoint. Como Ele, somos chamados hoje a criar fraternidade e dar a vida em pequenos gestos, sendo, também nós, dom partilhado para servir os que mais precisam. Esta é, pois, a atitude a que toda a unidade nos pretende levar: partindo da realidade humana e iluminados pelo exemplo de Jesus, somos, também nós, alvo deste desafio urgente e necessário hoje.

É nesta linha concreta que a EMRC procura responder às necessidades da realidade da sociedade de hoje e contribui para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade das pessoas e, tendo sempre em conta a dimensão humana do trabalho, leva à formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários.

3.1. Análise crítica da UL – inserção no ano e ciclo e relevância para os alunos

Esta unidade letiva inserida no 6.º ano em que as outras unidades referem “a Pessoa humana” e “Jesus Cristo” é, na minha ótica, uma boa ponte entre a primeira unidade agora referida e a segunda, daí eu ter proposto a alteração de ordem. Parece-me mais fácil e linear levar os alunos ao tema: “*Jesus - um homem para os outros*”, após terem descoberto o valor da pessoa humana na unidade letiva 1 e um dos aspetos bem significativos da índole dessa pessoa que é a partilha e do pão que gera fraternidade e alegria. Jesus Cristo surge como o modelo de tudo isso - a pessoa humana por excelência e aquele que leva a partilha do pão ao seu extremo simbolizando a própria vida “Tomai e Comei: Isto é o Meu Corpo” (Mc. 16, 22).²⁶

Neste 6.º ano, o segundo do 2.º ciclo, esta unidade tornou-se essencial porque vai levando os alunos a descer ao concreto da solidariedade e da vivência da mesma na família, na Escola e no se udia a dia com os outros.

²⁶ *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, maio, 2000. Esta é a edição da Bíblia que vai ser utilizada ao longo do trabalho. Usaremos sempre esta edição da Bíblia ao longo deste relatório pelo que fica citado apenas uma vez.

Dentro do 2.º ciclo, esta unidade vem na linha de tudo o que parece ter sido abordado desde a importância do grupo, passando por “Construir a fraternidade” (UL4) e particularmente esta última unidade letiva do 5.º ano, mas também não deixa de ser relevante no âmbito na UL2 - “Advento e Natal” e a UL3 “A família-comunidade de amor”.

A lecionação desta unidade parece ter deixado desafios sérios à turma, tendo os próprios alunos testemunhado, na última aula, que se sentiam mais sensibilizados para partilhar com os outros e ter uma atenção maior para quem precisa da sua ajuda para ser feliz. Desta forma, abriram-se-lhes horizontes, fazendo-os sentir que não estão sós no mundo e, mais ainda, que há irmãos e irmãos nossos que não têm as possibilidades e recursos que nós temos para uma vida feliz. Esta constatação levou-os a valorizar mais o que possuem, sem grandes aspirações e ambições materiais supérfluas.

Em todos estes âmbitos, a partilha do pão surge como um imperativo humano que edifica a pessoa como um ser aberto aos outros solidário e fraterno. Por isso, insere-se esta unidade claramente no âmbito das finalidades da disciplina de EMRC sobretudo na seguinte: adquirir uma visão cristã da vida, estabelecendo diálogo entre a cultura e a fé.

Em época de crise, será possível um diálogo entre a cultura e a fé? Na sociedade de hoje, isso pode acontecer pela mediação da disciplina de EMRC que pode promover esse diálogo como um contributo, olhando para o mundo a partir de uma visão-cristã. “Uma fé que não se traduza em cultura e que não transforme a cultura (que não gere esquemas de significação) não é verdadeira fé”.²⁷ Aqui se deduz que a fé implica um auto-comprometimento total da pessoa humana com a cultura e a sociedade, no concreto da vida diária.

Em termos pedagógicos e metodológicos, talvez os conteúdos desta unidade pudessem incluir uma vertente mais prática no programa de EMRC, levando os alunos a encontrar

²⁷ AMBROSIO, Juan, *Pessoa, Cultura e Fé* in Fórum do Ensino Religioso em Portugal, *Pessoa, cultura, fé*, Fundação Calouste de Gulbenkian, Lisboa, ,1996, 135.

respostas concretas através de Instituições da nossa sociedade e Igreja portuguesas, de forma a ajudar vencer a fome dos que a conhecem, a promover a partilha e a sensibilizar os alunos para a abertura aos outros. Talvez aqui, neste ponto, o docente pudesse também concretizar com exemplos concretos da realidade e da vida diária relatados nos jornais ou na Internet ou na televisão. Desta forma, parece-me que quanto mais nos ligarmos à realidade concreta e conhecida, mais facilmente podemos atrair os alunos e suscitar neles o gosto por terem aulas mais interativas e em que eles próprios são os protagonistas.

Para se abordar esta unidade com as suas temáticas, foram utilizadas estratégias como o vídeo que levou os alunos a entrar na atmosfera do que visualizaram pois é grande a força da imagem hoje, no geral, e ainda mais para os alunos que são desta era digital e estão preparados e habituados a estes modernos meios: o PowerPoint foi o suporte de todas as aulas e também acompanhou a lecionação desta unidade; as dinâmicas com utilização de pequenos papéis para levar os alunos a construir frases e outros tipos de dinâmicas. Em suma, tudo isto contribuiu para enriquecer as aulas, visando tornar o aluno mais interveniente e participativo, centrando a aula nele.

Os procedimentos de avaliação utilizados nos quais se incluem a assiduidade e participação nas aulas, a construção progressiva do portefólio de EMRC que é tido em conta na avaliação final de cada período, a realização de atividades na aula também registadas no portefólio e os testes de avaliação foram os meios utilizados para ajudar o aluno a ser interveniente e protagonista do processo Ensino/aprendizagem do qual é imprescindível construtor. Todas estas estratégias levam-nos a perceber a necessidade de tornar a aprendizagem mais eficiente e eficaz e, respeitando sempre os conteúdos da disciplina, a procurar adaptá-la aquela turma em concreto, isto é, à realidade específica dos alunos.

Procurando sempre focar os conteúdos da disciplina de forma profunda, os testes e fichas de trabalho foram adaptados ao percurso do aluno e, por isso, particularmente o teste de avaliação realizado nesta unidade não saiu dessa linha e ajudou os alunos a consolidar a

assimilação dos conteúdos da mesma. Como se verificou no instrumento de avaliação referido, este grande objetivo foi atingido.

A resposta dos alunos às dinâmicas utilizadas foi, no geral, de correspondência total por parte da maioria, embora alguns tivessem ficado mais alheados ou indiferentes, mas procurei envolvê-los de tal forma no processo de aprendizagem de forma a tornar as aulas interativas. Contudo, não posso esconder que receei arriscar pelo recurso ao trabalho de grupo, quando se tratou sobretudo dos textos bíblicos, contudo, acabou por resultar. Foi inevitável que os alunos mais entusiasmados, interventivos e participativos fossem os que mais aderiram e mais facilmente realizaram as tarefas e responderam às questões. No entanto, a tentativa de envolver todos e de fazer participar os mais indiferentes ou tímidos foi uma constante.

3.2. Motivação para a escolha

Optei por esta unidade como base do Relatório Final porque a considero de extrema importância. Como está justificado no final da planificação anual por metas e na observação constante do final da planificação trimestral. Posso vê-la no contexto em que o Programa de EMRC a apresenta e na ordem do manual e do programa, como unidade 3, a última do 6.º ano porque concretiza as duas primeiras - a base: A Pessoa Humana - UL1 e, de seguida, Jesus Cristo como a Pessoa Humana por excelência, um verdadeiro modelo de humanidade o que vem a concretizar-se depois na partilha, fazendo a ponte entre os valores humanos da UL1 e a iluminação espiritual da Unidade 2. Por isso, fi-lo de forma diferente da ordem apresentada pelo programa e pelo manual.

Seja num caso como noutro, considero uma unidade central e basilar. Por se tratar da concretização do projeto da Pessoa Humana como a vemos e como Jesus Cristo, Ele mesmo, se assumiu, o Homem Deus, partilhando da sorte dos humanos e a concebeu, em todas as suas dimensões. Optei por esta unidade que está centrada numa necessidade humana- a fome, à qual se responde com um valor fundamental, atual e muito necessário na evangelização –a partilha.

Tudo isto é expresso, numa linguagem muito concreta e simbólica apropriada ao homem e aos tempos de hoje e que destaca o papel da dimensão religiosa na formação integral dos discentes.

“Ainda, na linha dos grandes princípios que justificam a EMRC no currículo escolar e que inspiram a sua natureza específica, a Conferência Episcopal, no exercício da sua competência reconhecida pelo Estado, acrescenta as seguintes perspetivas que focalizam a EMRC como serviço à educação integral dos alunos: (1) não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana; (2) a componente religiosa é um fator insubstituível para o crescimento humano em liberdade e responsabilidade; (3) o Evangelho ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida; (4) o Evangelho inspira valores de fé e de humanidade que tecem a história e a cultura da Europa; (5) a compreensão da realidade social, que a escola deve promover, requer, para ser verdadeira, o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências sociais.”²⁸

A partilha, numa perspetiva humana, como desafio a uma sociedade egoísta e nem sempre respeitadora dos valores humanos, mas iluminada pela vida e especialmente pelo gesto de Jesus na última Ceia, pode constituir um importante desafio, não só a que os alunos aprendam a partilhar, mas, mais ainda, a partilhar ao jeito de Jesus, até à doação da própria vida.

No contexto atual em que todos corremos o risco de ceder à tentação de esconder e fugir do sacrifício e da doação é muito pertinente o gesto de Jesus indiciado na última Ceia com o pão e o vinho e completado pela atitude de lavar os pés aos discípulos- tão simbólico e tão profundo - que nos ensina a fazer como Ele, doando-Se a nós mesmos para a salvação dos irmãos. Esta linguagem é perceptível pelos alunos independentemente da sua formação cristã e da realidade familiar em que vivem, um convite a olhar o mundo e reparar que nele está mergulhado, por isso, os problemas e preocupações do mundo terão que ser também os seus. Se não vejamos:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças as tristezas e

²⁸ SILVA NUNES, T. “Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Pastoral Catequética*, 5, (2006), 79.

as angustias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.” (G.S. 1)²⁹

É neste sentido que o professor de EMRC, como discípulo de Cristo, enviado pela Igreja às Escolas faz sentir que esta é hoje, a partir do Vaticano II, a perspectiva da Igreja e veicula-a como mensagem que é humana e, por isso, adaptada a todos os crentes e não crentes, que podem ser os nossos alunos.

Desta forma, podemos perceber que tudo o que diz respeito à pessoa humana interessa à Igreja e deve sempre ser alvo da atenção do cristão e, por consequência, dos alunos que temos diante dos olhos que fizeram, juntamente com os pais, uma opção por esta nossa disciplina.

Faço, de seguida, eco da lecionação em si desta Unidade Letiva –alvo da nossa atenção.

4. A lecionação da Unidade Letiva 3

Fazendo agora uma autêntica ponte entre a Unidade letiva 3 que constitui a base deste ensaio e o centro de todo este Relatório que resume o que foi a experiência da PES e põe em destaque a nossa missão de professores de EMRC, diremos que a lecionação desta unidade foi, no percurso do ano letivo, um marco importante na abordagem do programa de EMRC. Nela, os alunos encontraram algo de concreto na vivência dos valores que devem inspirar, conduzir e acompanhar a pessoa humana e, por outro lado, esta unidade encontrou os alunos recetivos e o tema constituiu um verdadeiro desafio a viverem, na prática, valores que edificam a nossa vida quotidiana como o altruísmo, a partilha e a solidariedade.

Não se trata apenas de uma partilha material de pão (como o título principal deste trabalho sugere) mas também, e sobretudo, de uma partilha de vida, de experiência, de maturidade espiritual e humana que são básicas na vida de todo e qualquer ser humano que, pela inerência da sua condição humana, vive numa constante procura.

²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, A.O. Braga, 1967, 5.

Exploraremos, seguidamente, um pouco mais a unidade 3, comentando a forma como a abordámos e a dinâmica metodológica utilizada.

Tendo como pontos de referência as metas e de modo muito particular os objetivos”: Descobrir a simbólica cristã, identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome”; “Reconhecer o valor da solidariedade” e “Tomar consciência que a partilha dos bens supõe a partilha de si”, vamos percorrer um caminho de explicitação do que foi tido em conta em cada aula.

Evidenciámos o valor do universo simbólico, característica peculiar em EMRC, procurando supor, abordar e constatar as causas e consequências da falta de alimentos, isto é, da fome e da solidariedade e partilha, a exemplo das primeiras comunidades que partilhavam tudo à luz da Palavra de Deus (1.ª parte da Eucaristia, hoje) e inspirados no que celebravam a partir dela terminando sempre com a Partilha do pão- a segunda parte da Celebração Eucaristia.

Ao longo da lecionação da unidade em estudo, na senda da tentativa de aproximação do simbolismo dos alimentos, da realidade dura e crua da fome, mas também do sentido tão humano e tão cristão da atenção ao outro, para com o desprovido de bens humanos e materiais, vai-se sentindo o forte imperativo cristão de tudo partilhar com todos, como faziam os primeiros cristãos, tal como já referimos no parágrafo anterior.

“E depois de receberem o Espírito Santo no dia de Pentecostes, tornaram-se na comunidade modelo: rezavam assiduamente, eram unidos e tudo tinham em comum, partiam o pão fazendo aquilo que Jesus havia pedido, anunciavam o Reino, faziam milagres, frequentavam o templo e o Senhor abençoava-os com graças”.³⁰

Analisadas as causas da fome, da subnutrição e da pobreza assentes na distribuição injusta dos bens mais do que na falta de alimentos e de recursos que, muitas vezes, existem, mas são mal distribuídos e administrados, procurámos os caminhos de resposta a este problema. Estes passam pela solidariedade e levam-nos sempre a identificar instituições nacionais e

³⁰ PAIVA, P. “Sete primeiras comUnidades cristãs”, 55 in *Família Cristã*, 29/11/2016, revista online disponível em <https://familiacrista.paulus.pt/sete-primeiras-comUnidades-cristas>, 54, consultado em 10 de junho de 2019.

internacionais vocacionadas para a eliminação da fome, reconhecendo e reforçando o valor da tomada de consciência da necessidade da partilha dos bens. Entre outras, abordámos essencialmente estas Instituições que visam fazer face à fome: (FAO – Organização da Agricultura e Alimentação); Banco alimentar e Contra a Fome.

Contudo, a solidariedade não se fica pela partilha material de recursos, mas supõe a partilha do ser de cada um, sempre na senda dos passos e do exemplo de Jesus de Nazaré.

“Este mundo em turbulência e em crise de identidade oferece-nos um tempo de gestação para um mundo justo e fraterno”.³¹ Por isso, neste momento histórico, somos desafiados a construir uma plataforma de esperança, a gerar confiança num futuro onde reine justiça e fraternidade, futuro esse que já se encontra em gestação num presente marcado pela transformação constante e pela tensão permanente entre a indiferença e o compromisso, a apatia face às necessidades e a participação solidária, num sério empenho pelo bem comum.

Tendo em conta esta linha de ideias, a nossa reflexão sobre a solidariedade e o voluntariado incentivou e estimulou os alunos a uma atenção maior para com os outros, os de perto e os de longe, mas sobretudo o nosso próximo. Esta abordagem procurou, numa sociedade de interesses e sem gestos gratuitos, transmitir aos jovens a necessidade de entender que o que se faz voluntariamente e sem remuneração acaba por ser sempre muito edificante a nível humano e social e contribui para a realização pessoal de quem se entrega e se compromete com os outros, sobretudo os mais desfavorecidos. Estes desafios põem-se claramente às novas gerações.

Importa transmitir que numa sociedade, tantas vezes, indiferente os mais jovens deverão cultivar uma postura de atenção e respeito pela diferença, procurando ajudar a minimizar aquelas situações que denotam injustiça e falta de solidariedade. O ponto máximo vai convergir no conteúdo bíblico e teológico onde se aborda a última Ceia, o sinal mais eloquente da entrega

³¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *Responsabilidade solidária pelo bem comum*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2003, nº 3.

Jesus por amor (Mc 14, 12-25) desafia-nos, sem dúvida, a ser pão para os outros; a que cada um faça doação de si mesmo e ponha em prática o amor partilhado com os mais necessitados.

Os alunos poderão, assim, amadurecer mais a sua responsabilidade perante a comunidade e o mundo, numa sociedade egoísta e em que reina uma certa imaturidade nas atitudes e relações e se adia o amadurecimento da responsabilidade pessoal e social na vida do jovem que, porque tem tudo, se torna insensível aos que não têm e às suas necessidades.

“Pretendemos assim refletir sobre as questões da pobreza enquanto atentado à dignidade da vida humana e, a partir daí, sensibilizar os alunos para a pobreza em geral e para a fome em particular, percebendo igualmente como é que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode contribuir para esse olhar diferente perante a pobreza.”³²

Atenta a esta realidade, EMRC quer criar uma nova mentalidade nos alunos para que contribuam para a transformação deste mundo e sejam cada vez mais solícitos ao bem comum.

4.1. Planificações e relatórios de aula

Apresento, de seguida, as planificações das aulas da UL 3, começando pela aula de 5 de janeiro de 2016, primeira aula do 2.º período em que é iniciada a lecionação desta unidade letiva, e terminando com a última aula do período em 15 de março 2016.

³² SANTOS, A. R. Matos dos, *O Bem Comum como um bem de todos e de cada um*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, Faculdade de Teologia, UCP, Lisboa, 2017, 9.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição	A alimentação: a refeição; a refeição como festa e experiência de encontro; o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.	Acolhimento e Sumário	2 min	Quadro e marcador	Verificar se os alunos escrevem o sumário.
			Breve diálogo sobre o Natal e as férias	5 min	Diálogo	Observar a atenção dos alunos
			Apresentação da unidade letiva 3	5 m	Projektor e computador	Registrar a participação dos alunos
			Chuva de ideias acerca da palavra partilha	5 m	Portefólio	Notar a participação dos alunos
			PowerPoint	15 m	Projektor computador	Observar a atenção dos alunos.
			Dinâmica com os provérbios sobre o pão- juntar metades dos provérbios para os completar			
			Seguir o manual, a partir do diálogo da Maria e do Miguel e Registrar no portefólio	7 m	Papel, caneta	Notar se seguem o raciocínio
Síntese da aula: A alimentação é fundamental para o ser humano, e à mesa, reforçam-se os laços entre as pessoas	3 m	Manual -p 86-87 e portefólio	Verificar se escrevem a síntese			
				Quadro e marcador		

SUMÁRIO: A alimentação: a refeição; a refeição como festa e experiência de encontro. Apresentação de PowerPoint.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio.

Relatório de Aula do dia 5 de janeiro de 2016

10.^a Aula - 13.^a lição: “A alimentação e a refeição”

Esta aula teve um funcionamento normal, tendo-se registado um comportamento adequado por parte dos alunos e uma postura natural da minha parte, como docente.

O diálogo permitiu-e proceder à apresentação desta unidade, a partir do PowerPoint, explicando aos alunos que iríamos lecionar a unidade três antes da unidade dois porque “A partilha do pão” parece ser consequência daquilo que é uma necessidade da pessoa humana. Faz parte da pessoa humana abrir-se aos outros e viver com eles e para eles pois nenhum homem é uma ilha e sozinho ninguém é feliz nem faz felizes os outros.

A boa participação dos alunos na “chuva *de ideias*” acerca da palavra “*partilha*” permitiu-lhes construir uma síntese rica e elaborada, através desta entusiasta e criativa dinâmica. Por outro lado, a apresentação do PowerPoint que se tornou um feliz documentário desta unidade letiva funcionou como um “pórtico” ao tema da alimentação e ao seu valor simbólico como festa e ponto de encontro.

A dinâmica dos provérbios que consistiu em completar provérbios, a partir das metades dos mesmos, escritas em pequeninas tiras de papel tornou-se para os alunos um valioso instrumento e os discentes corresponderam como se desejava. A sua participação manifestou empenho e interesse. Contudo, esta dinâmica poderia, contudo, ter sido ainda mais variada.

Um outro recurso útil e eficaz foi a utilização das personagens Maria e Miguel, desempenhadas por dois alunos da turma, o que veio a reforçar ainda mais a participação dos mesmos. Em tudo isto, os alunos parece que agiram com perspicácia e notou-se claramente que acompanharam o raciocínio.

Construímos juntos a síntese da aula valorizando a criação dos laços humanos que a alimentação gera, sensibilizando-os para a vivência disso mesmo, no dia-a-dia. Como expressão do seu envolvimento neste processo, os discentes registaram os dados mais pertinentes no portfólio.



Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta na distribuição dos bens.	O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. O pão, o azeite, o vinho, a água e o cordeiro.	Acolhimento e Sumário Síntese da aula anterior	5 min	Quadro e marcador	Verifica se os alunos escrevem o sumário.
			PowerPoint e Diálogo	2 min	Diálogo	Observa a atenção dos alunos
			Dividir os elementos por sorteio com os símbolos: pão, azeite, vinho, água e cordeiro	5 min	Projektor e computador	Regista a participação dos alunos
			Os alunos destinados a apresentar cada símbolo leem em silêncio no manual e anotam algo sobre esse mesmo símbolo.	10 m	(p. 88 -94) caneta e portefólio	Notar a atenção e empenho dos alunos.
			Diálogo lido por dois alunos representando as personagens da Maria e do Miguel no símbolo da água (pág. 91)	5 m	Papel, caneta Manual: e portefolio	Observar a atenção dos alunos e o seu acompanhamento da aula.
			Ficha de trabalho	10 m		
Síntese da aula: Todos estes símbolos manifestam a riqueza dos alimentos e o seu significado mais profundo.	3 m	Quadro e marcador	Verificar se escrevem a síntese			

SUMÁRIO: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. Apresentação de PowerPoint e dinâmica.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio.

Relatório de Aula do dia 12 de janeiro de 2016

11.^a Aula – 14.^a lição: “O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição”

Tendo em conta a meta “O” continuei a sensibilizar os discentes para a alimentação, incidindo sobre a importância dos alimentos: pão, o azeite, vinho, água e cordeiro - procuraram responder ao que lhes fora solicitado; aqueles participaram, procurando, eles mesmos, descobrir o simbolismo de cada um. Sorteados os alimentos por 5 alunos e tendo eles lido o comentário previamente preparado para cada alimento, através de um pequeno retângulo de papel que foi distribuído.

Pode concluir-se que houve uma abordagem interessante e instrutiva sobre cada um dos símbolos cujas informações foram registadas no portefólio e envolveram-se na atividade e o professor ia reparando na concentração e empenho dos mesmos durante a apresentação dos símbolos.

A atividade escrita-ficha de trabalho que se realizou, de seguida, consistiu na construção de correspondência entre os alimentos e a sua simbologia, tendo os alunos que interligar as duas colunas através de uma seta. A partir desta ficha, testou-se a atenção dos alunos e o seu empenho efetivo no que lhe foi solicitado. Apercebi-me das respostas assertivas da maioria dos alunos. Tudo isto denota que os aqueles assimilaram bem o conteúdo, expresso no diálogo que se gerou, no registo no portefólio e a respetiva síntese que dizia que todos estes símbolos manifestam a riqueza dos alimentos e o seu significado mais profundo.

Senti-me confiante e fui escutando os alunos e dialogando com eles numa atitude cordial e descontraída. Aqueles foram bastante participativos o que é prova de que a variedade de estratégias resulta para motivar os alunos. A novidade sempre entusiasma e gera criatividade. Quando se sentem implicados, reagem prontamente.

O facto de se ter procurado os símbolos concretos foi uma forma de levar os discentes a descobrir algo de novo e o empenhar-se na aula, eu, por minha parte, professor estagiário, senti a necessidade dever procurar organizar melhor a participação dos alunos. Contudo, nesta aula, notou-se que nem sempre o consigo com facilidade e que precisa de ser mais firme e despertar mais o sentido da moderada autoridade geradora de responsabilidade e respeito.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injustiça na distribuição dos bens.</p>	<p>A alimentação, a produção e o comércio dos alimentos. A fome e a subnutrição A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.</p>	<p>Acolhimento e sumário. Síntese da aula anterior. Aprofundamento dos dois últimos símbolos -água e cordeiro). Diálogo com os alunos acerca da produção e comércio de alimentos. Vídeo sobre a fome no mundo e a subnutrição Diálogo com os alunos. As duas atividades da página 103. Síntese da aula: Apesar dos recursos naturais serem suficientes para todos os seres humanos, há muita fome no mundo por causas naturais e também por responsabilidade humana</p>	<p>3 m 5 m 5 m 10 m 7 m 5 m 10 m</p>	<p>Portefólio Projektor e computador Projektor, Computador Portefolio Projektor e computador (p.101- 103) Manual (pág. 103) Portefólio</p>	<p>Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio. Verifica a participação dos alunos. Verificar a sensibilidade dos alunos em relação ao tema. Valoriza as intervenções e tenta pôr todos a participar. Procura que registem uma frase Verifica se todos os alunos estão atentos ao vídeo e se compreendem a mensagem. Verifica se todos compreenderam a atividade. Motiva a participarem na elaboração de uma proposta de síntese e anotá-la no portefólio.</p>

SUMÁRIO: A alimentação e a produção e comércio de alimentos. A fome e subnutrição - vídeo.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio.

*Não está registado no Plano de Aula, mas será utilizado um PowerPoint que funciona como guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 19 de janeiro de 2016

12.^a Aula -15.^a lição: “A alimentação e o comércio dos alimentos”

Os alunos da turma E tiveram um comportamento adequado, manifestaram atenção e respeito e gerou-se um ambiente de confiança, escuta e predisposição para participarem e interagirem na aula. Foi necessário recordar e acrescentar algo sobre os dois últimos símbolos apresentados na aula anterior que foram menos explorados - a água e cordeiro, por falta de tempo.

Como professor, fui conduzindo a aula no âmbito dos temas: “A alimentação e a produção” e “o comércio dos alimentos e a fome e subnutrição”. A partir da referência a situações de pobreza e à distribuição injusta dos bens de primeira necessidade, os alunos foram sensibilizados para a partilha e solidariedade, através de pequenos vídeos sobre a fome e a subnutrição no mundo lembrando também que à sua volta há colegas que não possuem as condições de vida que eles possuem.

Apoiados no manual e no PowerPoint, os alunos foram confrontados e dialogaram sobre situações que vêm na televisão, na Internet ou que presenciam na vida real até referir o exemplo de colegas com quem convivem diariamente que têm poucos recursos e não têm as condições normais que as outras pessoas têm.

Concluiu-se que a má distribuição das riquezas que provoca desigualdade é um fator que influencia e, juntamente com os fenómenos naturais e os seus efeitos, faz com que nem todos tenham o suficiente para viver; é isto que provoca a fome no mundo. Não se pode aqui esconder nem ofuscar a responsabilidade humana. Tudo isto leva os alunos a não agir assim e a combater toda e qualquer desigualdade.

Refira-se, como nota muito positiva que alguns alunos, espontaneamente, anotaram no portfólio algumas frases e exemplos da partilha dos colegas bem como algumas expressões utilizadas no vídeo. Através destas estratégias variadas, as aulas tornam-se mais criativas e originais e os alunos sempre mais intervenientes na mesma.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	3. Identificar Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome	Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome...)	Acolhimento e sumário. Apresentação da matriz do 2.º teste	3 m	Portefólio	Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio e anotam os dados da matriz do teste
			Síntese da aula anterior. As duas atividades da pág. 103	5 m	Projeter, computador e manual	Verifica a participação dos alunos e se anotam algo no portefólio verifica se todos compreenderam a atividade
			Leitura e comentário das intervenções da Maria e do Miguel	10 m	Manual Manual (p.105- 109)	Verifica se todos os alunos estão atentos e se compreendem a mensagem. Recolhe a síntese dessas intervenções da Maria e do Miguel.
			Dinâmica para apresentação das ONG: FAO e do Banco alimentar contra a fome a partir do manual	10 m	Manual	
			Síntese	15 m		Verifica se os alunos participam e se empenham na atividade. Procura que registem as frases síntese no portefólio.
			Síntese da aula: Há organizações, não-governamentais (ONG) que lutam contra a fome procurando dar qualidade de vida às populações, sobretudo aos mais desfavorecidas	2 m	Portefólio	Convida à elaboração de uma proposta de síntese e verifica se todos a anotam no portefólio.

SUMÁRIO: Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome. Atividades práticas.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio.

Relatório de Aula do dia 26 de janeiro de 2016

13.^a Aula -16.^a lição: “Instituições nacionais e internacionais contra a fome”

Guiados pela meta O que nos tem vindo a acompanhar nas últimas aulas (Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo) e o objetivo 3 que consiste em identificar Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome, foi abordado o tema: “ Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a acabar com a fome (Caritas, FAO, Banco Alimentar Contra a Fome...)”.

Abordadas as instituições não-governamentais (ONG) acima referidas e feita a alusão a outras que os alunos conhecem como a Cruz Vermelha Internacional, UNICEF e outras, notou-se que os alunos já conheciam algumas delas ou pelo menos tinham ouvido falar, por isso, alguns tiveram diferentes intervenções. Trata-se daqueles alunos com mais cultura geral, que são, tantas vezes, o reflexo de um ambiente familiar onde se respira formação e cultura, onde os pais falam deste assunto ou incentivam a estas pesquisas. A Internet, hoje em dia, facilita muito o conhecimento geral e cultura geral e a formação das crianças, adolescentes e jovens.

Destas conclusões, e de tudo mais que surgiu no diálogo, foram escritas ideias-chave no portfólio, registando-se também outras informações que foram fornecidas com o apoio do Powerpoint ou referidas por mim. O interesse dos alunos manifestou-se precisamente aí, ao copiarem para o *portfolio* algumas notas sobre as instituições sem que lhes tivéssemos convidado a fazê-lo, o que é também uma prova daqueles que estão mais inclinados para estes conhecimentos e revelam mais interesse geral pela aprendizagem.

Finalmente, fez-se a síntese da aula concluindo-se da existência e valor de organizações não-governamentais (ONG) que lutam contra a fome procurando dar qualidade de vida às populações, sobretudo aos mais desfavorecidos.

Apesar de ser já visível uma melhor participação dos alunos e o meu esforço, como professor estagiário, em procurar organizar essa participação, é necessário insistir para que tal continue acontecer para que a aula mais criativa e os alunos sempre mais intervenientes na mesma.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Pas 4. Reconhecer o valor da solidariedade	Sociedade e Voluntariado. Fraternidade, amor partilhado.	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Dinâmica para apresentação das ONG: FAO e do Banco alimentar contra a fome a partir do manual (continuação).	15 m	Projektor, computador e manual	Verifica se todos compreendem e todos os slides e anotam frases.
			Síntese da aula anterior.	10 m	Manual pág 105-106 quadro	Verifica se todos os alunos estão atentos e se registam as frases síntese no portefólio.
			Breve apresentação de PowerPoint.	5 m	Marcador	
			Construção de Acróstico sobre voluntariado	5 m	Portefólio	
			Visionamento de um vídeo: Diálogo.			
			Síntese da aula: O voluntariado implica solidariedade e baseia-se na gratuidade, na partilha e na cooperação.	12 m	Projektor, computador	Desafio à redação de uma síntese e verificar se todos a anotam no portefólio.
	3 m	Portefólio				

SUMÁRIO: Continuação da aula anterior.

A solidariedade e o voluntariado -visionamento de vídeos com testemunhos sobre o tema.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio.

Será utilizado um PowerPoint que serve de guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 2 de fevereiro de 2016

14.^a Aula -17^a lição: “Solidariedade e voluntariado”

Mantendo a meta das aulas anteriores e realçando o valor da comunidade que visa reconhecer o valor da solidariedade foi abordado concretamente o tema da Solidariedade e voluntariado como expressão da Fraternidade e amor partilhado.

O uso de um acróstico sobre a palavra “solidariedade” do qual resultaram palavras - cujas iniciais eram condizentes com a primeira letra da referida palavra – tema central da aula foi muito positivo. As palavras cujas iniciais formaram o acróstico foram: vontade, objetivo, liberdade, união, novidade, amor, rotatividade, integração, abertura, doação e otimismo.

Também muito eficaz foi a dinâmica utilizada para a apresentação das ONG que consistia no seguinte: distribuíram-se pelos alunos pequenas folhas com informações relativas às ONG mas com frases incompletas que teriam que completar-se com a outra parte que possuía outro colega da sala.

Mesmo tendo levado a uma certa movimentação na sala, não houve prejuízo para o bom funcionamento da aula pois os alunos, advertidos por mim facilmente tentaram acalmar e centrar-se sempre no trabalho. Notou-se o objetivo principal que me movia, naquele momento: manter os alunos motivados, empenhados e comprometidos com a tarefa que lhes foi pedida. Isso é certamente revelador de interesse, desde o empenho na atividade até ao registo das frases elaboradas no portefólio, pelos alunos.

Tomando consciência de que o voluntariado implica solidariedade e baseia-se na gratuidade, na partilha e na cooperação, percebeu-se que esta aula foi um verdadeiro desafio a uma vida de testemunho concreto, no dia-a-dia dos alunos, começando na família e na Escola e na própria sala de aula.

O recurso aos testemunhos foi uma boa ideia, mas é preciso escolher mais cuidadosamente os vídeos ou trabalhá-los melhor antes de os apresentar visto que o som não era o melhor e o texto não foi totalmente perceptível pelos alunos.

Em termos pedagógicos, conclui-se que os progressos na planificação e gestão das aulas, não dispensa um caminho a desvendar e a percorrer no sentido de ir fazendo com que as aulas sejam cada vez mais centradas nos alunos, investindo na produção destes materiais que, em ano de estágio são preparados e que servirão sempre no meu futuro, como docente, ao longo de toda a minha vida.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	4. Reconhecer o valor da solidariedade	Solidariedade e Voluntariado. Fraternidade, amor partilhado.	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Síntese da aula anterior.	7 m	Projetor, computador e manual	Verifica se todos compreendem e anotam frases.
			Consolidação dos conhecimentos da aula anterior.	10 m	Manual Pág.105-106 Quadro	Verificar a atenção e participação dos alunos
			Visionamento de vídeos: Testemunho de voluntários. Diálogo.	7 m 15m	Projetor, computador	Observar a atenção dos alunos.
			Síntese da aula: A fraternidade e o amor partilhado exprimem-se em atos concretos e no voluntariado.	3 m	Portefólio	Convida à elaboração de uma proposta de síntese e verifica se todos a anotam no portefólio.

SUMÁRIO: Reconhecimento do valor da solidariedade.

Fraternidade, amor partilhado - diálogo.

OBSERVAÇÕES: verificar se os alunos têm manual e portefólio.

Será utilizado um PowerPoint que serve de guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 16 de fevereiro de 2019

15.^a aula – 18.^a lição: “Solidariedade e voluntariado e Fraternidade”

O plano de aula cumpriu-se e, no seguimento da anterior, teve em conta a meta O – “Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” e o objetivo 4 – “Reconhecer o valor da solidariedade”, tendo sido abordados, de novo, os temas da solidariedade e voluntariado e fraternidade e amor partilhado.

Apresentados dois pequenos vídeos com testemunhos de pessoas que exerceram e exercem voluntariado com a finalidade de informar, despertar e sensibilizar para o trabalho gratuito de voluntários, neste caso, concretamente, dos Médicos do Mundo e da Cruz Vermelha, os alunos reagiram de forma entusiasta e ficaram motivados. Pelo diálogo, foram manifestando que acolheram a mensagem e parece que se sentiram alertados para o espírito de serviço aos outros, particularmente aos que mais necessitam.

Nesta aula, registou-se um diálogo muito variado e rico, tendo sido fecunda a participação dos alunos na medida em que também deram a conhecer experiências de que ouviram falar na sua própria paróquia e no próprio no colégio, partilhando mesmo que também eles já contribuíram em géneros variados para com os mais necessitados e participaram em várias campanhas pois no próprio colégio se interage com a comunidade local e se exerce solidariedade e partilha com os mais carenciados.

São sempre experiências enriquecedoras para quem é destinatário, mas também estimulantes para quem exerce solidariedade e é protagonista destes gestos que visam sempre levar as pessoas a serem mais felizes.

Fruto do diálogo, foram as ideias-chave no portfólio deixando a mensagem clara de que fraternidade e o amor partilhado exprimem-se em atos concretos e no voluntariado.

Na verdade, se a aula do dia 2 - a primeira sobre o tema do voluntariado - pretendeu ser uma introdução ao tema e a motivação para o mesmo e a possível sensibilização dos alunos para tal, esta segunda aula sobre o mesmo tema foi a concretização da primeira e a prova de que é possível passar aos atos, no concreto da vida, concretizando este espírito de serviço e de generosidade e disponibilidade abordado nestas duas aulas.

Docentes e alunos, parecíamos ambos bem impressionados pela partilha e pela riqueza do diálogo que caracterizou esta aula, o que denota a pertinência e atualidade do tema.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	4. Reconhecer o valor da solidariedade.	A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Entrega e correção das fichas de avaliação.	25 m	Quadro, marcador Testes e portefólio	Verifica se os alunos anotam a correção.
			Leitura de 4 histórias que incluem os 4 elementos-chave das primeiras comunidades.	4 m	4 folhas com os textos	Levar os alunos a descobrir os 4 elementos das primeiras comunidades, verificando e sua participação.
			Audição do texto At 2, 42-47 e diálogo.	4 m	Projeter, computador	Observar a atenção dos alunos.
			Tentativa de pequena encenação da última parte do texto.	7 m	Manual Pág 110 e guião da encenação	Verificar a participação e criatividade dos alunos.
Síntese da aula: Os primeiros cristãos eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações.	2 m	Portefólio Projeter e computador	Observa se todos anotam a síntese no portefólio.			

SUMÁRIO: Entrega e correção das fichas de avaliação.

A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio. Será utilizado um PowerPoint que serve de guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 23 de fevereiro de 2016

16.^a aula – 19.^a lição: “A vida em comum e a partilha dos bens”

Nesta aula, primeiramente procedeu-se à entrega e correção das fichas de avaliação depois a aula prosseguiu. Foram tidos em conta o reconhecimento e o valor da solidariedade abordando-se, concretamente, o tema: “A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos”.

, Com o objetivo de levar os alunos a descobrir os quatro elementos das primeiras comunidades, após a leitura de quatro histórias que incluem os quatro elementos-chave das primeiras comunidades, a saber: Palavra de Deus, oração, fração do pão, caridade fraterna, observou-se o envolvimento e entusiasmo dos alunos tendo eu considerado que foi caracterizada pelo empenho e participação o que é certamente revelador de interesse.

O diálogo entre os alunos e eu foi estabelecido a partir da leitura do texto bíblico de At 2, 42-47 em áudio com o auxílio do computador. Ainda se falou na possibilidade de se fazer uma tentativa de pequena encenação da última parte do texto, como constava do plano de aula, mas não conseguimos por falta de tempo e de condições logísticas pois os alunos facilmente se distraem e parecia difícil concentrá-los numa atividade que é quase impraticável numa turma tão numerosa.

A minha preocupação primeira como professor estagiário foi a de mantê-los motivados e empenhados, comprometidos com a tarefa que lhes foi pedida.

Reparei que os alunos tinham já alguns conhecimentos acerca do conteúdo, conhecimentos que talvez tinham adquirido na catequese, os que a frequentavam, ou na internet, todos os outros, ou mesmo através dos pais na família. Pareceu-me que ficaram sedentos de conhecer mais e curiosos no sentido de saber mais. Esse interesse pode intuir-se através do registo, feito pelos alunos, no portefólio, das frases elaboradas por eles e bem resumidas na síntese da aula que foi esta: “Os primeiros cristãos eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações”.

Os alunos foram assimilando e interiorizando o que eles mesmos descobriam, o que se tornou visível na sua própria participação, tive também a preocupação em interpelar os mais calados. O uso de novas e variadas estratégias e a necessidade de organizar bem os materiais, bem como a participação dos alunos ser cada vez mais o alvo das minhas atenções.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã	5. Reconhecer, na Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã	A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor. O Lava-pés.	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Verifica se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Síntese da aula anterior.	2 m	Projektor e computador	Verificar a consolidação dos conhecimentos da aula anterior.
			Visionamento de video: “Última ceia”	5m	Projektor e computador	Verificar a atenção e participação dos alunos.
			Diálogo	10m	Portefólio	Observar se participam e anotam frases no Portefólio.
			Distribuir Saborear o Pão ázimo	5 m	Pão ázimo	Convidar a saborear o pão ázimo.
			Leitura do texto do lava-pés	5 m	Manual Pág 112	Verificar se entendem o seu simbolismo.
			Visionamento de 3 imagens sobre o lava-pés e comentário a cada uma dela.	12 m	Projektor e computador	Notar se os alunos estão atentos. Registrar a participação dos alunos.
Síntese da aula: A vida cristã consiste em seguir o exemplo de Jesus na humildade e espírito de serviço, expressos na última ceia e no lava-pés.	3 m	Portefólio Projektor, computador	Convidar os alunos a elaborar uma proposta de síntese e verificar se todos a copiam para o portefólio.			

SUMÁRIO: Simbolismo da última ceia de Jesus e do lava-pés.

Diálogo a partir de imagens alusivas.

OBSERVAÇÕES: Verificar se os alunos têm manual e portefólio. Será utilizado um PowerPoint que serve de guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 1 de março de 2016

17.^a aula – 20.^a lição: “A Última Ceia”

O vídeo sobre a última Ceia, com a duração de cerca de cinco minutos, gerou um diálogo bastante profícuo, concretizado com o facto de os alunos terem saboreado pão ázimo, tal como Jesus usou, na última ceia. Ao ver-me fracionar e distribuir este pão, os alunos aprenderam algo mais sobre o simbolismo do mesmo e pareceu-me que eles assimilaram o seu significado profundo, o que está para além do visível pão ázimo. Os mesmos manifestaram satisfação, não só por terem descoberto algo de novo e provado o mesmo tipo de pão que o povo de Deus comia ao celebrar a Páscoa - e ainda hoje se pode usar em celebrações especiais- mas também porque provaram um sabor agradável.

Após a leitura do texto bíblico do Lava-pés (João, 13, 3- 7, 13-17) conforme está na página 113 do manual, notou-se a atenção dos alunos à leitura do texto do manual.

No PowerPoint, foram apresentadas algumas imagens referentes a pinturas alusivas ao texto lido sempre representativas deste gesto tão simbólico de Jesus- o lava-pés - que exprime todo o significado profundo da entrega d'Ele por nós, na Cruz, onde “lavou os pés da humanidade” e nos ensinou a servir e a dar a vida, dizendo mesmo: “*Não há maior amor do que dar a vida pelos irmãos*”(Jo, 15,14). O comentário dos alunos a cada uma daquelas imagens parece tê-los levado a descobrir nelas um convite a vivermos hoje a vida como um serviço gratuito aos irmãos, na humildade. Esta é, na verdade, uma mensagem totalmente atual, convite claro a viver cada dia e todos os dias numa atitude de disponibilidade e atenção para os outros, num serviço desinteressado – forma de perpetuar a vida e o gesto de Jesus e repeti-lo sempre a que alguém precise de nós.

Fui procurando levá-los a concretizar nas suas vidas este gesto, aludindo até, a título de exemplo, ao gesto do Papa Francisco, no primeiro ano de Pontificado, lavando os pés aos jovens de uma prisão de Roma, em quinta-feira Santa.

Apercebo-me que, estando na faixa etária dos 11 aos 13 anos, os adolescentes estão mais sensíveis e aptos a compreender melhor a dimensão simbólica do que nós pensamos.

Considerou-se que o uso do pão ázimo foi uma escolha acertada porque introduziu uma dinâmica nova e diferente, isto porque se trata de algo palpável. Tratou-se, efectivamente, da exploração de um símbolo que não lhes era familiar e, por isso mesmo, suscitou mais curiosidade e revelou-se como uma novidade para os alunos. É com sinais como estes e ideias inovadoras que se vence a rotina do uso das mesmas estratégias e se parte à descoberta de estratégias sempre novas e criativas porque é necessário continuar a inovar sempre e em cada aula, variando, criando e recriando estratégias inovadoras.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã.	6. Tomar a consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si	Ser pão para os outros: a doação de si mesmo, o amor partilhado com os mais necessitados. O exemplo cristão de «pão para os outros»:	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Ver se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Síntese da aula anterior.	2 m	Projeter, computador	Consolidar os conhecimentos da aula anterior.
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	7. Valorizar a atitude de voluntariado	- Caritas -Conferências Vicentinas de S. Vicente Paulo -Comunidade Vida e Paz	Os alunos são convidados (por fila) a escrever uma palavra que exprima o que é “ser pão para os outros” no coração de papel.	5 m	Coração Marcador	Verificar se os alunos se interessam e participam
			PowerPoint.	15 m	Projeter, computador	Verificar a concentração e participação dos alunos.
			Consulta do manual.	8 m	Manual p. 114	Observar se participam e anotam frases no Portefólio.
			Atividade sobre as Conferências vicentinas	5 m	Pág 118-19 manual	Fomentar a participação dos alunos a partir do manual.
			Video “Comunidade vida e paz”	5 m	Projeter, computador	Ver se os alunos estão atentos.
			Síntese da aula: Ser pão para os outros é servir gratuitamente e, assim, se promove o bem comum.	2m	Projeter, computador Portefólio	Verificar se copiam a síntese para o portefólio.

SUMÁRIO: “Ser pão” para os outros.

Atividades alusivas ao tema.

OBSERVAÇÕES: Será usado um PowerPoint guia.

Relatório de Aula do dia 8 de março de 2016

Aula 18.^a- lição 21- “Ser pão para os outros”

Nesta aula, ao aprofundar e tentar descobrir o que é “ser pão “para os outros, o diálogo foi acontecendo logo desde o início quando se referiram como exemplo cristão de alguém que sabe ser «pão para os outros», três instituições: Caritas, Conferências Vicentinas de S. Vicente de Paulo e Comunidade Vida e Paz. Por isso, os alunos foram convidados a ver um vídeo sobre as três instituições acima referidas concretizando como se pode pôr em prática hoje este dom de viver para aos outros, entregando-se, dando a vida.

Tendo toda esta temática do dia deixado aos discentes um grande desafio que é o de assumir a vida cristã seguindo o exemplo de Jesus na humildade e espírito de serviço, expressos na última ceia e no lava-pés” - e é também esta a sua síntese- poderemos compreender o quanto esta aula foi centrada no espírito de serviço, na mística da gratuidade e no lançar pistas para que a vida seja dom diário aos outros, a começar por aqueles que são o nosso próximo.

A busca da nova estratégia, baseada no uso do coração de papel, funcionou como uma forma de despertar os alunos, de pô-los em ação, contudo é importante explicar que se usou a estratégia de chamar os alunos por fila a completar as frases para evitar que houvesse perturbação e barulho na aula. Esta tarefa decorreu sem grande perturbação da aula, pois houve ordem e respeito.

Na avaliação, esta dinâmica foi alvo de uma crítica bastante favorável pela novidade e criatividade da atividade sugerida e executada pois o uso de novas estratégias vem sempre a beneficiar os alunos e a enriquecer o seu processo formativo

Contudo, é necessário continuar a realizar tudo com uma postura de maior firmeza da minha parte para que o comportamento dos alunos fosse sempre adequado, em todas as situações.

Conclui-se que importa sempre descobrir novas formas de envolver os alunos e pô-los em interação, procurando sempre melhorar o que já se conseguiu e não ficar satisfeitos porque já se atingiram alguns objetivos. Importa procurar ir sempre mais além.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo 45 min.	Recursos	Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã. N.Promover o bem comum e o cuidado do outro	6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Ser pão para os outros: a doação de si mesmo, o amor partilhado com os mais necessitados. O exemplo cristão de «pão para os outros»:	Acolhimento e sumário.	3 m	Portefólio	Observar se os alunos escrevem o sumário no portefólio.
			Síntese da aula anterior.	2 m	Projeter, computador	Rever os conhecimentos da aula anterior
	7. Valorizar a atitude de voluntariado.	A diversidade de carismas no serviço.	PowerPoint. Apresentação e leitura do texto “A diversidade de carismas no serviço”.	10 m	Projeter, computador Manual pp. 117-118	Notar se os alunos seguem o PowerPoint.
			Autoavaliação.	15 m	Ficha de autoavaliação	Verificar se os alunos preenchem a ficha de autoavaliação
		Elaboração de um Marcador com Mensagem de Páscoa.	13 m	Papel, Caneta, lápis, Canetas de cores	Acompanhar os alunos e reparar se fazem o marcador de Páscoa	
		Síntese da aula: Há diversos dons no serviço da comunidade para felicidade de todos.	2m	Projeter, computador Portefólio	Ver se os alunos escrevem a síntese no portefólio	

SUMÁRIO: A diversidade de carismas no serviço.

Autoavaliação. Mensagem de Páscoa aos alunos e pais.

OBSERVAÇÕES: Será usado um PowerPoint guia de toda a aula.

Relatório de Aula do dia 15 de março de 2016

19.^a aula – 22.^a lição: “A diversidade de carismas no serviço”

Na última aula do período, houve uma atenção não só ao conteúdo a lecionar - *A diversidade de carismas no serviço*-mas também à mensagem de Páscoa a elaborar.

Assim, depois de contextualizar e introduzir o tema do dia, com o apoio do manual e do PowerPoint, os alunos foram levados a tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de nós mesmos, do que somos e temos. Esta partilha tem sempre como alvo os mais necessitados. Foi esta a mensagem do texto bíblico, lido na aula, que visava transmitir que a partilha de dons tendo como ponto de partida o reconhecimento dos dons de cada um, levando os alunos a descobrirem que a sua diversidade de enriquece a comunidade. A variedade gera motivação e empenho.

Confrontados com a mensagem das páginas 117-118 do manual, que nos desafiam à gratuidade da entrega, os alunos mantiveram a atenção e foram diligentes na participação.

Na segunda parte da aula, foi feita a autoavaliação por parte dos alunos cujo documento foi preenchido por eles, tendo os mesmos correspondido prontamente. Eu, por minha parte, procurei estar atento à execução desta ficha.

Convidados depois a fazer um marcador onde se escreve uma mensagem de Páscoa dirigida aos encarregados de educação, pais e demais familiares utilizando lápis de cor e marcadores. Os alunos foram elaborando, com criatividade, o referido marcador – mensagem como forma de expressão do significado profundo da Páscoa- festa central do ano, na vida de um cristão. Os alunos primaram pela variedade, criatividade e originalidade.

Registou-se a participação criativa dos alunos na elaboração do marcador com mensagem que eles mesmos elaboraram nesta aula. Contudo, reconheço que poderia ter dado mais tempo para esta tarefa. Com efeito, senti-me dividido entre prever mais tempo para a realização daquela atividade, abolindo o tema que foi abordado - “*A diversidade de carismas no serviço*” - parte final do último tema da unidade 2, ou manter o esquema que concilia a abordagem da parte final do tema, acima referida, e a autoavaliação e elaboração do marcador.

Ao concluir a unidade, nesta última aula do período e da abordagem da UL3 pode concluir-se que foi deixada uma semente de vida e um convite ao reconhecimento dos próprios dons de cada um que é um convite a uma partilha efetiva dos mesmos e da própria vida.

5. Reflexão sobre a lecionação da unidade letiva 3

A base para a lecionação desta unidade foi sempre a experiência humana - dela se partiu e a ela se chega no final da unidade com desafios concretos. Aquela é sempre a base, antes de qualquer outra experiência inclusive a da fé. Partindo da experiência vivida, é sobre ela que assenta a transmissão de valores em EMRC. Partindo do concreto se chega à vida.

O conhecimento adquirido na caracterização da escola e da turma e o conhecimento das características nos nossos alunos possibilitaram uma ação educativa mais eficaz, uma vez que são eles o centro de todo o processo educativo.

Muitas vezes, a curiosidade dos discentes levou o professor a cuidar melhor a preparação da aula desde a planificação para tentar sempre responder às suas necessidades. Na verdade, procurei ter em conta que “a planificação e as decisões sobre a educação estão entre os aspetos mais importantes do ensino porque são grandes determinantes do que é ensinado nas escolas e da forma como é ensinado”³³

Reconheço e assumo que posso ter caído numa certa rotina no uso de estratégias e teria sido necessário variá-las e procurar tornar as aulas mais criativas. Contudo, reconheço os esforços efetuados, como estagiário, e o facto de ter conseguido, de certa forma, motivar mais e obter maior participação por parte dos alunos ao longo do ano, o que foi acontecendo de forma progressiva embora nem sempre regular.

Os procedimentos e estratégias de planificação das aulas e produção de materiais pedagógicos visaram sempre a criação de um ambiente acolhedor e humanamente atraente, tendo em conta que todos precisamos de ser vistos, ouvidos, reconhecidos e estimados e, simultaneamente, aceites como somos na nossa fragilidade, mas também na nossa unicidade pelo facto de sermos únicos e irrepetíveis como pessoas humanas.

³³ ARENDS, R, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, 7.ª edição, Madrid, 2008, 129.

A lecionação foi precedida de um tempo de planificação que se revelou essencial para a processo de ensino-aprendizagem, o conhecimento em profundidade do programa vai permitir “encaminhar e distribuir propostas de aprendizagem de acordo com as necessidades e as realidades pessoais e escolares dos alunos”.³⁴

Os resultados dos alunos da turma 6.ºE da Escola Salesiana de Manique corresponderam bastante bem ao que se pretendia e revelaram-se muito positivos tendo para tal contribuído o recurso às metas e aos objetivos propostos, tal como se pode ver no portfólio.

Houve uma relação clara e inequívoca entre as finalidades da disciplina que passam por aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso em geral e do cristianismo em particular, procurando estabelecer diálogo entre a cultura e a fé e o conhecimento e descobertas da simbólica cristã e as necessidades dos alunos e da Escola. Senão vejamos:

Com o objetivo de atingir as finalidades definidas para esta disciplina, “lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”³⁵, procuramos estar atentos ao método utilizado.

Houve a tentativa permanente de usar “um método existencial e hermenêutico, estruturado em três dimensões: experiência humana, reflexão religiosa e interpretação ético-moral”.³⁶

A estratégia era sempre partir de uma perspectiva cristã, em geral, e católica, em particular. Procuramos ter sempre em conta que os discentes que frequentam este colégio vêm de meios diversificados e estão inseridos numa Escola Salesiana, entidade que, naturalmente, deverá demonstrar uma atenção peculiar para com a solidariedade e atenção aos outros.

Deste modo, a abordagem da UL3, logo no início do 2.º período e, imediatamente após a UL1, pareceu-me eficaz. Lecionamos, de seguida, a UL3- desafio a partilhar o pão e a vida

³⁴ SANTOS, A. F. DOS, “Apresentação”, in *Programa EMRC 2014*, VII.

³⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade”, 15.

³⁶ *Programa EMRC 2014*, 154.

para fazer face ao problema da fome, para ser solidário e nutrir sentimentos de generosidade e ajuda aos outros- um imperativo da nossa consciência para bem de todos para que sejam felizes.

6. Desafios e interpelações

Esta unidade letiva tem um grande interesse pedagógico e é de uma primordial importância para mim, porque permite alargar horizontes e desafiar à partilha como valor fundamental e a base inclusive para uma opção preferencial pelos mais pobres.

Utilizamos uma aprendizagem de tipo cooperativo que levou à partilha em grupo, tendo sempre como meta a construção de relações cordiais e de tolerância numa atenção permanente no respeito pelo outro onde os alunos aprendem uns com os outros conceitos e valores de uma forma simples e eficaz. Através de trabalhos de grupo ou de pares, os alunos foram desafiados a colocar as suas capacidades ao serviço uns dos outros, isto” favorece assim a capacidade de trabalhar em conjunto e de forma produtiva”³⁷

Este tipo de estratégia foi sempre aplicado na dinamização de atividades: diálogos, dramatizações, jogos, dinâmicas, entre outros.

A opção pelo uso de diversos recursos audiovisuais, praticamente todas as aulas, salientando-se o PowerPoint que funcionava quase como guião de todas as unidades e de cada uma das aulas, e também a música e o vídeo, que ligados à oralidade, foram um meio eficaz de transmissão da mensagem que se pretendia comunicar.

Isto só o poderá revelar a vivência concreta de cada um no quotidiano, tantas vezes, no segredo das vidas dos alunos que estão diante de nós, e isso não é visível nem perceptível aos nossos olhos nem fica acessível porque faz parte da vida pessoal de cada um e a vida é sempre algo que se vai construindo, um mistério que se vai revelando.

O essencial é invisível aos olhos. Refiramos aqui o conhecido texto do autor francês,

³⁷ *Ibidem*, 158.

“Agora vou contar-te o tal segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos o [...] Os homens já não se lembrem desta verdade – disse a raposa - Mas tu não te deves esquecer dela. Ficas responsável para todo o sempre por aquilo que cativaste.”³⁸

Esta citação do Príncipezinho, parece-nos, a este ponto, muito oportuna porque não se trata aqui de algo mensurável, palpável, que se possa avaliar e a olhos claros, mas é algo que brota do coração e nele tem as suas raízes, que passa pelo âmbito afetivo, pelo psicológico e pelo espiritual e é invisível aos olhos. Cada um de nós fica para sempre e inegavelmente ligado ao que cria, responsável pelo que uma vez gerou e assumiu. Assim sendo, nenhum esforço é em vão, todo o tempo gasto não será desperdiçado, mas é tempo que, parecendo perdido, surge como ganho por causa justa e não caiu em fundo roto. Citamos mais uma vez, Saint-Exupéry que tão maravilhosamente resume o que estamos a dizer: “Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.”³⁹

Vale a pena gastar o tempo. Tudo isto só tem sentido e ganha sabor hermenêutico se levar as pessoas à partilha e, em última análise, à felicidade, pois a partilha é fruto do amor infinito e é o que nos dá um olhar puro e virado para o essencial. “A partilha está intimamente ligada ao infinito do amor. Ele nos faz enxergar o que está de mais puro na alma. O essencial de cada um. O desejo puro e simples de somente querer se entregar e ser feliz.”⁴⁰

Nesta linha, transpondo agora para o nosso tema de educação, podemos afirmar que o professor de EMRC não pode nunca esquecer que, na sua ação educativa, deve ter em conta a pessoa do aluno sem ignorar as suas raízes e a ação educativa da sua família que é a primeira responsável pela educação dos filhos.

Os problemas contemporâneos, de que são exemplo a desestruturação da família, a crescente multiculturalidade na sociedade, a corrosão dos direitos sociais, a banalização da

³⁸SAINT-EXUPÉRY, A. de, *O príncipezinho*, 24.ª ed., Edições Presença, Lisboa, 2003, 74.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*, 59.

delinquência, a desconfiança e o desinteresse e as dificuldades de integração, entre outros, trazem novos desafios e responsabilidades ao professor de EMRC, uma vez que a especificidade da disciplina ajuda à construção da individualidade e do “eu” integral do aluno, da pessoa humana. Assim, sendo a EMRC uma área disciplinar, espera-se do professor a adoção de procedimentos pedagógicos adequados ao tratamento da informação com o rigor e a sistematização correspondente a esse estatuto, à semelhança das demais áreas disciplinares.

É por tudo isto que ser professor de EMRC é um desafio e uma missão, ajudando a construir um projeto de realização pessoal e social e a encontrar respostas às interrogações fundamentais da vida dos alunos, ao mesmo tempo que promove uma reflexão de natureza moral e religiosa sobre os problemas humanos.

“É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação.”⁴¹

A responsabilidade de educar tem de passar pelo coração e pela emoção também de quem educa para chegar ao coração do educando. É, pois, neste sentido que se diz que é tarefa do evangelizador cristão: dar testemunho da esperança e este é um dos maiores e mais atuais desafios colocados ao professor de EMRC.

No final desta abordagem da partilha em contexto escolar, parece ser a hora de se levantar uma questão: Qual a sensibilidade dos alunos para com esta realidade da partilha e solidariedade com os que mais precisam? Como reagem eles perante o desafio de sair de si mesmos, dar algo de seu para com os que não têm o suficiente para viver e subsistir?

Podendo mesmo pensar que as crianças, adolescentes e jovens que temos diante de nós são o fruto acabado de uma sociedade que valoriza os bens materiais em detrimento das pessoas. Daí ser urgente passar a mensagem de que as pessoas valem pelo que são e não pelo que têm e

⁴¹ PEDRINHO, D. O. “A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC”, in *Fórum Pensar a Escola, preparar o Futuro. Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012), 127.

que é necessário aprender a amar mais as pessoas e a usar as coisas e não a fazer destas um absoluto, como se unicamente delas dependesse a felicidade do ser humano. Ao recorrer a certas dinâmicas, observamos a reação dos alunos a alguns slides que incitavam à solidariedade, e fomos percebendo a filosofia e modo de vida que caracteriza o meio de onde provêm.

Contudo, confrontados com questões concretas como “Que fazemos nós pelos que precisam?”, os alunos referem, de imediato, à maneira de testemunho, o que fazem através do Colégio em prol dos que precisam e aludem ao movimento de solidariedade que aquela Instituição Escolar sustenta como apoio à comunidade envolvente.

Algumas vezes, surgiram as questões: preocupam-se estes alunos em fazer os outros felizes? Que fazem eles à sua volta para tal?

Eis o desafio radical também proposto: estar disponível, deixando os próprios interesses, relatando experiências que os levem a ter em conta a dignidade dos outros que deve ser respeitada como desejo que seja a minha. Esta questão da dignidade da vida humana é, na verdade, uma questão inerente à Escola, a ser entendida por todos e vivida por todos.

Desta forma, o Professor de EMRC deve ser reflexo, na sua forma de viver, dos valores evangélicos e consciente da sua missão evangelizadora. Tal como o docente de qualquer outra área, deve planifica-se o método a utilizar no processo ensino-aprendizagem; concretizando-o com coerência; controlar o procedimento e, por fim, realizar a sua avaliação. Tudo isto vai ajudar os alunos a ler a realidade e facilitar respostas que possam aclarar a mensagem.

Fica aqui, agora, a questão de fundo, referente a este capítulo e formulada ao longo deste relatório: “Como transmitir aos alunos o desafio e apelo à partilha e fraternidade, no contexto da sociedade materialista em que vivemos?”

Nesta fase do Relatório e terminado este capítulo, podemos ir já ensaindo uma primeira e possível resposta a esta questão que pode ser colocada nestes termos: através dos exemplos concretos e dos testemunhos apresentados nas aulas que animam os alunos à ação. Auxiliados pelas estratégias utilizadas, tentámos sensibilizá-los para a temática levando-os a que não

fiquem só pelo bom propósito de ser solidários e de ser *dom* para os outros, mas de efetivamente vivê-lo no dia-a-dia. Uma vivência que concretize esta partilha e os faça “ser dom” em gestos que ajudam os outros a se sentirem mais pessoas humanas e a serem mais felizes.

Em suma, o projeto educativo reveste-se, no âmbito da nossa disciplina, de um carácter específico o que deve ser comprovado pela prática pedagógica já enunciada, várias vezes, neste ensaio e que é o fruto maduro de um ano de estágio.

Passaremos agora ao Capítulo seguinte no qual iremos abordar o dom e a partilha, no seu enquadramento antropológico, bíblico, teológico e da D.S.I.

2.^a PARTE - O DOM E A PARTILHA

ENQUADRAMENTO ANTROPOLÓGICO, BÍBLICO, TEOLÓGICO E DA D.S.I

Após a caracterização do contexto da prática de ensino supervisionada, vamos, de seguida, enquadrar a “partilha do pão”, o nosso tema em estudo, nas várias perspetivas. Antes de mais, abordaremos a dimensão antropológica para procedermos, depois, à bíblica, teológica e da doutrina social da Igreja para, em todas elas, realçarmos a partilha do pão que gera comunhão fraterna e apela à solidariedade para com os outros.

1. Perspetiva Antropológica – A dimensão simbólica do alimento.

Nesta sequência, podemos constatar que no mundo pós-moderno, no qual a cultura apesar de prescindir, tantas vezes, de certos valores de índole religioso e transcendental, também busca uma certa religiosidade e espiritualidade e não ignorando as crenças instaladas no mais íntimo de um corpo social, não podemos deixar de ter em conta todo este simbolismo, ao abordarmos antropológicamente um tema da índole da partilha de um alimento que é indispensável ao ser humano - o pão. É um elemento essencial na mesa do povo. Tendo em conta a sabedoria popular que diz: “casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”, somos levados a perceber que o pão é um alimento indispensável na mesa da pessoa humana, não só no alimento biológico, mas também no espiritual que corresponde um importante significado simbólico-religioso. À mesa, através dele, se confraterniza e se partilha o pão como um dar-se aos outros, aqueles com quem nos sentamos à mesa pois a alimentação tem uma grande importância no nosso dia-a-dia e surge como uma necessidade biológica para a população mundial porque é indispensável ao ser humano.”⁴²

⁴²Cf. MAGALHÃES, A., *A partilha do pão como um dar-se*, Relatório Final da PES, Universidade Católica Portuguesa, 2016, 5, disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20795/1/>, consultado em 5 de abril de 2019.

Neste sentido, o pão remete o ser humano para o campo social e gera sentimentos e valores que revelam o que há de mais profundo na pessoa, marcando a índole cultural da mesma e da sociedade. No entanto, na sua ausência, não se pode ser verdadeiramente feliz e viver de bem-estar. Segundo João Paulo II:

“Desgraçadamente, são muitas as pessoas que não podem realizar nem se realizar a partir desta dimensão da vida, à qual todos os homens têm direito. Milhares de seres humanos (crianças, jovens, adultos, velhos) morrem de fome e de sede, de abandono e de solidão, de injustiça e indigência, perante a passividade de uma boa parte da humanidade que malbarata e desperdiça não poucos bens com que muitos poderiam ver cobertas as suas necessidades e atendidos os seus direitos”⁴³.

Na nossa sociedade hodierna, detetamos cada vez mais desigualdades, pois são muitas as pessoas que se veem privadas dos direitos humanos essenciais, o “princípio do bem comum torna-se imediatamente como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres.”⁴⁴

Referindo a diferença entre os países mais desenvolvidos e os que estão em vias de desenvolvimento, importa apelar a que todos os membros da humanidade se tornem uma só família e isto impõe que os países com mais posses deixem de ser indiferentes diante das comunidades cujos membros lutam contra a miséria e a fome, não gozando dos direitos essenciais de uma pessoa humana. Importa sentirmos que temos que contar uns com os outros.

Poderemos mesmo afirmar que aquilo que uns têm a mais pertence aos outros que passam fome. Assim sendo, há o faminto - aquele que passa fome - e o saciado, aquele que talvez guarde para si ou desperdice, logo não passa fome, por isso, de quem se espera uma ajuda para a solução do problema: “o excedente que eu porventura tenha, não me pertence, se há gente a quem o mínimo falta”⁴⁵. Neste ponto de vista, os saciados, têm uma quota-parte de

⁴³ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Sollicitudo Social da Igreja (Sollicitudo Rei Socialis)*, Paulinas, Prior Velho 1988, nº 14.

⁴⁴ FRANCISCO, Carta encíclica *Laudato' si*, nº 158.

⁴⁵ MONTEIRO, C. L., “A fome injusta como desequilíbrio ecológico”, in *Observatório da Cultura*, n.º 22 (novembro 2015), disponível em http://www.snpcultura.org/afome_injusta_como_como_desequilibrio_ecologico.html, consultado em 16 de maio de 2017.

responsabilidade na díspar repartição dos bens que estão disponíveis. Existe um problema ético pois, de certa forma, as nossas decisões, as dos saciados, podem influenciar os que estão a sofrer a fome no mundo.⁴⁶

Na forma de pensar e de sugerir a solidariedade adivinha-se claramente a inspiração evangélica e, conseqüentemente, a sua relação com a caridade e com a comunhão, pelo que se trata sempre de um valor obrigatório na vivência da pessoa humana e mais ainda do crente. Como nos relembra Bento XVI, “a solidariedade consiste primariamente em que todos se sintam responsáveis por todos.”⁴⁷

João XXIII foi talvez o primeiro Papa a pronunciar – se sobre este conceito. Ao referir-se à diferença entre os países economicamente mais desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento,

“faz um apelo à solidariedade, que une todos os seres humanos e os torna membros de uma só família, impõe aos países, que dispõem com exuberância de meios de subsistência, o dever de não permanecerem indiferentes diante das comunidades políticas cujos membros lutam contra as dificuldades da indigência, da miséria e da fome e não gozam dos direitos elementares da pessoa humana.”⁴⁸

Daqui deriva, necessariamente, a opção preferencial pelos pobres, promotora do bem de todos que não exclui ninguém, pois como “opção pela justiça do bem comum, é o primeiro dever dos cidadãos para que ninguém fique à margem do bem comum, lutando para que todos tenham os meios suficientes para participar na vida da comunidade.”⁴⁹

Contudo, este compromisso torna-se difícil se não passar primeiro pelo estômago, pelo coração, por ter conhecido pessoalmente e ter chorado os sofrimentos dos outros pois é no

⁴⁶ Cf. BASTIANEL, S. *Moralidade pessoal na história*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 136.

⁴⁷ BENTO XVI, *Carta encíclica Caritas in Veritate*, n.º 38.

⁴⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Responsabilidade Solidária pelo Bem comum*, Secretariado Geral da CEP, n.º 10.

⁴⁹ JOÃO XXIII, *Carta encíclica Mater et Magistra*, n.º 156.

Evangelho que a busca por essa justiça que encontra uma profunda fonte de inspiração e energia.⁵⁰

Esta experiência de tomar o alimento pode valorizar o que temos e simultaneamente confrontarmo-nos com as necessidades dos que não o têm, biológica e espiritualmente. Isto é, falar de partilha do pão implica também a outra face da medalha: a ausência de pão; se não há não pode ser partilhado. Sendo assim, a fome é essa outra face da medalha e, sem dúvida, que ela é uma das dimensões da pobreza, é mesmo uma das expressões dessa pobreza.

O aumento crescente da pobreza também leva à marginalização, isto é, a pôr as pessoas a viver à margem da sociedade, o que tem implicações a nível da habitação, educação, integração social, e ainda, outras dimensões adicionais: psicológica, cultural, ética e espiritual.

O rosto da pobreza é preocupação constante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura e deve sê-lo de toda a pessoa humana. Num sentido mais imediato e comum, a fome consiste numa realidade fisiológica, caracterizando-se, por um lado, pela carência de alimento suficiente ao funcionamento normal do organismo, mas também, por outro, ela ultrapassa o plano apenas fisiológico para abranger a dimensão pessoal porque abarca também as relações interpessoais, isto é o plano comunitário. Se tivermos em conta que esta dimensão partindo do individual passa depois ao comunitário, parece-nos pertinente referir um autor que nos fala do dom, usando especificamente, na sua linguagem, a expressão dádiva. Referimo-nos a Mauss, que verificou que a dádiva consistia num sistema de prestações totais cuja partilha implicava sempre um carácter voluntário e gratuito. que envolvia não pessoas individuais, mas coletividades “que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; [...] são pessoas morais: clãs, tribos, famílias, que além da troca de bens e riquezas, ‘coisas úteis economicamente’, trocam sobretudo amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras.”⁵¹

⁵⁰ Cf. NEGUERUELA, C. M., Desde la fe a la justicia, desde la justicia a la fe, *Sal Terrae, Revista de Teologia Pastoral*, n° 102 (2004), 24 e 29.

⁵¹ MAUSS, M., *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2011, 55.

A dádiva é uma obrigação social, elo comum entre os indivíduos, impelida por laços comunitários, segundo os quais, a recusa ou não retribuição adequada, levam à quebra de laços familiares e à criação de ressentimentos que podem durar uma vida. A dádiva não é desinteressada, antes estabelece uma circulação de bens que é do interesse de todos e leva à constituição de um vínculo social entre as partes. “Se damos as coisas e as retribuimos é porque nos damos e nos retribuimos «respeitos» - dizemos ainda «delicadezas». Mas também que damos a nós mesmos ao darmos aos outros, e, se damos, a nós mesmos, é porque «devemos» a nós mesmos – nós e o nosso bem – aos outros.”⁵²

A dádiva ou dom não deixa indiferente nem quem dá nem quem recebe, o que prevalece é a doação de quem se dá sempre com vista no bem do outro e dos outros. O bem que recebemos vem sempre de um Outro e é bem que se dá aos outros. Quem dá procura enriquecer a sua relação com aquele que recebe, não de uma forma coerciva, que implique a retribuição obrigatória, de forma explícita, mas que se torna, de certa forma implícita na sua relação. Este é o valor que o dom pressupõe pois, à circular, ele enriquece os laços interpessoais e transforma os protagonistas. O dom contém sempre uma espécie de algo que é como que um suplemento, algo que se prende com ele, que está ligado aquilo que leva a gerar partilha e comunhão.

A fome transforma-se em problema especificamente pessoal quando, e é sempre este o caso, o que falta numa mesa é porque noutra sobeja. Ou seja, a fome constitui-se como problema quando se refere à falta de alimento, não apenas necessário para sobreviver, mas o que é devido a cada pessoa, isto é, alguém ter fome significa que alguém não partilha o alimento e sabemos todos que a terra produz em abundância para que todos sejam saciados.

De facto, o Planeta poderia oferecer a cada um a sua porção alimentar⁵³, na medida em que o potencial de recursos da Terra não está esgotado pois se for usado em conta e medida dá para satisfazer todas as pessoas da humanidade. O problema são as desigualdades e assimetrias

⁵² Cf. *Ibidem*, 121.

⁵³ Cf. , Declaração Universal dos Direitos do Homem, art.º 25, 1948.

que fazem com que muitos seres humanos não vivam felizes pois passam por necessidades humanas essenciais à sua vida e felicidade.

Todos os seres humanos são existentes porque coexistentes, na medida em que há uma solidariedade que os liga, sendo responsáveis por esse “participar numa história maior do que a individual”⁵⁴, aprendendo a habitar na terra em função do que vivemos todos nós e não do que eu vivo. Pensar apenas em mim é assumir um olhar egocêntrico; pelo contrário, ter em conta os outros é construir uma visão altruísta da vida e é esta que dá sentido a uma história mais rica porque impregnada de solidariedade e comunhão fraterna. É essa história, construída pelo desejo de formar uma autêntica família humana, que nos leva a acolher “a vida como um dom que nos chega dos outros com quem nos encontramos, com o Outro que nos dá vida, aceitamos viver querendo que os outros vivam: dando-lhes vida.”⁵⁵ Damos-lhe vida na medida em que vamos ao seu encontro e dele nos aproximamos com aquilo que somos e com aquilo que temos, para com ele partilhar o nosso viver. É neste sentido que se entende o bem comum que indica sempre o sentido do nosso viver em conjunto na partilha daquela que é a nossa existência.

Desta forma, parece-nos ser a refeição um contexto no qual se tomam decisões cruciais da vida - em família, nos meios políticos, sociais e até no âmbito religioso. À mesa, ainda hoje, para além do alimento, partilham-se as próprias vidas, reforça-se a amizade, exprime-se a intimidade e até se resolvem conflitos e até se fazem reconciliações. Além disso, também se constroem pontes e se derrubam muros. Tomando o todo pela parte, desta forma e nesta perspectiva, o pão surge aqui como o alimento simbólico essencial para o pleno sinal de vida.

Pelo contrário, a ausência de alimento e, por consequência, impossibilidade de refeição, cria isolamento, desigualdade, carência a vários níveis e, não tendo condições essenciais para viver, põe em causa a própria felicidade e bem-estar da pessoa humana.

⁵⁴ BASTIANEL, S, *Moralidade pessoal na história*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 31.

⁵⁵ ALMEIDA, J.M.P. “Vida humana, cuidados de saúde e bem comum. Uma reflexão de ética teológica”, in *Communio*, nº 3 (2003), 216.

Fica aqui mais uma vez a questão de fundo do nosso Relatório: como transmitir aos alunos o desafio da necessidade humana da partilha e da fraternidade e o apelo premente a vivê-lo hoje numa sociedade fechada em que muitos passam fome devido ao egoísmo dos outros? Isto é um apelo à partilha e fraternidade, no contexto da sociedade materialista em que vivemos?

Vejamos, de seguida, como, no universo da Bíblia, a partilha do pão, que se parte e se reparte, sempre o que acontece à mesa, mesmo que, por vezes, não pareça relevante, pode tornar-se sempre grande e significativo.

Por isso, descrito o contexto antropológico, vamos seguidamente analisar a perspetiva bíblica para depois estudarmos o “pão” na perspetiva teológica e na perspetiva da D.S.I., fundamento basilar do nosso trabalho.

2. Perspetiva Bíblica - A Multiplicação dos pães e dos peixes (Jo, 6, 1-15)

Partimos da importância da refeição e do seu simbolismo, tema recorrente na literatura bíblica porque nos surge como um sinal de aliança e de hospitalidade. Há sempre alguém que bate à porta e que quer ser acolhido. “Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo.” (Ap. 3,20). O próprio Jesus foi à mesa que realizou gestos fundamentais, históricos, marcantes como a última Ceia, a multiplicação dos pães, o sinal de Caná (Jo 2. 1-12) - transformação da água em vinho, etc e que realizou grandes diálogos que suscitaram grandes conversões como a de Zaqueu (Lc 19,1-10), da Madalena (Jo 8,1-11), entre outras.

Está aqui patente a cultura de uma refeição, no contexto bíblico. Num ambiente comensal, como o do episódio bíblico da multiplicação dos pães, reflete-se o aspeto teológico-religioso da cultura do antigo Israel e revela-nos a relação entre a cultura e a teologia, os costumes e os valores espirituais, como experiências que apontam para o Transcendente e para a unidade de um grupo. O alimento é fonte de vida e de alegria, de partilha e de comunhão.

“A comida não é somente para o homem uma questão de sobrevivência, mas um sinal de comunhão e de festa.”⁵⁶

O alimento leva a reconhecer que o fim último é o respeito e o reconhecimento da vida que vem de Deus. Na linguagem bíblica, o pão é o símbolo de todo o dom que vem de Deus: “O Senhor teu Deus vai introduzir-te na terra que te dará o pão em abundância para que não careças de nada. (Dt 8, 7.9)

Deus é dador de todos os dons, sendo o pão um dom por excelência já no Antigo Testamento, como acabámos de ver neste excerto do livro do Deuterónimo, mas também no novo Testamento (Mt. 6,11). “É neste sentido que o próprio Jesus nos convida a pedir o ‘pão de cada dia’ que não se reduz ao pão material, mas a tudo quanto necessita para viver, como interpretam muitos santos padres no contexto original grego.”⁵⁷

O pão nosso de cada dia nos dai hoje é a nossa prece no Pai-nosso, claro que, neste contexto, podemos entendê-lo tanto de forma material como espiritualmente. Seja como fôr, Deus quer salvar a pessoa toda porque a pessoa é um todo. Este pão que é nosso também é de todos e a para todos. Assim como dizemos Pai-nosso, por ser Pai dos que entendem e crêem, assim dizemos *pão nosso*, porque Cristo é o pão dos que comem o seu Corpo e a Ele pedimos a dádiva deste pão para cada dia e para todos os dias.

Escolhemos o texto de que nos ocuparemos em seguida pela sua importância, pois está narrado nos quatro Evangelistas – nos sinópticos em S. João, percebemos, no que eles têm de comum, o apelo à partilha e à solidariedade, expressões de fraternidade e de compaixão e misericórdia para com os famintos.

Vamos refletir a partir do sinal da multiplicação dos pães para continuarmos a abordar a temática do dom. Partindo da evidência do fator “fome” que aqui funciona como ponto de partida para algo mais positivo, realiza-se um acontecimento tão significativo, que vai muito

⁵⁶ SIRBONI, S., *Conocer, celebrar y vivir la Eucaristia*, Ediciones SIGUEME Salamanca, 2014, 95.

⁵⁷ *Ibidem*.

para além da sua índole humana e existencial: trata-se da multiplicação dos pães que, na perspectiva Bíblica, ilustra de forma clara a mensagem deste trabalho - a partilha do pão que evoca o que se parte e se reparte, para além das nossas limitações.

O pão partilhado enriquece quem o recebe e faz frutificar no mundo gestos de solidariedade humana, o mesmo se passa na nossa vida, quando partilhada. Esta é, pois, a mensagem que pretendemos transmitir aos nossos alunos. Então, Deus surge para transformar a nossa simples oferta em ação concreta de solidariedade. O pouco que se partilha torna-se muito quando dado com o coração e realiza o milagre do amor e, assim, a multidão é saciada.

Vamos referir este texto que é básico e fundamental, neste contexto, sem excluir, porém, outras referências. Este texto é muito pertinente na abordagem deste tema da partilha do pão. No Antigo Testamento, o pão ázimo representava as privações do povo hebreu, escravo no Egipto. Agora, Jesus partindo da realidade humana da fome, realiza algo transcendental como este sinal do Seu dom de bênção e Vida abundante mostrando claramente que só Ele pode transformar a escassez em abundância e a precariedade em prosperidade.

Pensar, hoje, nas pessoas que passam fome no mundo contém uma atitude de empatia e de solidariedade: Foi o que Jesus nos ensinou a ser, isto é, sempre sensíveis às necessidades dos outros e a partilharmos o pão e a vida, especialmente com quem está mais próximo de nós. Jesus é o primeiro exemplo de que o deveremos fazer. Passaremos, agora, ao relato do episódio da multiplicação dos pães e à reflexão sobre o referido texto Bíblico.

“¹ Depois disto, Jesus foi para a outra margem do lago da Galileia, ou de Tiberíades.

² Seguia-o uma grande multidão porque presenciavam os sinais miraculosos que realizava em favor dos doentes. ³ Jesus subiu ao monte e sentou-se ali com os seus discípulos.

⁴ Estava a aproximar-se a Páscoa, a festa dos judeus. ⁵ Erguendo o olhar e reparando que uma grande multidão viera ter com Ele, Jesus disse então a Filipe: “Onde havemos de comprar pão para esta gente comer?” ⁶ Dizia isto para o pôr à prova, pois Ele bem sabia o que ia fazer.

Filipe respondeu-lhe: ⁷ Duzentos denários de pão não chegam para cada um comer um bocadinho.” ⁸ Disse-lhe um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro: ⁹”. Há aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?”¹⁰ Jesus disse: “Fazei sentar as pessoas.”

Ora, havia muita erva no local. Os homens sentaram-se, pois, em número de uns cinco mil.¹¹ Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram.¹² Quando se saciaram, disse aos seus discípulos: «Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca». ¹³Recolheram-nos, então, e encheram doze cestos de pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram aos que tinham estado a comer.

¹⁴Aquela gente, ao ver o sinal milagroso que Jesus tinha feito, dizia: “Este é realmente o Profeta que devia vir ao mundo!” ¹⁵Por isso, Jesus, sabendo que viriam arrebatá-lo para o fazerem rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte”.

O episódio da multiplicação dos pães que Jesus virá a comentar em Cafarnaúm, indica que as Suas obras aqui são paralelas às da Última Ceia: «Tomou os pães e deu graças» diz o Evangelho (Jo 6, 11). A insistência sobre o tema do “pão”, que é compartilhado, e sobre a ação de graças (cf. v. 11) evocam a Eucaristia, Sacrifício de Cristo para a salvação do mundo.⁵⁸

O leitor é convidado a elevar o seu olhar para o mistério pascal, para Cruz, o dom de amor e para a Eucaristia, o perpetuar-se deste dom: Cristo faz-se pão da vida para os homens.⁵⁹

O contexto é da proximidade da Páscoa o que adquire uma relevância fundamental visto que este sinal pré-anuncia algo que vai acontecer na Páscoa- a instituição da Eucaristia.

Na cena, somos confrontados com Jesus que multiplica os pães e os peixes, os discípulos são os instrumentos para levar estes pães e peixes para satisfazer a fome da multidão. Ele é dom que se entrega, por amor- não é um Alguém que pertence a um Reino de domínio, mas de serviço que se inclina sobre o ser humano - gesto que fará ao lavar os pés aos discípulos, após a Ceia e institui a Eucaristia para perpetuar este inesquecível gesto de amor por nós e para significar que Ele quer, sobretudo, chegar à fome mais profunda que há no coração do homem.

Naquele momento, porque viam a multidão cansada e faminta desta forma, o Mestre mostra que se importa com todos os aspetos da vida humana, também com as necessidades básicas existenciais e fisiológicas, como a fome. Viam nele apenas o horizonte da visibilidade, faltando a dimensão espiritual. Não tinham percebido que

⁵⁸ Cf. BENTO XVI, Angelus, Domingo, 29 de julho de 2012, disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120729.html, consultado em 22 de agosto de 2019.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 2.º parágrafo.

“Jesus não é um rei terreno que exerce o domínio, mas um rei que serve, que se debruça sobre o homem para saciar não apenas a fome material, mas sobretudo a fome mais profunda, a fome de orientação, de sentido e de verdade, a fome de Deus.”⁶⁰

É claro que, ao ver aquele sinal, os discípulos ficaram espantados: como poderiam alimentar mais de cinco mil pessoas com tão pouco pão? Refira-se um pormenor daquela cultura: o do número, contavam-se só os homens adultos, nem as mulheres nem as crianças.

Seguidamente, assistimos à realização dos seus gestos mais significativos que depois se repetem na última ceia, antecipando já a terminologia própria da última Ceia e, por consequência, usada hoje na Eucaristia. “Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os pelos que estavam sentados, tal como os peixes, e eles comeram quanto quiseram” (v “11). É significativo o uso de “tomar” “dar graças” e “distribuir” pela multidão que está sentada, numa atitude de quem escuta, espera e confia.

Na verdade, onde Deus age nada falta e tudo se multiplica e até sobeja e isso é para recolher e conservar. Temos presente aqui, particularmente, duas bem-aventuranças de Jesus: “Felizes os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados” e “Felizes os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”. (Mt 5, 3-10). A este ponto, tenhamos presente também a parábola do Juízo final (Mt. 25, 31-4) na qual o próprio Jesus, simbolizado pelo Rei, diz: “tive fome e deste-me de comer.” É, portanto, um dos critérios para entrar no Reino: “o que fizeste a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizeste”. (Mt 25,40).

É, na verdade, um fruto da compaixão e do amor de Jesus pelo povo: “fatigados e cansados como ovelhas sem Pastor” (Mc.6,34). Deste modo, Jesus manifesta-se como o verdadeiro Pastor, o condutor do Povo, em suma, “o novo Moisés”, o alimento encontrado milagrosamente, que relembra, sem dúvida, o Maná do deserto. Assim, no Êxodo, o pão (maná) cai do céu, sem qualquer outro trabalho senão o de recolhê-lo. Há uma diferença entre o pão que foi ganho com

⁶⁰ *Ibidem.*

o próprio trabalho e o que foi dado gratuitamente. Deste modo, percebemos que Jesus prefigura aqui esse pão - “novo maná” que é o dom de Si mesmo que vai fazer à humanidade.

Por outro lado, a travessia do mar da Galileia recorda a passagem do povo de Israel do mar Vermelho, ou seja, Jesus inicia um novo Êxodo, a passagem para uma vida nova, aquela que Ele traz para a humanidade com a Sua Páscoa. Isto entende-se claramente no relato de São João, o único Evangelista que refere este sinal em contexto Pascal.

Note-se que, neste contexto, o Pão significa a doação da Sua pessoa. Além da referência Pascal, refira-se a menção à montanha que confere ao cenário um caráter solene, a Sua subida lembra Moisés no Sinai ao receber as tábuas da Lei. Contudo, Jesus supera Moisés, é o novo Pastor do povo de Deus que selará com ele uma nova Aliança.

“Como o pastor Moisés, que buscava liderar o povo, seu rebanho, Deus procura o bem dos seus servos; cuida deles, tem um olhar cheio de compaixão. Também Jesus, novo Moisés, traz uma revelação da parte do Pai, de maneira que se deve acreditar n`Ele para ter a vida eterna: Quem vem a mim não terá mais fome, e quem acredita em mim nunca mais terá sede (6,35).”⁶¹

Agora, parece ter sido encontrada a solução pois, de seguida, aparece em cena o apóstolo André com uma ideia: "Aqui há um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas, o que é isso para tanta gente?" (Jo,9). Neste contexto, um jovem, que não conseguindo prover para alimentar tanta gente faminta, partilha aquele pouco de que dispõe: cinco pães e dois peixes (cf. Jo 6, 8). “Nada é nada em comparação a uma multidão de milhares de pessoas, mas é tudo o que tem, e Jesus deles faz tudo: dom e mistério.”⁶²

A partir da partilha modesta e simples daquilo que um jovem humilde possuía é que se realiza o sinal de Jesus. O pouco se tornou mais que suficiente, abundância, excedente mesmo.

⁶¹ BENTO XVI, *Ángelus* Domingo, Domingo, 29 de julho de 2012, consultado em 22 de agosto de 2019.

⁶² THUAN, FR. X NGUYEN VAN, *Cinco pães e dois peixes. Do sofrimento do cárcere, um alegre testemunho de fé*, Paulinas, Prior Velho 2009, 8.

“Era nada: cinco pães e dois peixes, mas era ‘tudo’ o que ele tinha, para ser ‘instrumento’ do amor de Jesus.”⁶³

Podíamos perguntar, a este ponto: será que os pequenos e pobres vão poder contribuir para mudar alguma coisa? Claro que eles podem fazer muito. Jesus vive neles e com eles: Ele é o Seu rosto e também o dos marginalizados, das vítimas de um injusto modelo de desenvolvimento que põe o lucro em primeiro lugar e não a pessoa humana.

Agora, é Jesus quem volta a aparecer e toma a iniciativa na ação. Primeiro, Ele pede que todos se sentem na relva, tal facto não é um pequeno detalhe, pois só as pessoas livres podiam sentar-se para comer! Esta ordem, mandato abre os olhos do leitor para a dignidade de toda a pessoa humana e o seu indiscutível e irredutível direito à liberdade.

No Evangelho de João, é Jesus quem reparte a comida tão abundante aos seus convidados, deixando transparecer o mistério de plenitude da partilha que é a Eucaristia.

A este propósito, cito agora o Papa Francisco que comentou este episódio pensando na sua mensagem para a atualidade:

*“Ao multiplicar os pães e peixes, Jesus realiza o milagre da partilha. Ele próprio, multiplicando aquele pão oferecido, antecipou a oferta de Si no Pão eucarístico. Só a Eucaristia é capaz de saciar a fome de infinito e o desejo de Deus que anima o homem, inclusive na busca do pão quotidiano, concluiu. (JSG)”*⁶⁴

Desta forma, e com esta constatação do Papa Francisco, somos levados a perceber que o sinal da multiplicação dos pães prepara algo bem maior e por ser tão importante está descrita nos quatro Evangelhos, embora em S. João adquira os contornos específicos que fomos referindo ao longo deste ponto do Relatório. Esse algo maior é a Eucaristia como banquete de partilha e fraternidade. É o que vamos refletir, em seguida.

⁶³ *Ibidem*, 59.

⁶⁴ VATICAN NEWS, “Papa na catequese: alimento não é propriedade privada”, disponível em <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-na-catequese-alimento-nao-e-propriedade-privada/>, Consultado em 5 de abril de 2019.

A este ponto, perguntemo-nos: De que forma este texto bíblico, agora abordado, é inspirador sobre a forma como podemos transmitir aos alunos que também nós temos pães e peixes para oferecer, sempre inspirados no ideal da partilha e na fraternidade.

3. Perspetiva Teológica do tema: a Eucaristia – banquete de partilha e fraternidade.

Entro agora no aspeto teológico que já se torna mais claro após a abordagem bíblica. Acabámos de ver como no Capítulo 6 de S. João a multiplicação dos pães é o átrio, o preâmbulo que antecede o discurso do pão da vida em que Jesus diz: “Quem vem a mim nunca mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede” (Jo, 6, 36). Este sinal anuncia outro bem maior é a última ceia, na noite derradeira e a mais profunda da vida de Jesus. Jesus dá tudo de Si como um pão para ser comido “para a vida do mundo” (Jo, 6,51). Dá tudo e dá-se todo a todos. A Eucaristia é, pois, o grande banquete que permite o encontro permanente do homem com Deus e de Deus com o homem, em que o Senhor se faz nosso alimento, em que se oferece a Si próprio para nos transformar n’Ele mesmo.

«O Pão do Céu é, na verdade, o pão dos anjos a que alude Santo Agostinho. Referindo que isso acontece porque Cristo encarnou, se fez um de nós para poder comer e saborear na terra o Pão dos Anjos. Assim escreve o Bispo Santo: “Mas para que o homem pudesse comer o pão dos anjos, o Senhor dos anjos fez-se homem. Se isto não se tivesse realizado, não teríamos o seu corpo; sem termos o corpo que lhe é próprio, não comeríamos o pão do altar.»⁶⁵

A Eucaristia vai para além do mero aspeto humano porque está centrada em Jesus, Pão da vida, Verbo Encarnado, que veio viver a nossa realidade e ser solidário connosco. Esse Pão é partilhado e distribuído, logo comungado por todos. É essa comunhão sacramental em Cristo que gera comunhão humana e fraterna.

⁶⁵ BENTO XVI, *Ângelus*, Domingo, 29 de julho de 2012, consultado em 22 de agosto de 2019.

A vida do cristão é essa permanente tentativa e redescoberta da importância de nos alimentarmos não só de pão, mas de verdade, de amor, de Cristo, participando fielmente e com grande consciência na Eucaristia, para estarmos cada vez mais intimamente unidos a Ele.

Com efeito, somos nós que acabamos por ser transformados, de modo misteriosa, por Cristo que nos alimenta, nos une e nos atrai a Si de forma que “a nossa união com Cristo, que é dom e graça para cada um, faz com que, n'Ele, sejamos parte também do seu corpo total que é a Igreja. A Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito ”.⁶⁶

Sempre baseados na ideia de que Jesus se dá e partilha com a humanidade, e Ele exprime isso mesmo na última Ceia, estamos diante do mistério do dom da Sua entrega por nós, como Ele mesmo diz: “Isto é o Meu Corpo entregue por vós. Este é o meu Sangue derramado por vós “(1 Cor 11,24) É este Corpo entregue e Sangue derramado que geram comunhão e partilha. Neste âmbito do tema da Eucaristia é fundamental a referência a S. Paulo que, na 1ª Carta aos Coríntios, onde se inclui o relato mais antigo da última ceia e desenvolve o tema da Eucaristia em que se concebe o Banquete Eucarístico como sacramento da unidade: “*O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Já que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão*” (1 Cor 10,16-17).

Mazza refere este mistério como sacramento nos seguintes termos: “Para Paulo, a eficácia da liturgia consiste nisto: o sacramento ‘opera’ aquilo que ‘é’, ou seja, se assim se pode dizer, *opera simile sibi*, opera qualquer coisa de semelhante a si próprio.”⁶⁷

O pão é comunhão do e no Corpo de Cristo pois aqueles que comem do pão partido tornam-se Corpo de Cristo, não sendo nós que transformamos Jesus Cristo em nós, como fazemos com os outros alimentos que tomamos, mas sim Ele que nos quer dar uma vida nova de forma ao comungar o Corpo de Cristo, transformamo-nos n`Aquele que comungamos.

⁶⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Igreja Vive da Eucaristia (Ecclesia de Eucharistia)*, Paulus Editora, Apelação, 2003, n. °23.

⁶⁷ MAZZA, E., *La celebrazione eucaristica, Gens del rito e sviluppo dell'interpretazione*, Cinisello, Balsamo 1996, 107.

O pão partido é único, e então aqueles que o comem são um só corpo. Trata-se do Corpo de Cristo que é a Igreja, portanto, a Eucaristia é o Sacramento da unidade: unidade da Igreja enquanto Corpo de Cristo que, enquanto tal, tem uma densidade ontológica. Os cristãos alcançam unidade na participação do único pão. Na verdade, no banquete da partilha e da fraternidade, o próprio Cristo dá-se e ensina-nos a viver nos caminhos da doação, tornando-se Ele mesmo pão partido para o mundo novo e os que o comungam arautos dessa partilha, no mundo de hoje.

“O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plenamente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano.”⁶⁸

Como pessoas humanas, vivemos numa dimensão horizontal que é sempre ponto de partida para uma outra vertical – a relação com Deus. Antes de mais, somos humanos e à mesa partilhamos o que temos, mas também o que somos. Do humano, chegamos ao espiritual. Partilhando o que temos, reforça-se em nós o que somos. Isso acontece na Eucaristia.

“Pela comunhão do corpo de Cristo, a Igreja consegue cada vez mais profundamente ser, « em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano ».”⁶⁹

A Eucaristia, segundo Miguel Expósito, é vista como o banquete Pascal. Nela, anunciamos a morte de Jesus e proclamamos a Sua ressurreição⁷⁰, nela se celebra a Páscoa de Cristo.

“Na Eucaristia, Cristo realiza sempre de novo o dom de Si que fez sobre a Cruz. Toda a Sua vida é um acto de partilha total de si mesmo; era por isso que Ele gostava de estar com os discípulos e com as pessoas que tinha a ocasião de conhecer. Para Ele, isso significava partilhar os seus desejos, os seus problemas, aquilo que agitava as suas almas e as suas vidas.”⁷¹

⁶⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Igreja Vive da Eucaristia (Ecclesia de Eucharistia)*, nº 24.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ Cf. EXPÓSITO, M., *Conocer y celebrar la Eucaristia*, Centro de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 2001, 218.

⁷¹ FRANCISCO, *Catequese sobre os sacramentos*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014, 15.

Ele foi sempre e ainda é hoje o bom samaritano da humanidade, atento aos necessitados com quem entrava em profunda empatia. Daí o facto de Ele se fazer solidário com a humanidade e exprimir esse dom pleno e máximo na Cruz, quando irá atrair todos a Si.

“Do mistério pascal nasce a Igreja. Por isso mesmo a Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial. Isto é visível desde as primeiras imagens da Igreja que nos dão os Actos do Apóstolos: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão, e às orações» (2, 42).⁷²

Isto quer dizer que ela é celebrada em memória de Jesus, em que Ele nos dá o Pão da Sua Palavra e o Pão do seu Corpo. O Pão é Ele mesmo e convida-nos à comunhão como membros do seu corpo (1Cor. 12, 12). Tomando este Pão, os crentes experimentam a comunhão de que necessitam e a força para fazer da vida uma permanente Eucaristia.

Comungar Cristo é comungar também os irmãos porque é Ele que nos une numa profunda comunhão sempre vital e existencial. Deste modo, a Eucaristia torna-se fonte de comunhão e vida com Deus e dos homens e mulheres uns com os outros.

Este Pão, segundo o Catecismo da Igreja Católica, gera comunhão cada vez que o tomamos, seja na vida quotidiana seja no contexto eucarístico, pois sempre que partido e repartido, o pão torna-se o dom de Deus partilhado com todos e para todos: “Com isso querem dizer que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e já não formam senão um só corpo n`Ele.”⁷³

Isto é o que cada vez que a assembleia se reúne para a Eucaristia acontece, nela está visível o rosto e Cristo, nela está patente a Sua presença viva. Não é uma obra nossa.

“É preciso ter sempre presente que a Eucaristia não é algo que nós fazemos; não é uma comemoração nossa daquilo que Jesus disse e fez. Não. É precisamente uma ação de Cristo! Ali, é Cristo quem age, que está sobre o altar. É um dom de Cristo, que se torna presente e nos reúne ao redor de si, para nos alimentar com a Sua Palavra e a Sua vida.”⁷⁴

⁷² JOAO PAULO II, Carta Encíclica *A Igreja Vive da Eucaristia (Ecclesia de Eucharistia)*, nº3.

⁷³ *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993, n.º 1329.

⁷⁴ PAPA FRANCISCO, *Catequese sobre os sacramentos*, 17.

Na Teologia Católica, Cristo é presença real no altar porque Ele mesmo é o centro, é Ele quem age. Estar ali é, para os cristãos, uma expressão da Sua benevolência, um dom, uma graça e, ao mesmo tempo, um compromisso com o mundo em que vivemos. É tão importante que do Seu mistério brotam os outros sacramentos e para Ele convergem:

A Eucaristia é «fonte e cume de toda a vida cristã» (LG 11). «Os restantes sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na Santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa.»⁷⁵

Assim, sendo esta Igreja, que somos nós, é participante e celebra o mistério, presidido pelos ministros ordenados. Esta relação entre a Eucaristia e Igreja, é tão profunda e tão íntima que nem a Eucaristia poderia existir sem a Igreja, nem a Igreja poderia existir sem a Eucaristia pois é a Eucaristia que faz a Igreja antes que seja a Igreja a fazer a Eucaristia porque esta é o sacramento que forma o corpo eclesial da fé.⁷⁶ Na verdade, é no encontro dos irmãos que formam esse corpo vivo de Cristo, que são os batizados, que a Igreja se vai construindo na unidade da fé, a caminho do Banquete eterno onde um dia todos estaremos à mesma mesa.

Na celebração Eucarística, ficamos também unidos em antecipação à Liturgia celeste e antecipamos a vida eterna, quando «Deus for tudo em todos» (1 Cor 15, 18).⁷⁷

Mas enquanto vivemos, na terra, o Banquete Eucarístico vai-nos renovando, transformando e construindo e modelando a nossa maneira de pensar e de ser e viver. Sendo assim, o pão deve ser encarado como esse dom de Deus, dom único para nós, cada dia e todos os dias, Deus é comunhão, família de amor, um Deus de partilha e fraternidade. Quando partimos o pão, que não é só para nós, e até quando sentimos a sua falta, estamos a sentir a carência de tantos famintos do nosso mundo que não o têm e tornamo-nos solidários com eles.

Partir o pão, comer juntos com alegria e simplicidade é uma expressão clara do que é e deve ser a comunidade cristã. Deve ser um lugar onde estamos juntos e onde testemunhamos a

⁷⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n.1324.

⁷⁶ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *A Eucaristia faz a Igreja*, Fátima 2018, 4.

⁷⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n.1327.

alegria e a simplicidade que são marca expressivas do Reino de Deus, “É que o Reino de Deus não é uma questão de comer e beber, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rom. 4,17). Comunicada entre os homens, ela incita sempre à simplicidade e ao louvor.

Este Pão, segundo o Catecismo da Igreja Católica, gera comunhão cada vez que o tomamos, seja na vida quotidiana, seja no contexto eucarístico, pois sempre que partido e repartido, o pão torna-se o dom de Deus partilhado com todos e para todos: Com isso querem dizer que todos os que comem do único pão partido- Cristo, entram em comunhão com Ele e já não formam senão um só corpo n`Ele.⁷⁸

A refeição é sempre espaço de encontro e de confraternização porque está associada à festa e conduz à experiência de encontro, sendo, por isso, um dos momentos cruciais na vida dos seres humanos. De acordo com a Bíblia, os alimentos são uma dádiva de Deus e a refeição é um espaço de relação entre pessoas e de ação de graças ao Criador. “Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o Templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento e alegria e simplicidade de coração” (Atos 2: 46). Desde sempre, na Igreja, como vemos neste versículo do livro dos Atos dos Apóstolos, a refeição foi considerada como o espaço por excelência do encontro da comunidade. Banquete convivial e sacrificial, a Eucaristia faz de nós, indivíduos dispersos, unidos num só Corpo.⁷⁹ Por isso, não basta reconhecer o Corpo de Cristo na Eucaristia, e no pão consagrado, mas n`Ele a própria Igreja, a comunidade.

Perguntemo-nos, a este ponto, mantendo a nossa pergunta de fundo que nos tem acompanhado: De que forma, a Eucaristia, como festa e banquete de partilha e fraternidade, pode ajudar-nos a entender o que é fazer da vida dom para os outros como Cristo se fez na Cruz e se faz por nós em cada Eucaristia?

Podemos ir ensaiando uma resposta progressiva concluindo, por enquanto, que a Eucaristia é Escola de dom e de partilha que se atualiza cada vez que nela participamos para irmos também

⁷⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1329.

⁷⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, 23.

tornando paulatinamente dom para os demais pois a vida é dom gratuito que se doa em cada gesto e se refaz cada dia na frescura do Deus que a recria.

Esta perspectiva possui uma característica muito peculiar: abre-nos a uma perspectiva mais ampla- a da esfera social e tem como instrumento a Doutrina Social da Igreja, como vamos ver de seguida. Perguntamo-nos agora: como é que a D.S.I. encara a perspectiva do dom?

4. Perspetiva da D. S. I.

Num enfoque eclesial, é oportuno apresentar algo sobre a Doutrina Social da Igreja que é um polo inspirador da nossa ação e testemunho como cristãos e é reflexo da presença da Igreja no mundo, tentando perceber que o cerne de tudo está no amor e que a nossa sensibilidade para com os mais necessitados passa pela experiência de um coração compassivo e solidário.

O amor tem diante de si um vasto campo de trabalho e a Igreja, nesse campo, quer estar presente também com a sua Doutrina Social que diz respeito ao homem todo e a todos os homens. Tantos irmãos necessitados estão à espera de ajuda, tantos oprimidos esperam por justiça, tantos desempregados à espera de trabalho, tantos povos esperam por respeito: “Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se?”⁸⁰

Este é um Relatório que tem como pano de fundo os valores que levam a lançar pistas, a descobrir desafios e interpelações, a propor linhas de ação para que os alunos que são os destinatários da mensagem possam ser formados e crescer de forma integral.

É grande a responsabilidade do educador, formador, se tivermos em conta que estamos perante os cidadãos do futuro que, um dia, irão contribuir, para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sem desigualdades sociais que geram indevido uso dos bens e consequentemente desrespeito pelo bem comum causando a fome e outros flagelos afins.

⁸⁰ JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Centesimus annus*, nº 59.

A Igreja, comunidade de crentes espalhada pelo mundo, chamada a ser “sal da terra” e “luz do mundo” é aquela Instituição que deve, antes de mais, promover a pessoa humana e pô-la no centro de todo o agir moral e social. Para tal, pode contribuir a Doutrina Social da Igreja. Vamos, neste contexto e neste âmbito, abordar esta perspetiva.

Seguindo este raciocínio, vamos entrar pela porta da “Doutrina Social da Igreja”. Esta “situa-se no cruzamento da vida e da consciência cristã com as situações do mundo e exprime-se nos esforços que indivíduos, famílias, agentes culturais e sociais, políticos e homens de Estado realizam para lhe dar forma e aplicação na história”⁸¹. Ela procura o desenvolvimento humano integral, que é “o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens”.⁸²

Trata-se de uma reflexão elaborada à luz da fé e da tradição eclesial. Assim sendo, não é uma ideologia estática e imutável nem se confunde com as várias doutrinas políticas construídas pelo homem, pois revela um carácter dinâmico, evolutivo e adaptável a novas realidades, na medida em que os problemas suscitados pela democracia, pela modernidade, pelo capitalismo ou pelo socialismo de hoje são diferentes daqueles de há cem anos atrás.

Segundo Peter Stilwell, enquanto “interface entre a Igreja e o Mundo”, a Doutrina Social da Igreja.

“não apresenta um modelo acabado de vida em sociedade, caracterizando-se antes pela afirmação de valores ou sentidos que devem estar presentes nas relações humanas, qualquer que seja o modelo organizativo escolhido por uma determinada comunidade social.”⁸³

Ao anunciar o Evangelho ao mundo e sociedade de hoje, a Igreja pretende atualizar, na história, aquela que é a mensagem de Jesus Cristo, procurando assim colaborar na construção do bem comum, iluminando as relações sociais à luz do Evangelho. Essa mensagem deve levar

⁸¹ Cf. SARDICA, M, “A receção da Doutrina Social de Leão XIII em Portugal”, in *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos da História Religiosa*, 2ª série, tomo XVI (2004), 368.

⁸² PAULO VI, *Carta Encíclica Populorum Progressio*, nº 42.

⁸³ STILWELL, P., Doutrina Social e Teologia, *Questões Sociais, Desenvolvimento e Política*. Curso de Doutrina Social da Igreja, Universidade Católica Editora, CESP, Lisboa, 1994, 27.

a atitudes concretas de vida, a buscar o bem comum, a solidariedade, a construir fraternidade e a abraçar a paz como projeto de vida, exprimindo a perspectiva moral da vida humana e cristã.

4.1. O bem comum

Os Princípios da Doutrina Social da Igreja comportam em si a exigência do bem comum. O Magistério da Igreja tem procurado de forma veemente atingir esse mesmo objetivo em várias encíclicas. Este bem comum tem elementos estruturantes a saber: A importância da comunhão e a solidariedade é a opção preferencial pelos pobres.

Criados à imagem do Deus amor, Deus família - comunidade, Deus é solidário com a pessoa humana, e nós fomos criados para a comunhão e esta, desde os primórdios da humanidade, só se realiza vivendo-a no dia-a-dia, na abertura aos outros. Essa comunhão tem que conduzir necessariamente à solidariedade.

Assim sendo, podemos dizer que o Princípio de solidariedade leva à consciência da interdependência entre as pessoas e entre as nações e deve levar à solidariedade como categoria moral, superando os imperialismos, o consumismo e o desperdício.

O princípio da solidariedade exprime aquela que é a dimensão social do ser humano e “press upõe que os Homens do nosso tempo estejam cada vez mais conscientes dos seus compromissos para com a sociedade a que pertencem.”⁸⁴ Assim,

“A solidariedade baseia-se na responsabilidade pela construção de uma sociedade mais justa e fraterna tornando-se o outro não um ser distante mas próximo não só pelo princípio da igualdade fundamental dos seres humanos mas também porque filho de Deus; logo irmão de todos e todos os outros seres humanos.”⁸⁵

Desta forma, o bem comum indica quer o bem de todos os Homens, quer o bem do Homem todo, sendo que todos se tornam responsáveis uns pelos outros e por todos. Aqui pode

⁸⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Ed. Principia, Estoril, 2005, 161.

⁸⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Responsabilidade Solidária pelo Bem comum*, Secretariado Geral da CEP, n. °10.

adivinhar-se a presença da concepção universal de que o mundo é uma aldeia global em que todos vivemos, sonhamos e procuramos ser solícitos uns com os outros, em verdadeiro espírito de solidariedade e fraternidade.

Após esta tomada de consciência, poderemos afirmar que todos estes princípios da Doutrina Social da Igreja têm um carácter universal e basilar, na medida em que aludem à realidade social na sua globalidade.

Na verdade, trata-se de olhar a realidade com olhos diferentes, de saber discernir segundo os critérios da fé a realidade que temos diante dos olhos. Devido à sua permanência no tempo e universalidade de significado a Igreja indica-os como primeiro e fundamental parâmetro de referência para a interpretação e o exame dos fenómenos sociais necessários”.⁸⁶ pois “a partir deles se pode apreender os critérios de discernimento e de orientação do agir social.”⁸⁷

Com a Doutrina Social, a Igreja não pretende impor-se à sociedade, mas levar ao discernimento e orientar e formar as consciências para interpretar as realidades humanas, fazendo o devido discernimento segundo as linhas de pensamento do Evangelho e desempenhando uma missão decisiva nos critérios de ação dos católicos na sociedade de hoje.

Tudo isto é possível e mais claro tendo em conta a tendência da atual teologia em valorizar o conceito de dom e fazer dele a chave de leitura de tantas situações inspiradas no livro que foi, é, e será o nosso ponto máximo de referência - a Palavra de Deus, viva e dinâmica, sempre a inspirar a nossa história e a fazer-nos agir como protagonistas e autores da mesma.

Desta forma, poderemos dizer claramente que o centro da Doutrina social da igreja é a pessoa humana e que “o bem comum indica quer o bem de todos os Homens, quer o bem do Homem todo, pelo que todos são responsáveis por todos, coletivamente e não apenas individualmente.”⁸⁸

⁸⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n.º 161.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Responsabilidade Solidária pelo bem comum*, n.º 9.

Sendo a vida o maior dom que nos foi gratuitamente concedido, é normal e lícito que a usemos, não de forma egoísta e pensando apenas em nós, mas de forma altruísta dando aos outros o lugar que merecem, tratando-os como irmãos que somos, pois temos um pai comum e sabendo fazer dela um serviço de amor à pessoa humana que quer ser feliz e sabe que o único modo de o ser é fazer os outros felizes.

Os alunos que frequentam as nossas aulas nasceram e crescem no seio de uma sociedade indiferente, hedonista e materialista e poderão facilmente tornar-se mais um número, algo despersonalizado, um ser que não é respeitado com a dignidade de pessoa humana, mas que se deixa desumanizar e escravizar pelos ídolos que matam o que de mais profundo há em nós.

Assiste-se a uma procura atual da espiritualidade cristã e de várias correntes de hábito espiritual, o desejo fiel que depois se torna fecundo de irmãos nossos na fé vencerem as barreiras da própria religião, através do diálogo religioso e do designado ecumenismo dentro das próprias igrejas. Como é belo e portador de esperança e de futuro o facto de os cristãos se darem as mãos para o essencial baseado no espírito ecuménico desde o Concílio Vaticano II, fruto da inspiração do Espírito Santo, que aí foi redescoberto. Hoje, os cristãos dão testemunho e exprimem o desejo de unidade e comunhão na mesma fé, como acontece em Taizé e em tantos outros locais desta Europa e do mundo. Os Papas pós-Conciliares são exemplo claro disso.

4.2. A dinâmica do dom

Se tivermos em conta que o primeiro dom de Deus é a própria vida, tudo o resto nos é dado por acréscimo. A Teologia e o Magistério da Igreja e, em geral, todos os especialistas da Pastoral e todos nós que a operamos no concreto das nossas vidas, vamos entendendo a dinâmica do do Espírito Santo no seio de quem o acolhe, o aceita e partilha. Os últimos Papas têm sido muito sensíveis a esta constatação e realidade, sobretudo a partir do Vaticano II com S. João XXIII e Paulo VI, depois S. João Paulo II, Bento XVI e agora o atual Papa Francisco.

Concretizando e fazendo luz à temática do nosso trabalho, poderemos afirmar que o pão é a realidade símbolo do que sustenta a nossa vida, logo não podemos vivê-la sem horizontes e de forma fechada, mas tornando-a pão partido e repartido por todos os homens. “Bem-aventurados os que se dão aos outros. Os que dão aos outros o seu frágil ‘eu’ partido - como o pão - com brechas com frestas. Tal como o pão é, na sua fragilidade: ‘Bem-aventurados os portadores de frestas porque deixarão passar a luz’.”⁸⁹

Já na antiguidade, esta mística humana tinha lugar, vez e voz. Se não vejamos:

“Na Antiga Grécia, usava-se partir uma peça de cerâmica para celebrar uma aliança, um pacto e os herdeiros, descendentes da família podiam provar a existência do pacto uídno as duas partes simbólicas. Para haver um símbolo tinha de existir fractura, sem fragilidade, o mundo simbólico é -nos inacessível.”⁹⁰

“No que diz respeito aos discípulos de Jesus, não há Eucaristia sem pão partido.”⁹¹. Isto propõe um sentido específico que atinge às nossas consciências e que “não podemos partir o mesmo pão sem vivermos a vida como um dom, que não podemos viver uma vida fechada, blindada. O pão partido, o coração aberto por uma lança, o sangue derramado: realidade-símbolo do dom da vida que faz viver.”⁹²

Assim nós, os discípulos de hoje, quanto mais celebrarmos este dom da vida e vivermos o que celebramos, irradiaremos no mundo, mais e melhor, essa luz que quer entrar nas brechas da nossa vida para nos tornar dom. Dom este que se parte e reparte e vai sendo na sociedade fechada de corações duros, a voz da esperança - testemunho concreto para aqueles a quem transmitimos a mensagem, a esperança de que algo pode ser transformado e de que o mundo novo que sonhamos ainda está para vir.

A comprovar isto mesmo temos as palavras de Isabel Jonet numa conferência em que procura encorajar os cristãos a manifestar na vida e no mundo em que vivemos a dimensão

⁸⁹ ALMEIDA, J.M.P. de, “Bem Aventurados os portadores de brechas porque deixarão passar a luz”, in “ O Pensamento social do Papa Francisco, Editorial Caritas, Lisboa, 2017, 167.

⁹⁰ *Ibidem.*

⁹¹ *Ibidem.*

⁹² *Ibidem.*

social do Evangelho: “Num mundo dominado pelo exercício do bem comum, ou seja pela preocupação com o outro na sua plenitude, a paz seria possível como fruto de uma maior equidade entre os homens.”⁹³

Esse mundo é construído na gratuidade e na partilha o que exige desprendimento e desapego do ter, que em detrimento do ser, abafa o dom e impede-o de frutificar. Isto significa que a vivência desta realidade exige a gratuidade de quem o recebe e o desprendimento daquilo que nos impede de ser livres: “Vivem-se atulamente tempos dominados pelo materialismo, pelo ter em detrimento do ser. ‘Ter’ objetos e bens não aproveita a nada, se não contribuir para o enriquecimento do seu ser, isto é, para a realização da vocação humana como tal.”⁹⁴

Só a partilha fraterna e sincera pode face face a tanta injustiça e contribuir para o atenuar do ter e a valorização do ser nas nossas relações interpessoais. Isto porque a desigualdade leva a que sejam relativamente poucos os que possuem muito e muitos os que não possuem quase nada.”⁹⁵ Em suma, viver o dom é testemunhar o amor, fomentar a solidariedade, irradiar o Evangelho, tornando real o sonho que parecia utópico de construir um mundo novo.

4.2.1. A dinâmica do dom na Encíclica Caritas in Veritate

Esta Encíclica de Bento XVI é mais um marco na Doutrina social da igreja e, porque nossa contemporânea, reafirma a força da caridade numa sociedade que, muitas vezes, a parece negligenciar, na prática. Tenhamos em conta que aquele é um documento de cariz doutrinário importante que atualiza duas das mais marcantes encíclicas dos últimos 100 anos. Por um lado, mergulha as suas raízes na *Rerum Novarum*, por outro lado assume-se na continuidade da

⁹³ JONET, I. “Encorajar os cristãos a manifestar a dimensão social do Evangelho”, in “*O Pensamento social do Papa Francisco*”, Editorial Caritas, Lisboa, 2017, 196.

⁹⁴ *Ibidem*, 196- 197.

⁹⁵ *Ibidem*, 197.

Populorum Progressio, de Paulo VI. A sua essência, que está bem patente no seu título, é definida pelo autor logo na introdução (CV 1):

“A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor — «caritas» — é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. A caridade tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta. Cada um encontra o bem próprio, aderindo ao projecto que Deus tem para ele a fim de o realizar plenamente: com efeito, é em tal projecto que encontra a verdade sobre si mesmo e, aderindo a ela, torna-se livre (cf. *Jo* 8, 32). Por isso, defender a verdade, propô-la com humildade e convicção e testemunhá-la na vida são formas exigentes e imprescindíveis de caridade.”⁹⁶

Toda a pessoa humana tende para a verdade e para o amor e estes devem ser vividos de forma responsável e com sentido de plenitude. Daí as exigências que a busca da verdade e do amor provocam na pessoa humana e muito mais naqueles que têm Cristo como ponto de referência. Senão vejamos:

“Jesus Cristo purifica e liberta das nossas carências humanas a busca do amor e da verdade e desvenda-nos, em plenitude, a iniciativa de amor e o projecto de vida verdadeira que Deus preparou para nós. Em Cristo, a caridade na verdade torna-se o Rosto da sua Pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projecto. De facto, Ele mesmo é a Verdade (cf. *Jo* 14, 6).”⁹⁷

Por um lado, o rosto da verdade plena é Cristo que é Deus, o Filho; por outro lado, se Deus, na Sua essência é amor; Cristo partilha também desse amor e dessa essência do amor que é o próprio Deus.

No âmbito deste trabalho e, neste ponto concreto, podemos afirmar com Bento XVI que: “caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja. As diversas responsabilidades e compromissos por ela delineados derivam da caridade, que é — como ensinou Jesus — a síntese de toda a Lei (*Mt* 22, 36-40).”⁹⁸

⁹⁶BENTO XV, *Carta Enciclica Caritas in Veritate*, nº1.

⁹⁷ *Ibidem*, nº2.

⁹⁸ *Ibidem*, nº2.

Ligado a esta responsabilidade está o respeito pela natureza e a defesa da mesma, mas tendo sempre em atenção, sobretudo, proteger o homem da destruição de si mesmo. Requer-se uma espécie de ecologia do homem, entendida no justo sentido. De facto, a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: “quando a ‘ecologia humana’ é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental.”⁹⁹

No centro desta encíclica está o conceito de “responsabilidade”: o desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos. O bem comum está intimamente ligado à conceção da pessoa humana, um humanismo integral e solidário colocando em destaque a pessoa humana criada por Deus e destinada à comunhão com os outros, com esta vocação originária para ser com e para os outros. Assim sendo, fica bem claro que bem pessoa e bem comum se pressupõem e exigem mutuamente no concreto da nossa humanidade. Onde está a pessoa humana deve estar a exigência do bem comum e o bem comum exige solidariedade.

4.2.2. A dinâmica do dom in “A alegria do Evangelho”

Dos números 209 a 216 da” *Evangelii Gaudium* “do Papa Francisco, somos confrontados com esta temática que nos traz uma frescura imensa e sentido de novidade e otimismo. Nestes números, o tema em foco é: Cuidar da fragilidade [209-216]. Isto porque não nos pertencemos, somos dom de Deus que é o Tudo, nós somos frágeis, criaturas, fracos.

É nesse contexto que, voltando ao Evangelho do Reino de Deus, o Papa explica a especificidade cristã do estilo de vida alternativo que ele implica. Servir o Reino é incómodo e leva-nos a, antes de mais, a tomar consciência da nossa fragilidade e limitação um desafio a assumirmos a nossa condição humana como caminho indispensável para podermos servir na liberdade e na disponibilidade.

⁹⁹ *Ibidem*, nº 51.

Esse apelo diz respeito à dupla fragilidade apontada por Francisco, a dos pobres e a da terra; e em *Evangelii Gaudium*, é justamente a figura de São Francisco que orienta todo o seu discurso, desde suas reflexões bíblicas e históricas sobre o ensino social da Igreja, no início do capítulo 4, e no fim do desenvolvimento sobre a integração social dos pobres.

O tema da integração dos pobres hoje é de grande atualidade. “*Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarté que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo*”¹⁰⁰ e desafiam cada pessoa humana a tratar os seres criados, inclusive os elementos da natureza como irmãs e irmãos. S. Francisco deixou-nos um grande desafio: cuidarmos de toda a natureza como dom de Deus e louvá-LO por ela e desafia os seres humanos a louvar o seu Criador.

Tudo está contido nesses trinta números, inclusive o cuidado com a casa comum, que será tratado em maior amplitude em *Laudato Sii: Pequenos mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis,*” todos nós [...] , cristãos, somos chamados – são os termos do Papa ao resumir o seu percurso – a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos.”¹⁰¹ Que cada ser humano se sinta feliz neste mundo criado por Deus e que trate a natureza com cuidado e carinho como Deus age para conosco. Este é um desafio para todos nós, hoje e para todos os educadores que preparam os cidadãos do futuro.

Os números 211 a 214 baseiam-se na pergunta: “Onde está o teu irmão?” (Gen4,9) com este aviso: “Não nos façamos de distraídos! Há muita cumplicidade!”¹⁰². Sentir-se responsável pelo outro é um grande desafio a assumirmos a responsabilidade social consciente de que somos partes de um corpo uno e coeso formado de membros. O que é problema da sociedade e dos outros também é nosso: tráfico humano, mulheres vítimas de violência, o risco de vida dos nascituros e outros dramas da pessoa humana são preocupações do Papa e da Igreja, logo devem

¹⁰⁰ FRANCISCO, *Carta encíclica Laudato 'si*, Paulinas, Lisboa 2013, nº 168. .

¹⁰¹ ALMEIDA, J.M.P. de, “Bem-Aventurados os portadores de brechas porque deixarão passar a luz”, 166.

¹⁰² *Ibidem* 164.

ser nossas. Tudo o que atenta contra o dom e a dignidade da vida humana deve ser também alvo das nossas atenções e preocupações. Nada nos deve ser indiferente.

No número 215, o autor da Encíclica refere-se à nossa responsabilidade comum pela casa que é de todos e importa ter uma atenção especial para com os pobres, os excluídos, os marginalizados que são nomes genéricos para concretizar a condição de fragilidade.¹⁰³

No número 216, a alusão a S. Francisco de Assis recorda que somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivem¹⁰⁴. Se somos frágeis, maior é o nosso desafio, porque somos seres humanos devemos sentir, por um lado, essa limitação, mas, por outro, a força da responsabilidade e a ousadia de nos sentirmo-nos mais responsáveis e solidários uns para com os outros.

Segundo o Papa Francisco,

“o bem tende sempre a comunicar-se e porque comunicado o bem tenta a desenvolver-se, por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. A proposta é viver a um nível superior mas não com menor intensidade: Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento.”¹⁰⁵

Este é o ambiente que urge, nos nossos dias, criar, neste mundo e sociedade em constante mudança e em que a maioria das pessoas é sensível à solidariedade e à dignidade humana.

Após umas reflexões tão ricas, á luz da doutrina social da igreja, podemos pôr a mão na consciência e perguntar qual tem sido a nossa atitude e resposta aos outros, sobretudo aos mais frágeis? Temo-nos deixado iluminar pela luz da mensagem da igreja para chegar onde outros não chegam e acarinhar e confortar onde outros agem com indiferença?

Perguntemo-nos, a este ponto, mantendo a nossa pergunta de fundo que nos tem acompanhado: De que forma, tendo em conta o dom à luz da doutrina Social da Igreja,

¹⁰³ Cf. *Ibidem* 166.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*.

¹⁰⁵ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelium Gaudium*, n. 10.

poderemos levar os nossos alunos a encarar a realidade tendo sempre em conta a pessoa humana e a sua dignidade, vendo nela um dom e um desafio à partilha e à fraternidade?

5. Desafios e interpelações

As interpelações de todas estas mensagens de esperança e de futuro que a Igreja nos sugere nos seus documentos e na Sua Doutrina Social são caminho a realizar na fragilidade da nossa vida humana e querem tornar-se concretamente vida na nossa vida.

Se o dom vem sempre de Deus, mas exige resposta do homem, esta dinâmica deve ser apanágio da vida de um ser humano e cristão que quer contribuir para transformar o mundo. Na nossa resposta está o segredo da abertura de novos horizontes, está o compromisso com uma sociedade que necessita de nós para ser mais humana e fraterna.

Neste sentido, desafiados a aceitar o desafio de novos caminhos de uma novas formas de pensar, somos impelidos a servir a promoção dos mais pobres a fim de os incluir na sociedade e no mundo.

A tarefa da evangelização implica e exige uma função de integração de cada ser humano. Uma fé autêntica comprometendo a pessoa toda e todas as pessoas que de forma humana vivam nesta sociedade e mundo onde Deus nos colocou, numa terra que é a nossa casa e onde nos devemos sentir que somos todos irmãos.

“A solidariedade internacional é uma exigência de ordem moral. Elas não se impõem unicamente nos casos de extrema urgência, mas também como ajuda ao verdadeiro desenvolvimento. Trata-se de uma obra comum, que requer esforço convergente e constante para se encontrarem as soluções técnicas concretas, mas também para criar uma nova mentalidade nos homens deste tempo.”¹⁰⁶

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*.

Apesar dos grandes esforços desenvolvidos terem produzido frutos, todavia há que admitir que a subnutrição é mais difundida que a fome e reveste formas muito diversificadas. Neste sentido é preciso colaborar para transformar este estado de coisas. Todos somos chamados a participar nesta ação. O apelo ao amor que Deus nos transmite através da presença dos nossos irmãos que têm fome, deve concretizar-se segundo o estado de vida de cada um e a posição que ocupa no mundo e no seu ambiente mais imediato.

No dizer de Ângelo Cardita, “a humanidade passou a compartilhar uma sorte comum e a habitar um único e imenso espaço público. Ter consciência disso é o ponto de partida para a construção de um mundo de bens comuns”¹⁰⁷. Esta perspectiva deve ser sempre vista à luz da fé e da caridade cristã, que gera comunhão, para que na busca do bem comum se procure a partilha da vida naquilo que é indispensável para viver.

Neste contexto, podemos dizer que a partilha também enriquece e abre novos horizontes ao mundo, numa linha altruísta, na consciência de que esse é o caminho da felicidade, no serviço fraterno, na partilha e na solidariedade.

Deixo aqui de novo a questão de fundo do nosso relatório reformulado: após termos abordado as perspectivas antropológica, bíblica, teológica e da doutrina social da Igreja, como transmitir aos alunos o desafio e apelo à partilha e fraternidade, no contexto da sociedade materialista em que vivemos?

¹⁰⁷ CARDITA, A.M.S.,” Reconfigurando a Teologia em vista do bem comum”, in *Perspetiva Teológica*, nº 123 (2012), 285.

- III CAPÍTULO - PROPOSTA DE UMA ATIVIDADE

Após ter refletido, no primeiro capítulo, sobre a Prática do Ensino Supervisionada, passando pela Escola e pelos alunos sob a base da unidade letiva em estudo, passei depois, no segundo capítulo, à fundamentação antropológica, bíblica, teológica e da Doutrina Social da Igreja, e, agora, vou tentar concretizar tudo isto com a proposta de uma atividade.

Inspirado no tema do Relatório, procurava propor aos alunos uma forma de experimentar a partilha e o próprio pão. Assim, tudo se proporcionaria de modo a que os alunos provassem e fizessem provar o próprio pão, para que não fosse um saborear só por saborear, mas sobretudo para fomentar neles o sentido da partilha com os outros, de forma a vencer o egoísmo e incentivar a doação e o dom de si mesmos.

É bom recordar, logo no início deste capítulo, e quiçá antes de apresentar a proposta da atividade em si, que ela não se chegou a realizar. A atividade foi proposta à Direção da Escola, mas não se chegou a concretizar devido sobretudo ao grande número de atividades em curso naquele meio escolar, naquele ano letivo, porque os alunos estavam envolvidos noutros projetos tornando-se difícil conciliar tudo.

Fica, contudo, a proposta que poderá ser concretizada posteriormente, noutro contexto escolar.

De seguida, apresento a proposta concreta da referida atividade.



FORMULÁRIO DA PROPOSTA DE ATIVIDADE

1- Grupos Disciplinares Envolvidos/Disciplinas

Educação Moral e Religiosa Católica

2- Destinatários

Todos os alunos do 6.º ano

3- Docentes Envolvidos

Professor José Manuel da Conceição Calado Pacheco

4- Objetivos

1. Saborear a alegria da partilha que gera convívio e fraternidade.
2. Procurar construir “elos”, “pontes” entre todos os alunos do 6.º ano que, no 3.º período, vão trabalhar a unidade letiva 3: “A partilha do pão”.
3. Testemunhar a alegria e a vivência da disciplina de EMRC em todo o 6.º ano e em toda a Escola.

5- Calendarização

Sem data definida, mas seria desejável durante a lecionação da unidade letiva 3.

Horário - Durante uma tarde entre as 13.30 e as 16 h.

6- Local da Visita

Dentro da Escola em que lecione, no futuro.

7- Descrição da atividade:

A atividade terá início a partir do intervalo do almoço das turmas do 6.º ano isto é, pelas 13:30. Intitulamos a atividade de “Tenda do encontro e da partilha” - espaço de partilha de frases inspiradas na unidade 3 - “A partilha do pão”. Estas frases serão entregues por alguns alunos do 6.º ano a todos os colegas que passarem pela tenda.

Os alunos são convidados a saborear vários alimentos doces e também alguns salgados e “pão especial” (ázimo, de milho, de trigo e de cevada).

No final, pelas 15 horas, haverá uma mesa redonda em que pessoas voluntárias ligadas a três instituições diferentes testemunham de que modo partilham o pão e fazem felizes tantas pessoas em Portugal. Os intervenientes nessa mesa redonda serão: um voluntário que trabalha com “sem abrigo”, um membro de grupo sócio caritativo de uma paróquia e um representante de um grupo de apoio social de uma Escola pública.

A hora proposta é o intervalo do almoço, por ser mais fácil conseguir congregar os alunos e abranger o maior número de alunos do 6.º ano e outros que queiram participar, professores e alguns encarregados de educação que possam estar disponíveis, sem prejudicar as restantes atividades letivas. A mesa redonda efetuar-se-á com a presença apenas da turma envolvida no projeto ou com alunos que pudessem ser dispensados das atividades letivas durante a parte da tarde.

8- Custos

Sem custos. Todos os alimentos são oferecidos gentilmente por empresas e pessoas amigas.

Contamos também com a colaboração de mães e encarregados de educação dos alunos e outros amigos.

Nota: Sugere-se um local visível – central com fácil acesso e onde circulem alunos.

O professor estagiário: José Manuel Pacheco

1. Preparação

Após terem sido lecionadas as aulas em que foram abordadas várias instituições de apoio à solidariedade, particularmente na linha da partilha do pão, o professor procurará sensibilizar os discentes para o tema abordado e desafiá-los para que elaborem, por eles mesmos, em quatro pequenos grupos (de quatro elemento), frases com mensagem alusiva ao tema.

Propõe-se chamar o espaço de realização da atividade de “Tenda do Encontro”, por ser um símbolo bíblico que proporciona o encontro, pois é simultaneamente o espaço do encontro que supostamente leva sempre à partilha - o que acontece nesta nossa atividade. A Tenda é vista, na Bíblia, “como habitação de nómadas” (Is 38,12) e “seminómadas como foram os patriarcas” (Gen 13,5, Heb 11,9).

Vejamos outras alusões bíblicas:

“Habitar em tendas, no sentido bíblico, é ao mesmo tempo em que descansa no Senhor, o servo de Deus também está preparado para desmontar a tenda e ir onde Deus lhe enviar.”¹⁰⁸ Por isso, na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, por exemplo, em Gn 31,33 encontramos esta referência: “*Então, Labão entrou na tenda de Jacó, e nas tendas de Lia e de suas duas servas, mas nada encontrou. Depois de sair da tenda de Lia, entrou na tenda de Raquel.*” (Gn31,33).

¹⁰⁸ BORN, A. Van Den, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Ed Vozes, Petrópolis, 1977, 1485.

Também no novo Testamento, em S. Paulo, surge esse termo, referindo-se a algo que se monta e desmonta, símbolo das realidades passageiras: *“Sabemos que, se esta tenda em que vivemos aqui na terra—o nosso corpo—for destruída, temos um edifício que é de Deus para morar. É uma casa eterna no céu, e que não foi feita por mãos humanas”* (2 Cor 5, 1) .

Assim, é na Tenda do Encontro que decorrerá a atividade.

O objetivo é sensibilizar os alunos que passarem pela Tenda, abrangendo-se todo o público discente da escola, levando-os a fazer a experiência da partilha, sendo convidados a provar os diversos tipos de pão existentes na Tenda e a levar também consigo uma frase que os impele a sentirem-se mais motivados para fazer das suas vidas uma partilha constante com os outros.

São também, simultaneamente, preparados três cartazes alusivos ao tema pelos outros três grupos da turma envolvida no projeto, formados com os alunos da turma E. Nesses cartazes poderá escrever-se: *“Não há nada mais inteligente no ser humano que o exercício da partilha”*; *“Partilhar não é apenas dar, mas dar-se”* e *“No banquete da vida, só haverá comunhão se houver partilha”*. Estes serão espalhados pela sala- espaço da Tenda. Isto para levá-los a sentir como, no mundo em que vivemos, as desigualdades sociais são inúmeras nos diversos sectores da sociedade.

Ser-lhes-ão fornecidas frases que abordam a partilha e a doação para com aqueles que mais necessitam. Isto para levá-los a sentir como, no mundo em que vivemos, as desigualdades sociais são inúmeras nos diversos setores da sociedade.

Ainda no âmbito da chamada preparação remota, serão estabelecidas parcerias com padarias que pudessem fornecer gratuitamente pão de trigo, centeio, cevada e broa de milho e solicitar também a colaboração da comunidade educativa para encontrar quem pudesse confeccionar pão ázimo para nos ajudar a ter mais essa qualidade de pão, tão simbólico na Bíblia e usado por judeus e cristãos. Em seguida, tratava da divulgação da atividade através de cartazes

e flyers, convidando os alunos a participar no evento - cartaz preciso com local, data, objetivo e convite concreto a virem experimentar a beleza da partilha.

Depois, na Escola, buscava-se um espaço central onde circulam alunos e ali se montava a tenda para que se torne mesmo o local do encontro e gere a partilha, revestindo-se de um significado particular porque visava promover, antes de mais, a partilha do pouco de cada um, que, partido e repartido, contribui para enriquecer os outros, isto é, todos os destinatários da atividade.

Passamos, seguidamente, à preparação imediata e próxima que consistia na montagem da Tenda e das mesas onde se colocariam os alimentos, tudo isto realizado por mim, professor, e pelos alunos do 6.º ano, peças fundamentais deste puzzle do processo Ensino/aprendizagem, os “anfitriões” do evento. Isto aconteceria, ao abrir a Escola, logo de manhã, indo apenas preparar as mesas e decorar o espaço com cartazes e deixando o papel cenário colocado com as imagens para chamar a atenção e incentivar depois a participação dos alunos.

Em tudo isto, realçamos a importância do ser humano como elemento essencial ao desenvolvimento do mundo. Ora, sendo este de extrema importância para a humanidade, verificamos que não devia existir tantas desigualdades para que as pessoas sejam mais felizes e vivam o bem-estar. E, com esta atividade, queremos fazer um apelo forte aos alunos a que lutem, dentro das suas possibilidades, para evitar desigualdades, partilhando com os colegas que têm menos que eles.

2 - Programa da atividade: “Partilha do pão “

Passamos agora à descrição do espaço e da atividade.

Mesmo na frente, ao centro, em letras visíveis e atraentes, põe-se um cartaz onde está escrito: Tenda do Encontro.

Dos lados, como pano de fundo, teríamos um papel cenário com diversas imagens alusivas ao tema que têm relação com as palavras que estão no cestinho escritas em tirinhas de

papel. E ali surge já uma dinâmica para se tornar um momento interativo. Trata-se do seguinte: existe um cestinho com diversas palavras tais como; “Partilha, Alegria, Solidariedade, Amor, Doação”, onde os alunos visitantes escolheriam uma palavra, e faziam-na corresponder às imagens que estão no papel cenário e podem ir lá colando junto da imagem a palavra correspondente.

No centro da atividade, e correspondendo à temática e ao objetivo fundamental, encontram-se pequenos pedaços de pão de trigo e de milho, e outros tipos e qualidades de pão variados em cestinhos; os alunos passam e podem ir provando e saboreando. Junto aos cestinhos estão alunos da turma que acolhem, incentivam e vão convidando e dialogando com os transeuntes.

No centro da mesa principal, coloca-se um cesto com géneros alimentícios trazidos pelos alunos para serem distribuídos às famílias mais carenciadas do colégio” para simbolizar a nossa comunhão com o mundo dos mais carenciados.

Quinze minutos antes das 14 horas, colocaríamos os alimentos nas mesas e dividíamos os alunos pelas várias mesas colocando-os geralmente dois a dois; eram 6 mesas; os restantes alunos ficaram a acolher os participantes e a transitar ajudando a incentivar não só que partilhem o pão e que tirem uma frase do cestinho das frases previamente preparadas pelos alunos mas também que coloquem as palavras no painel, isto é, que participem nas atividades. Eu, professor com dois alunos a acompanhar-me, passaria pelas mesas saudando os visitantes e dando as boas vindas a todos.

Pelas 14 horas, proceder-se-ia à abertura das mesas previamente preparadas junto da tenda simbólica do espaço dedicado ao evento. Dávamos por iniciada a atividade, pondo em ação as mesas, isto é, animando e convidando a partilhar; a quem passasse por ali daríamos um pouco de cada alimento, convidando os visitantes e ajudando a que o encontro acontecesse e as pessoas falassem umas com as outras, isto é, partilhar o que temos pode servir de ponto de partida para o diálogo que gera fraternidade e alegria.

Várias pessoas passariam por lá, especialmente alunos de todos os anos, embora a maior incidência pudesse ser os do 2.º ciclo, nomeadamente do 6.º ano, e outros alunos que passam por ali, assim como professores e alguns encarregados de educação e outros familiares e amigos convidados pelos alunos dinamizadores.

Todas estas dinâmicas têm como objetivo a doação, a partilha entre os irmãos que mais precisam para que se testemunhe a prática da caridade que é base e fonte de toda a vida e mensagem cristã.

Ao terminar esta hora de partilha, pelas 14h45, sensivelmente, apresentaríamos um PowerPoint com várias imagens e com mensagens significativas de pessoas a partilhar géneros, a alimentar crianças pobres, a distribuir pão e outros alimentos por pessoas idosas, sós e tristes.

No final, pelas 15 horas, haveria uma mesa redonda em que pessoas voluntárias de 3 instituições diferentes dariam o seu testemunho sobre o modo como partilham o pão e fazem felizes tantas pessoas em Portugal. A mesa redonda seria animada e moderada por mim com a colaboração de mais dois alunos e cada participante, representante das três instituições, usaria da palavra sensivelmente durante 12 a 15 minutos, dando o seu testemunho e desafiando os presentes à partilha e solidariedade sobretudo para com os mais pobres e carenciados.

2.1. Enquadramento da Atividade

Uma alimentação condigna é um direito fundamental de qualquer ser humano. Contudo, os sistemas alimentares ditos modernos, com os seus desequilíbrios e paradoxos, apresentam um quadro pouco condicente com esse ideal.

As estatísticas revelam que a disponibilidade de alimentos está a aumentar. Todos os anos são alcançados novos recordes de produção, mas os números de incidência da fome e da malnutrição denotam que os mecanismos de partilha estão muito longe do desejável.

Também cresce de forma assustadora a quantidade de comida desperdiçada ao longo da cadeia de valor dos alimentos, desde a produção primária até ao consumidor final, nas mais

variadas realidades socioeconómicas e geográficas. A comida que falta a uns é desperdiçada ou lançada no caixote de lixo por outros.

“Cerca de 820 milhões de pessoas em todo o mundo não tiveram acesso suficiente a alimentos em 2018, frente a 811 milhões no ano anterior, no terceiro ano consecutivo de aumento. O dado representa um imenso desafio para alcançar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 2, que prevê fome zero até 2030”.¹⁰⁹

Daqui se pode deduzir que mais de 800 milhões de pessoas ainda vivem na pobreza e sofrem com a fome, a ONU diz que uma em cada 9 pessoas sofre com a fome do mundo.

Olhando para estes factos numa perspetiva mais global, cresce a consciência de que é possível erradicar a fome da face da Terra o que deveria partir de um compromisso global.

Naturalmente que o principal desafio é abordar as causas primárias e condicionantes, tais como a pobreza extrema, a vulnerabilidade às catástrofes naturais, guerras e conflitos sociais, a falta de infraestruturas produtivas, as imperfeições dos mercados, a falta de políticas adequadas e, as sucessivas crises económicas, o desperdício de alimentos, as epidemias e doenças crónicas, a escassez de água potável, etc.

A abordagem deve ser multidisciplinar e inclusiva, privilegiando não apenas o aumento da disponibilidade de alimentos, mas também a melhoria do acesso de todos.

“Devemos fomentar uma transformação estrutural inclusiva e favorável aos pobres, centrada nas pessoas e nas comunidades, para reduzir a vulnerabilidade económica e caminharmos para a erradicação da fome, da insegurança alimentar e de todas as formas de desnutrição”, disseram os oficiais das Nações Unidas.”¹¹⁰

Apesar das Metas de Desenvolvimento do Milénio da ONU serem a iniciativa contra a pobreza mais bem-sucedida da história, o progresso tem sido desigual em diferentes regiões e

¹⁰⁹ ONU Brasil, “Fome aumenta no mundo e atinge 820 milhões de pessoas, diz relatório da ONU”, disponível em <https://nacoesunidas.org/fome-aumenta-no-mundo-e-atinge-820-milhoes-de-pessoas-diz-relatorio-da-onu/>, consultado em 2 de janeiro de 2020.

¹¹⁰ *Ibidem*.

países, segundo a ONU e a nova pauta de desenvolvimento sustentável deveria concentrar-se nas desigualdades para melhorar as vidas das pessoas mais pobres e vulneráveis.

Por tudo isto, é preciso encontrar caminhos, ter respostas concretas e há pessoas que as dão com a própria vida. É o que a mesa redonda nos vai mostrar.

2.3. Mesa redonda – Apresentação de instituições e diálogo

Depois de todo este percurso, culmina a atividade com uma mesa redonda na qual os alunos escutam voluntários de instituições com quem podem dialogar.

A fim de preparar a mesa redonda, facilitar a partilha dos testemunhos dos voluntários, primeiro e para fomentar depois o diálogo com os alunos, previamente solicitámos a três voluntários que respondessem às seguintes questões:

1. Está consciente da fome no mundo? Comente, explique.
2. Que causas atribui a tão terrível flagelo?
3. Como fazer face a esta situação? Que possíveis soluções?

Cada um dos voluntários forneceu-nos as suas respostas, que a seguir reproduzimos. Este trabalho foi efetivamente realizado escutando o testemunho destas pessoas que responderam a estas perguntas concretas ainda que a atividade não tenha sido realizada.

Vamos começar com um Representante de uma Instituição que trabalha com “sem abrigo”. As respostas foram de acordo com as questões levantadas:

1. Há muita fome no mundo e nas nossas cidades, mas também temos que ver a quem damos a comida seja no Banco Alimentar seja noutras instituições como aquela em que eu trabalho.

2. As causas podem também ser a insensibilidade e indiferença. Por exemplo, acontece que, muitas vezes, passamos por contentores onde estão os mantimentos que o banco alimentar e as instituições distribuem, por isso, muita gente não sabe o que é a fome. Isto é, têm

mantimentos para dar e preferem pôr no lixo do que dar porque vêem estas situações na televisão. Há, por outro lado, uma má distribuição de alimentos.

3. Abrir espaços- casas para os “sem-abrigo”, onde eles podem ir lá tomar as refeições.

Ajudando, apoiando e mais ainda alimentando os “sem-abrigo” manifesto a sensibilidade de quem, trabalhando neste âmbito concreto, consegue entender o problema da carência alimentar porque acompanha pessoas que diariamente a nós se dirigem para solicitar apoio material e alimentar, mas estão à busca de carinho.

De seguida, temos o Representante de uma instituição - grupo sócio caritativa de uma paróquia.

1. Sim, estou consciente da fome no mundo. O sistema mundial assenta que a única fonte de energia para o ser humano resulta da ingestão de alimentos e da respetiva transformação pelo trato digestivo. Toda a economia macro e micro é desenhada e estruturada com base nesta crença. O homem não pode viver sem comer. Abrir a mente a outras possibilidades tais como alimentação consciente e a um sistema educativo que tenha em conta o ser humano multidimensional.

2. A ignorância a todos os níveis duma alimentação consciente e saudável que concorra para uma saúde global (física, psicológica, afetiva, emocional e espiritual) saudável e balanceada, não permite que cada ser humano aja de modo a que com o seu novo comportamento, com novos hábitos e práticas alimentares, altere os consumos e os produtores tomem consciência e alterem seus valores e, por isso, coloquem no mercado produtos saudáveis.

3. Contribuição para soluções: Quando o ser humano for o centro da atenção do sistema económico, seguramente que o excesso de uns e o desperdício de outros, para manter por exemplo níveis de preços inutilizando alimentos, a negligência de pessoas e organizações insuficientemente sensibilizadas para contribuir para que a abundância de amor de auto perdão e perdão mútuo aconteçam e que a prosperidade que existe, existiu e existirá seja sintonizada

por cada ser humano, por oposição à exiguidade em tantos domínios da vida, o quadro global altera-se.

Assim, no meu entender, é urgente e importante educar, investir no desenvolvimento pessoal do topo à base, para que cada ser que está humano encontre as respostas para as 4 perguntas estruturantes da humanidade nesta experiência chamada vida na Terra. Reaprendendo que vida é um processo e que a vocação universal do ser humano é: Ser feliz, Aprender e Servir!

Acredito que a terra vai tornar-se paraíso, pois cada ser humano sintoniza e atrai abundância e a fome de amor de paz de perdão e de pão como consequência desaparece, dando lugar à harmonia, à paz, a alegria de viver e preenchimento! Mudar a forma de pensar, é mudar a forma de atuar, é mudar os resultados!

Citemos exemplos concretos de que algo está a mudar: a Ceia de Natal realizada com os reclusos do estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo, integrando a conferência de S. Vicente de Paulo. Outras ceias de natal e jantares solidários com pessoas que não têm o essencial para viver. A Linha SOS de ajuda a pessoas sós e tristes, apoio a doentes no domicílio e visitas a hospitais são outras formas de marcar presença juntos dos famintos não só de pão, mas sobretudo, de carinho, ternura expressões do Deus que nos ama.

Por último, um Representante de um grupo de apoio social de uma Escola pública.

1 – Estou. Não são só os meios de comunicação, por vezes, que relatam os casos de fome no mundo, como este tema é infelizmente um tema das aulas de EMRC, mas também, no nosso meio, como professor que em conjunto com os demais colegas e membros da comunidade escolar nos apercebemos de imensos casos de fome nos próprios alunos. Por vezes, são demasiados até em relação ao tamanho da escola, mas isso depende da zona afeta à escola e das suas características socioeconómicas.

2 – Penso que, no fundo, este é um problema de coração que requer boa vontade da parte de todos e algum autossacrifício das economias e das pessoas a quem elas servem, pois não existe escassez de alimentos a nível global o que não existe são os meios necessários que permitam a sua distribuição e essa vontade muita vez devido aos processos reguladores da economia de mercado. Quantos alimentos são destruídos diariamente para a manutenção de preços?

A nível do nosso país, das escolas e de seus alunos, por exemplo, as causas mais generalizadas da fome devem-se a uma destruturação da família em vários campos, principalmente no que respeita a sua responsabilidade para com os filhos. A nossa Escola tem uma atenção especial para com estes casos. Por exemplo, sucede numa boa parte dos casos dos alunos que passam fome, que os membros adultos do seu agregado familiar têm problemas de adição com todas as nefastas consequências disso, desde a falta de dinheiro que é canalizado para a adição como à consequente inatividade e irresponsabilidade sobre as suas vidas e sobre a vida dos membros do agregado familiar (quando existe).

3 – Relativamente às escolas e aos alunos que passam fome, normalmente as próprias escolas se encarregam da resolução do problema. Há a dizer que em muitos casos a ação da escola vai muito para além do que a lei obriga, fornecendo não só ao aluno como a toda a família uma refeição diária, quase sempre o jantar. Também muitas escolas no período de férias abrem ou deveriam abrir suas cantinas a estes alunos carenciados assim como às famílias.

A nível do país, penso que se deveria flexibilizar algumas leis sobre a distribuição de alimentos confeccionados de modo a que os mais pobres não os tivessem de ir buscar ao lixo, uma vez que as empresas que manufacturam alimentos prontos a comer só os podem distribuir de uma forma exageradamente absurda nas condições acéticas impostas e que torna impossível devido às multas a entrega de refeições aqueles que as pedem. A solução é colocar no lixo os excedentes das refeições do dia e os pobres que lá vão buscar. Penso que isto é uma vergonha e até são criminosas estas leis proibitivas de entrega de refeições. Também a nível do país se

deveria flexibilizar e surgirem mais casas ou espaços onde se possam tomar e levar para casa refeições.

No ambiente escolar fazem-se algumas atividades de partilha fraterna, mas uma delas foi muito especial para os professores daquela Escola e daquele ano, uma vez que incidiu sobre uma família cujos filhos frequentavam a Escola, careciam de quase tudo e em nada faziam notar isso. Eram um grupo de crianças muito educadas e até afetivas. Não foi logo fácil descobrir as suas necessidades, um dos progenitores sofria de alcoolismo e proibia-os severamente de manifestarem a quem quer que fosse as suas extremas necessidades. Quando se soube, gerou-se silenciosamente na escola uma enorme campanha de solidariedade a todos os níveis por parte de todos, que incluiu também intervenção social oficial para aquela família que, de um dia para o outro, viu muitas de suas carências, entre elas as alimentares, resolvidas e outras entrarem em processo positivo de resolução.

1. Desafios e interpelações:

O fundamento de toda esta atividade está na necessidade de valorizar as pessoas humanas que são alunos, antes de mais; depois perceber e fazer perceber que a sensibilidade para com os que passam fome à nossa volta, é uma grande qualidade humana a desenvolver; saber educar para o respeito pelo outro e pela responsabilidade para que não se desperdice nada do que temos em recursos e não se desvalorize nenhum dos dons que nos são dados gratuitamente como pessoas, os talentos que possuímos e que não podem ficar para nós.

Os ecos, os testemunhos e as opiniões recolhidas seria desejável que apontassem para uma certa inovação e, sobretudo, despertar de interesse para este âmbito procurando motivar até as pessoas que têm conhecimentos neste aspeto a não enterrarem os dons que possuem e a fazer da vida uma abertura aos outros no serviço e na fraternidade.

Para a maioria, penso que poderia ser visto como algo original e eficaz que vale a pena repetir, embora se pensasse talvez repensar os moldes, hora e local. Para outros, tudo isto poderia ser encarado como uma forma de pôr os alunos em interação e despertar valores que podem sempre ser redescobertos visto que, também nas outras disciplinas, se aborda o tema da alimentação, sobretudo nas Ciências Naturais. Neste ponto, os professores das disciplinas desse âmbito também poderiam dar um contributo valioso até porque os alunos tinham já abordado este tema da alimentação, nas suas aulas.

A atividade poderia ter ficado aquém do que se pretendia e os frutos não ser os mais esperados, contudo o essencial não é o visível, mas, muitas vezes, o invisível aos olhos e que só acontece no coração e na consciência de cada pessoa e aqui, neste caso de cada aluno, seres em crescimento e à descoberta do que é mais importante e essencial para a realização humana.

Alguns professores de Ciências poderiam mesmo procurar interessar-se e colaborar podendo também ajudar nos diálogos informais e espontâneos com os alunos e encarregados de educação e demais participantes até ao ponto de se poderem esclarecer questões sobre o tema da partilha e a carência da mesmo no mundo de hoje e à nossa volta.

Parece ser grande o desafio ... A aposta na experiência de partilha pode ter sido ótima, mas do esforço de cada um depende a sua efetiva concretização.

Com esta atividade, pretendemos destacar o contributo que a disciplina de EMRC pode dar no sentido de proporcionar aos alunos outras maneiras de olhar a realidade, dando especial atenção à necessidade da partilha e do compromisso. O futuro que todos somos chamados a construir está a pedir a ousadia de novas atitudes que sejam capazes de assumir que todos somos responsáveis por todos.

Poder-se ia concluir que, antes de evangelizar, é preciso humanizar, que não basta encher o estômago, mas é preciso encher-lhe o coração de alegria e vontade de viver, antes de mais, para que as pessoas se sintam não só saciadas, mas também e sempre felizes.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos à reta final deste relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES), é normal e desejável que se façam algumas considerações e se chegue a uma possível conclusão olhando como um todo este relatório e os seus desafios.

Procurei ter sempre como pano de fundo o tema central: “*A urgência de partilhar o pão hoje*”, uma reflexão a partir da unidade letiva 3: “*A Partilha do pão*” do 6.º ano do Programa de EMRC.

Sob o título: “*A prática de Ensino Supervisionada*”, percorremos um caminho que teve como ponto de partida a experiência pessoal e a vivência de um ano de estágio em EMRC numa turma concreta da Escola Salesiana de Manique (I Capítulo), no contexto do processo de Ensino/ Aprendizagem da disciplina de EMRC.

Passei, depois, ao II Capítulo intitulado: “*O dom e a partilha - enquadramento Antropológico, Bíblico e Teológico e da Doutrina Social da Igreja*” em que procurei fundamentar, nestas várias perspetivas, o sentido do dom e da partilha – base do supracitado Relatório.

O III Capítulo apresenta uma “*Proposta de atividade*” em que se pretendia pôr em prática, naquela Escola em concreto, a partilha do pão, atividade essa que não se realizou, mas fica como proposta de futuro para a possível realização numa escola onde eu lecionar. Pretende a mesma, de certa forma, mostrar como se pode pôr em prática o que se apresenta no Relatório.

Parece-me, a este ponto, oportuno aludir aqui à pergunta de fundo que nos foi acompanhando ao longo de todo o Relatório e que consiste no modo como poderemos pôr em prática esta *urgência de partilhar o pão hoje* (título do Relatório).

Depois de se ter repetido a questão, algumas vezes, aplicando-a aos vários âmbitos da reflexão, no final de cada ponto, com realce especial para o 2.º Capítulo em que a perspectiva do dom à luz da Doutrina Social da Igreja ocupa um lugar de destaque, posso agora afirmar que os nossos alunos foram desafiados a encarar a realidade tendo sempre em conta a pessoa humana e a sua dignidade, vendo nela um dom e, por isso, um desafio à partilha e à fraternidade

A esta pergunta de fundo, que foi o ponto de partida do longo do relatório, fui procurando ensaiar, ao longo do relatório, uma possível resposta, resposta esta que tem necessariamente que passar pela alusão à realidade que os alunos vivem e experimentam, à sua sensibilidade para com o mundo à sua volta e ao seu universo simbólico.

Através da abordagem Antropológica, Bíblica e Teológica deste Relatório, procurei fazer de forma a chegar progressivamente ao caminho que a Doutrina social da Igreja e a voz dos Papas nos foi propondo, através de documentos, ao longo dos últimos anos, como desafio a viver. O bem comum é a meta, o alvo de toda a ação da Igreja e, por isso, perpassa toda a sua Doutrina Social da Igreja e a sua prática na vida social e humana sendo uma proposta concreta aos nossos alunos – jovens e crianças.

Sublinhe-se a atenção que o Magistério da Igreja tem dado a este bem comum como necessidade de todos, caminho de estabilidade, estrada de prosperidade cuja devida atenção é garantia da felicidade.

Procurei encontrar uma resposta, esta possível conclusão que é a da partilha concreta, da expressão do dom de nós mesmos, aquela que só se realiza na abertura aos outros e na solidariedade que visa o bem comum, a justiça e a paz. Tudo isto leva a insistir na necessidade de cultivar, sempre e cada vez mais, atitudes concretas que dão frutos de fraternidade e generosidade. Este é o caminho de uma dinâmica de saída ao encontro de todos, como propõe

frequentemente o Papa Francisco, sobretudo como presença junto dos que mais precisam. Contudo esta resposta está sempre em aberto, como o está a própria vida.

Toda esta experiência vivida abriu, para mim, docente de EMRC, novas perspetivas em termos de futuro, na medida em que o desafio de criar, inovar, construir algo de novo, diferente e original continuará a ser uma proposta constante na minha vida docente e marcará toda a atividade futura.

Termino este relatório, consciente de que os materiais que criei, este ano, irão ser úteis até porque nunca mais terei uma oportunidade como esta, um tempo específico para tal. O que criei perdurará e abrirá portas a mais inovação e novidade, tendo como alvo a participação sempre mais ativa dos alunos no processo de Ensino-Aprendizagem, sendo eles mesmos protagonistas do processo, e vivendo no dia-a-dia das suas vidas o que aqui foram descobrindo.

Ao longo do ano, fui tendo em conta um conhecimento pedagógico específico aplicado a EMRC, a disciplina que nos ocupa neste trabalho da PES, porque, partindo sempre da experiência humana, de novo a ela conduz em autênticas atitudes de vida.

Todo o percurso realizado leva-me a concluir que o professor é chamado a produzir harmonia entre o mundo da família, da Escola e da sociedade e, particularmente, tem que estar atento aos alunos provenientes de meios problemáticos e assinalados como tal, sendo sensível à prática da inclusão para que ninguém se sinta tratado de forma diferente.

Apercebi-me da necessidade de nós, docentes, valorizarmos, cada um com a sua história pessoal e também todos os alunos para tentar que estes possam recolher frutos da disciplina para o seu percurso educativo e humano. Assim sendo, deduzo que devo ter em conta tudo isto, como professor de EMRC, sentindo a responsabilidade de dar testemunho do que transmito nas aulas e de dever ser um educador que põe em prática uma autêntica vivência destes valores.

Tudo isto me revela bem como os professores de EMRC deverão ter sempre presente a missão da disciplina, no contexto atual do mundo em que vivemos, numa partilha urgente e constante do que somos, como pessoas humanas e como cristãos.

Deixo um agradecimento a todos os que comigo colaboraram e aos docentes que me acompanharam na construção deste relatório, só assim foi possível a sua concretização.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Lisboa, maio, 2000.

1. Fontes:

IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 4, (PG 7, 437-1224).

CIPRIANO, *Tratado sobre a Oração do Senhor*, Nn. 18.22: CSEL 3,280-281.283-284.
<https://apologistasdafecatolica.wordpress.com/2018/06/21/pai-nosso-depois-do-pao-pedimos-o-perdao-dos-pecados-sao-cipriano-bispo-e-martir/>

2. Documentos do Magistério da Igreja:

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate*, in AAS 101 (2009), 641-709.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1993.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, A.O., Braga, 1967.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração: A Educação Cristã*, (*Gravissimum Educationis*), Editorial A. O, Braga, 1983.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “*Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*”, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral: *Responsabilidade solidária pelo bem comum*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2003.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Principia, Estoril, 2005.

FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato'si*, Editora Paulus, Lisboa, 2015.

FRANCISCO, Exortação Apostólica -*A alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulinas, Prior Velho, 2014.

FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Paulinas, Prior Velho, 2013.

JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, Paulistas, Lisboa, 1990.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Igreja Vive da Eucaristia (Ecclesia de Eucharistia)*, Paulus Editora, Apelação, 2003.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus Annus*, Paulinas, Prior Velho, 1991.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *A Solicitude Social da Igreja (Sollicitudo Rei Socialis)*, Paulinas, Prior Velho, 1988.

PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio*, Paulistas, Porto, 1967.

3. Documentos Curriculares

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Moscavide, 2014.

CARVALHO, CRISTINA SÁ (Coord.), *Estou Contigo, manual do aluno, EMRC*, 6.º ano do Ensino Básico, SNEC, Lisboa, 2015.

4. Legislação

Decreto-Lei n.º 70/2013 in *Diário da República n.º 99/2013, Série I de 2013-05-23*, 3031 – 3033.

COMITÉ DA REDAÇÃO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, ONU, Paris, 1948.

5. Geral

ALMEIDA, J.M.P. de, “Bem-Aventurados os portadores de brechas porque deixarão passar a luz” in o *Pensamento social do Papa Francisco*, Editorial Caritas, Lisboa 2017, 159-168.

ALMEIDA, J.M.P. de, “Vida humana, cuidados de saúde e bem comum. Uma reflexão de ética teológica” in *Communio*, nº 3 (2003), 212-220.

AMBROSIO, Juan, *Pessoa, Cultura e Fé* in *Fórum do Ensino Religioso em Portugal, Pessoa, cultura, fé*, Fundação Calouste Gulbenkian e SNEC, Lisboa, 1996, 127-148.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, Editora McGraw-Hill, 7ª edição, Madrid, 2008.

BASTIANEL, S., *Moralidade pessoal na história*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013.

BOROBIO, D., *La dimensión social de la liturgia y los sacramentos*, Desclée Brouwer, Bilbao, 1990.

BORN, A. Van Den, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Ed Vozes, Petrópolis, 1977.

CARDITA, A.M.S. *Reconfigurando a Teologia em vista do bem comum* in *Perspetiva Teológica*, Ano 44, 23 (2012), 275-293.

EXPÓSITO, M., *Conocer y celebrar la Eucaristía*, Centro de Pastoral Litúrgica, Bilbao, 1990.

FRANCISCO, *Catequese sobre os sacramentos*, Secretariado Nacional da Liturgia, Fátima, 2014.

JONET, I. “Encorajar os cristãos a manifestar a dimensão social do Evangelho” in “*O Pensamento social do Papa Francisco*”, Editorial Caritas, Lisboa, 2017, 195-204.

LIPOVETSY, G., *A sociedade da decepção*, Edições 70, Lisboa, 2012.

MAUSS, M., *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2011.

MAZZA, E. *La celebrazione eucarística*, Genesi del rito e sviluppo dell’interpretazione, Pauline, Cinisello Balsamo, 1996.

MOITA, F., *Aprender a olhar a vida de maneira diferente* in *Voz da Verdade*, 09-09-2012, 2-23.

NEGUERUELA, C. M., *Desde la fe a la justicia, desde la justicia a la fe* in *Sal Terrae, Revista de Teologia Pastoral*, nº 102 (2004) 21 - 31.

THUAN, FR. X NGUYEN VAN, *Cinco pães e dois peixes. Do sofrimento do cárcere, um alegre testemunho de fé*, Paulinas, Prior Velho 2009.

PELEGRINE, V. G., *O amor e a educação no sistema preventivo de D. Bosco* in *Revista Eletrónica de Educação*, Ano 1, n.º 2 (2008), 36-57.

PEDRINHO, D. O. *A missão Evangelizadora em contexto escolar: desafios atuais ao professor de EMRC* in *Revista de Catequese e Educação*, 23 (2012) 125-139.

RATZINGER, J., *La Eucaristía como génesis de la misión* in *Communio* 6 (1997) 236-261.

SAINT-EXUPÉRY, A., *O príncipezinho*, 24.ª ed., Edições Presença, Lisboa, 2003.

SANTOS, A. M. dos, *O Bem Comum como um bem de todos e de cada um*, Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, Faculdade de Teologia, UCP, Lisboa, 2017.

SARDICA, J. M., *A receção da Doutrina Social de Leão XIII em Portugal* in *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos da História Religiosa*, 2ª série, Tomo XVI (2004) 367-383.

SARMENTO, M., *Metodologia Científica para a Elaboração Escrita e Apresentação de Teses*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2013.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *A Eucaristia faz a igreja*, 2ª Edição, SNL, Fátima 2018.

SILVA NUNES, T., *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica* in *Pastoral Catequética*, 5(2006) 75-80.

SIRBONI, S., *Conocer, celebrar y vivir la Eucaristía*, Ediciones SIGUEME Salamanca, 2014.

STILWELL, P., *Doutrina Social e Teologia*, in *Questões Sociais, Desenvolvimento e Política. Curso de Doutrina Social da Igreja*, Universidade Católica Editora, CESP, Lisboa 1994, 15-35.

TOVAR LEMOS, N., *O Príncipe e a Lavadeira*. 11ª ed., Edições Tenacitas, Coimbra, 2009.

Net Grafia

BORGES, João Pedro Teles, *A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica como contributo para uma escola inclusiva*, Braga, 2001, disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18316/1/Relat%C3%B3rio%20MCR%20-%20EMRC.pdf>, consultado em 13 de novembro de 2019.

BENTO XVI, *Ângelus*, Domingo, 29 de julho de 2012, consultado em 22 de agosto de 2019.

BENTO XVI, *Audiência geral*, Praça de São Pedro, Quarta-feira, 20 de Abril de 2011, disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110420.html, consultado em 13 de novembro de 2019.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Responsabilidade Solidária pelo Bem comum*, Secretariado Geral da CEP, nº10, disponível em <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/responsabilidade-solidaria-pelo-bem-comum/>, consultado em 14 de novembro de 2019

ESCOLA SALESIANA DE MANIQUE, *Projeto Educativo de Escola*, documento disponível em http://www.manique.salesianos.pt/escola/projeto-educativo-de-escola_, consultado em 13 de dezembro de 2019.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE MANIQUE, *O Sistema Preventivo*, disponível em <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/pastameteducativo/o-sistema-preventivo>, consultado em 13 de dezembro de 2019.

FRANCISCO, *Discurso aos participantes na Assembleia Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 13 de fevereiro de 2014, disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html, consultado em 13 de dezembro de 2019.

MACHADO, António, *Proverbios y Cantares, XXIX*, in Campos de Castilla, 1912, disponível em <https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2013/09/17/caminhante-antonio-machado>, consultado em 15 de dezembro de 2018.

MAGALHÃES, A., *A partilha do pão como um dar-se*, Relatório Final da PES, Universidade Católica Portuguesa, 2016, disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20795/1/>, consultado em 5 de abril de 2019.

MONTEIRO, C. L., “A fome injusta como desequilíbrio ecológico”, in *Observatório da Cultura*, n.º 22 (novembro 2015), disponível em http://www.snpcultura.org/afome_injusta_como_como_desequilibrio_ecologico.html, consultado em 16 de maio de 2017.

PAIVA, Paulo, “Sete primeiras comUnidades cristãs”, in *Família Cristã*, revista eletrónica, de 29/11/2016, 54-56 disponível em <https://familiacrista.paulus.pt/sete-primeiras-comUnidades-cristas>, consultado em 10 de junho de 2019.

PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*, n.º 41, 8 de dezembro 1975, disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html, consultado a 23 de abril de 2019.

PEREIRA, M. A. de Sousa, *O Jesus da aula e o Cristo da Catequese A complementaridade e a distinção entre a EMRC e a Catequese. O específico e as finalidades da disciplina*. Lisboa, 2018, disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/25760/1/RELAT%C3%93RIO%20FINAL%20DA%20PES_MARCO%20PEREIRA.pdf, consultado em 14 de novembro de 2019

PONTIFÍCIO CONSELHO «COR UNUM», *A Fome no mundo*, Vatican, 4 de outubro de 1996 disponível em

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/corunum/documents/rc_pc_corunum_doc_04101996_world-hunger_po.html, consultado em 10 de dezembro de 2019.

ONU Brasil, “Fome aumenta no mundo e atinge 820 milhões de pessoas, diz relatório da ONU”, disponível em <https://nacoesunidas.org/fome-aumenta-no-mundo-e-atinge-820-milhoes-de-pessoas-diz-relatorio-da-onu/>, consultado em 2 de janeiro de 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Vaticano 2004, em http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html, consultado em 24 de abril de 2019.

SANTOS, António Francisco dos, *Nota Pastoral sobre Educação Moral e Religiosa Católica* (EMRC), Aveiro, 24 de junho de 2012, disponível em <http://www.educris.com/v2/29-destaques/2164-nota-pastoral-sobre-educacao-moral-e-religiosa-catolica-emrc>, consultado em 24 de abril de 2019.

SANTOS, António Francisco dos, *Educar é ver mais longe*, Nota Pastoral sobre a Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Aveiro, julho 2011, disponível em https://moldaraterra.blogspot.com/2011_07_03_archive.html, consultado em 23 de abril de 2019.

SILVA, A.M. da, “O cuidado de si e a alteridade: sobre a possibilidade de uma formação ético-estética”, in *Anais da 37.ª Reunião Científica da ANPEd.*, Florianópolis, outubro de 2015, disponível em <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-3744.pdf>, consultado em 29 de abril de 2019.

THEOBALD, CHR., *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco (1ª parte)*, em observatoriodaevangelizacao.com, <https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2016/09/15/o-ensino-social-da-igreja-segundo-o-papa-francisco/>. consultado em 24 de abril de 2019.

VATICAN NEWS, “Papa na catequese: alimento não é propriedade privada”, disponível em <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-na-catequese-alimento-nao-e-propriedade-privada/>, consultado em 5 de abril de 2019.